



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências Sociais e Humanas

# **Reminiscência Individual e Reminiscência Conjunta de Pais de Crianças em Idade Pré- escolar e Escolar**

**Ana Carolina Cardoso Alves dos Santos**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Psicologia**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutora Rosa Marina L. B. Martins Afonso

**Covilhã, Outubro de 2013**



# Dedicatória

Dedico este trabalho a meus pais, Fátima e Fernando, que por tanto me amarem me ensinaram a sonhar (sem medo) e a persistir. Sois a minha força, o meu porto seguro.



# Agradecimentos

Agradeço a todos os participantes neste estudo, especialmente às instituições que generosamente facilitaram o contacto com os mesmos. Sem estes, indubitavelmente este trabalho não teria sido concretizado.

Porque foram parte integrante e o seu contributo foi inestimável, agradeço também:

Á Prof. Doutora Rosa Marina Afonso, pelo incondicional apoio e inúmeros ensinamentos, pela motivação e vontade de querer ir sempre mais além, pelo sorriso tantas vezes apaziguador, pelo exemplo de profissionalismo e excelência pelo qual me guio e guiarei. Saiba que será sempre um exemplo!

Ao Prof. Doutor Henrique Pereira, pela generosidade dos conhecimentos empregues nesta dissertação.

Á minha colega Daniela, indispensável nesta jornada. Que este companheirismo que a ciência uniu permaneça.

A meu avô que me ensinou a nunca desistir e me demonstrou que a teimosia pode ser uma virtude, quando nos impede de resignar. Pelas saudades imensas que te tenho.

Á minha avó e às minhas tias, pelos gestos de incondicional carinho e ternura, pela eterna dedicação e exemplo que são na minha vida.

Á Zé e á Maria Miguel, por me demonstrarem e ensinarem que há família que se escolhe, que é do coração.

À Maria por todo o apoio, por acreditar em mim, por me ensinar o que é ter e ser uma irmã.

A eles e ao Pedro, a elas e à Maria Manuel, por perdoarem as sucessivas ausências, por estarem nos bons e maus momentos, por serem os de sempre, sempre.

A vocês (Mariana, Rosa, Teresa e Carolina) e a ti Raquel, pela amizade, pela força, pelas gargalhadas, pelos imensos bons momentos que jamais serão esquecidos!

À musica, que mais alento me trás nos bons e maus momentos! Pela inspiração que foi, é e será!



# Resumo

A reminiscência individual é um processo realizado socialmente ou de um modo privado, comum a todos os seres humanos e presente em todas as fases de desenvolvimento, que implica a recuperação de memórias acerca de acontecimentos passados. Dentro do contexto social em que este processo se desenvolve, surge a reminiscência conjunta, entre cuidador-criança, considerado um modo de interação privilegiado entre pais e filhos, e que se centra nas conversas acerca do passado que o cuidador e a criança têm.

Sendo o principal objetivo deste estudo avaliar e analisar se as funções com que o sujeito utiliza a reminiscência individual se relacionam com as funções com que este usa a reminiscência conjunta, procedeu-se à adaptação para a população portuguesa da *Reminiscence Function Scale* (Webster, 1993). Para tal, aplicou-se a uma amostra de 329 cuidadores de crianças em idade pré-escolar e escolar com uma média de idades de 38 anos (DP = 5.42): um questionário sociodemográfico, a Escala de Funções da Reminiscência e a Escala de Funções da Reminiscência Conjunta.

Os resultados obtidos permitem estabelecer uma relação entre as funções da reminiscência individual e da reminiscência conjunta, acrescentando evidências empíricas da existência de diferenças estatisticamente significativas entre as funções da reminiscência individual e as variáveis, habilitações literárias e faixa etária e entre as funções da reminiscência conjunta e as variáveis género, habilitações literárias do cuidador e idade da criança.

## Palavras-chave

Reminiscência Individual, Reminiscência Conjunta, Crianças, Cuidadores, RFS e CRS.





# Abstract

Individual reminiscence is a process common to all human beings, carried out socially or in a private way, and present at each stage of human development, which implies the recovery of memories about past events. Within the social context that this process occurs, arises joint reminiscence (caregiver-child), a privileged considered way of interaction between parents and children, which focuses the conversations about the past that both the caregiver and the child have.

Assess and analyse if the functions which a subject uses the individual reminiscence would be related with the functions that one uses the joint reminiscence was the main purpose of this paper. It was proceeded the adaptation of the *Reminiscence Function Scale* (Webster, 1993) to the Portuguese population. To accomplish this objective, it was administered a sociodemographic questionnaire, the Reminiscence Functions Scale and the Caregiver-child Reminiscence Scale, to a sample of 239 caregivers of children in pre-school and school education, with a mean of ages of 38 years old (SD= 5.42).

Given the obtained results, it is possible to establish a relationship between individual reminiscence functions and join reminiscence functions, adding empirical evidences of statistical significant differences, between individual reminiscence functions and the variables educational qualifications and age group; and between joint reminiscence functions and the variables gender, educational qualifications of the caregiver and age of the children.

## Keywords

Individual Reminiscence, Joint Reminiscence, Children, Caregivers, RFS, CRS.



# Resumen

La reminiscencia individual es un proceso realizado socialmente o de una manera privada, común a todos los seres humanos y está presente en todas las fases de desarrollo, que supone la recuperación de memorias acerca de eventos pasados. Dentro del contexto social en que este proceso se desarrolla, surge la reminiscencia conjunta entre cuidador y niño, considerado un modo de interacción privilegiado entre padres e hijos, y que se centra en las conversaciones sobre el pasado que el cuidador y el niño tienen.

Siendo el principal objetivo de este estudio evaluar y analizar las funciones con que el sujeto utiliza la reminiscencia individual se relacionan con las funciones con que lo mismo utiliza en la reminiscencia conjunta, se procedió a la adaptación para la población portuguesa de la *Reminiscence Function Scale* (Webster, 1993). Para tal, se aplicó a una muestra de 329 cuidadores de niños en edad preescolar y escolar, con una media de edades de 38 años ( $DE= 5.42$ ): un cuestionario sociodemográfico, la Escala de Funciones de la Reminiscencia e la Escala de Funciones de la Reminiscencia Conjunta.

Los resultados obtenidos permiten establecer una relación entre las funciones de la reminiscencia individual y de la reminiscencia conjunta, añadiendo evidencias empíricas de la existencia de diferencias estadísticamente significativas entre las funciones de la reminiscencia individual y las variables titulaciones y grupo etario y entre las funciones de la reminiscencia conjunta y las variables género, titulaciones del cuidador y edad de el niño.

## Palabras clave

Reminiscencia Individual, Reminiscencia Conjunta, Niños, Cuidadores, RFS, CRS.



# Índice

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Resumen

Lista de Figuras

Lista de Tabelas

Lista de Acrónimos

Introdução

## PARTE I - PARTE TEÓRICA

<b>1. Reminiscência</b>	<b>3</b>
1.1. Reminiscência e Memória Autobiográfica	5
1.2. Perspetiva do Ciclo Vital e Reminiscência	8
1.3. Modelo Heurístico da Reminiscência	9
1.3.1. Estímulos para a Reminiscência	10
1.3.2. Modalidades de Reminiscência	11
1.4. Fatores relacionados com a Reminiscência	11
1.4.1. Influências socioculturais e Reminiscência	11
1.4.2. Família e Reminiscência	12
1.4.3. Moderadores da Reminiscência	12
1.5. Terapia da Reminiscência	15
1.6. Perspetiva Funcional da Reminiscência	16
1.7. Instrumentos de Avaliação	18
1.7.1. Reminiscence Function Scale	19
1.7.2. Resultados obtidos em estudos	21

<b>2. Reminiscência Conjunta</b>	<b>23</b>
2.1. Amnésia Infantil	25
2.2. Suporte Parental para a Autonomia	27
2.3. Grau de Elaboração e Reminiscência	28
2.4. Conteúdo da Reminiscência Conjunta	30
2.5. Vinculação e Reminiscência Conjunta	31
2.6. Diferenças de género na Reminiscência Conjunta	32
2.7. Diferenças Culturais na Reminiscência Conjunta	33
2.8. Funções da Reminiscência Conjunta	34

## **PARTE II - PARTE EMPÍRICA**

<b>3. Metodologia do Estudo</b>	<b>41</b>
3.1. Enquadramento e objetivos de investigação	41
3.2. Método	42
3.2.1. Desenho da investigação	42
3.2.2. Participantes	42
3.2.3. Instrumentos	45
3.2.4. Procedimentos	47
3.2.5. Análise de dados	49
<b>4. Resultados</b>	<b>52</b>
4.1. Adaptação da Reminiscence Function Scale para a população portuguesa	52
4.2. Resultados	57
<b>5. Discussão dos resultados e conclusões</b>	<b>70</b>

## **Bibliografia**

## **Anexos**

# Lista de Figuras

**Figura 1.** Distribuição hierárquica da Memória Autobiográfica (adaptado de Pergher & Stein, 2008);

**Figura 2.** Modelo Heurístico dos componentes da Reminiscência (adaptado de Webster, Bohlmeijer & Westerhof, 2010);

**Figura 3.** Modelo circunflexo das funções da reminiscência de Webster (2003);

**Figura 4.** Frequência absoluta (n) e porcentagem (%) de crianças para cada uma das idades descritas;

**Figura 5.** Valor da média obtida a dividir pelo número de itens constituintes de cada função da RFS (frequência relativa de cada função);

**Figura 6.** Valor da média obtida a dividir pelo número de itens constituintes de cada função da CRS (frequência relativa de cada função).





# Lista de Tabelas

**Tabela 1.** Esquematização do desenvolvimento de competências, na criança para participar no processo de reminiscência;

**Tabela 2.** Funções da reminiscência conjunta e respetiva descrição das mesmas;

**Tabela 3.** Caracterização da amostra, dados sociodemográficos (N = 329);

**Tabela 4.** Mediana, Mínimo, Máximo e Medidas de Assimetria ( $Sk$ ) e Curtose ( $Ku$ ) com respetivos rácios críticos ( $Sk/SE_{sk}$ ;  $Ku/SE_{ku}$ ) para os itens 43 itens da RFS versão portuguesa (N= 329)

**Tabela 5.** Pesos fatoriais obtidos na análise fatorial exploratória, consistência interna (Alpha de Cronbach), Eigenvalue, Variância Explicada e Correlação entre fatores da RFS (calculado pelo coeficiente de correlação de Pearson) (N= 329);

**Tabela 6.** Média obtida em cada uma das funções da RFS e respetiva medida global, análise da frequência do uso de cada função (N= 329);

**Tabela 7.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de participantes dos géneros feminino e masculino, nas funções da RFS (calculado pelo Tstudent) (N= 329);

**Tabela 8.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de participantes com habilitações literárias distintas, nas diferentes funções da RFS (calculado através da ANOVA) (N= 329);

**Tabela 9.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de participantes de faixas etárias diferentes, nas funções da RFS (calculado pelo Tstudent) (N= 329).

**Tabela 10.** Média obtida em cada uma das funções da CRS e respetiva pontuação global, análise da frequência do uso de cada função (N= 313);

**Tabela 11.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de cuidadores dos géneros feminino e masculino, nas funções da CRS (calculado pelo teste Tstudent) (N= 313);

**Tabela 12.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de cuidadores com habilitações literárias distintas, nas funções da CRS (calculado pelo teste ANOVA) (N= 313);

**Tabela 13.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de crianças dos géneros feminino e masculino, nas funções da CRS (calculado pelo teste Tstudent) (N= 313);

**Tabela 14.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de crianças com idades pré-escolar e escolar, nas funções da CRS (calculado pelo teste Tstudent) (N= 313);

**Tabela 15.** Resultados do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson entre as funções da RFS e as funções da CRS (N= 329).

# Lista de Acrónimos

<b>SPSS</b>	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
<b>RFS</b>	<i>Reminiscence Functions Scale</i>
<b>CRS</b>	<i>Caregiver-child Reminiscence Scale</i>
<b>N</b>	Número de sujeitos da amostra total
<b>n</b>	Número de sujeitos por grupo
<b>M</b>	Média
<b>DP</b>	Desvio-Padrão
<b>p</b>	Nível de significância
<b>t</b>	Teste t de <i>Student</i>
<b>ANOVA</b>	Análise da Variância
<b>r</b>	Coeficiente de Correlação de Pearson



# Introdução

A reminiscência é um processo comum a todos os seres humanos, presente em todas as fases de desenvolvimento e que implica a recuperação de memórias acerca de acontecimentos passados que os sujeitos tenham vivenciado (Webster & McCall, 1999). Recuperar acontecimentos autobiográficos, pode ser um processo espontâneo, desencadeado por sons, cheiros, imagens ou outros estímulos, ou deliberado, quando este é induzido com determinados propósitos (Pinquart & Forstmeir, 2012). Este processo pode ainda envolver quer a recuperação de episódios felizes, quer a recordação de episódios que gerem sentimentos negativos podendo ser realizado de forma privada ou social, ou seja, realizado com outros (Bohlmeijer, Westerhof & Jong, 2008).

Dentro do contexto social, surge o processo de reminiscência conjunta entre cuidador-criança, considerado um modo de interação privilegiado entre pais e filhos, e que se centra nas conversas acerca do passado que o cuidador e a criança têm quer acerca de acontecimentos que ambos tenham partilhado, quer relativamente a acontecimentos que só tenham sido vivenciados pela criança (Kulkofsky & Koh, 2009). Segundo a revisão bibliográfica efetuada no âmbito desta dissertação, pode-se considerar que a reminiscência conjunta é um contexto privilegiado que desempenha um papel significativo no desenvolvimento de aspetos cognitivos, sociais e emocionais na criança (e.g. Fivush, Marin, McWilliams & Bohanek, 2009; Reese, Leyva, Sparks & Grolnick, 2010; Wareham & Salmon, 2006).

O presente estudo assume como principal objetivo analisar e avaliar se as funções da reminiscência individual e as funções da reminiscência conjunta (entre cuidador-criança) se relacionam. Para que tal objetivo fosse cumprido foi necessário proceder-se à tradução e adaptação da *Reminiscence Functions Scale* (RFS), desenvolvida por Webster (1993) e que avalia as diferentes funções da reminiscência individual. Simultaneamente avaliou-se ainda se existem diferenças no uso das funções da reminiscência individual, avaliada pela RFS e conjunta, avaliada pela CRS consoante o género, faixa etária e habilitações literárias dos cuidadores, e idade e género das crianças.

Esta dissertação encontra-se organizada em duas partes distintas, a teórica e o estudo empírico. Nesta primeira parte apresenta-se o estado da arte relativamente à temática tratada, estando organizada em dois grandes capítulos, a Reminiscência e a Reminiscência Conjunta compostos por subcapítulos, que abordam os vários aspetos associados a estes constructos. Na segunda parte descreve-se o processo de adaptação da escala, procede-se à análise dos dados recolhidos e posterior debate dos resultados obtidos. Por fim, reflete-se sobre as limitações e pontos positivos deste trabalho, sugerindo-se futuras linhas orientadoras para novas investigações.



## **PARTE I - PARTE TEÓRICA**





# 1. Reminiscência

Parece ser transversal a todas as fases de desenvolvimento e culturas (Wang, 2001) que, por volta dos 3 anos de idade os seres humanos pensam e falam acerca das suas experiências passadas (Reese & White, 2010). Esta é uma tarefa realizada com alguma frequência, sendo que segundo os resultados dos estudos analisados, 14 % das ocasiões despendidas em interações sociais, envolvem a partilha de informações acerca do passado (Pasupathi & Cartensen, 2003). Os investigadores e teóricos têm argumentado ainda que a capacidade de recordar informações pessoais passadas, durante longos períodos de tempo, é uma atividade exclusivamente humana e surpreendente, ainda que comum (Conway, 2005). Assim, um homem de 70 anos pode sentar-se no seu banco de jardim, sorrindo sozinho ao recordar as suas idas aos bailes, onde acabou por conhecer a sua atual esposa, tal como uma aluna universitária pode durante o período de almoço, rir-se com as suas amigas ao recordar a ansiedade que todas sentiram no primeiro dia de praxe. Assim, a questão que maior interesse gera aos investigadores é: “Porque é que os seres humanos recordam tanta informação de acontecimentos passados durante longos períodos de tempo?”. A resposta que a comunidade científica mais refere, é a de que os sujeitos recordam porque as memórias cumprem funções psicossociais muito importantes (Bluck & Alea, 2009; Neiser, 1978 cit in Bluck & Alea, 2009).

Relembrar o próprio passado, ou reminiscência, é uma forma fundamental de memória episódica. Recuperar estes conteúdos autobiográficos serve assim, um amplo conjunto de funções psicológicas e sociais relevantes (Rasmussen & Berntsen, 2009). A análise deste fenómeno mnésico, a reminiscência, tem atraído o interesse de investigadores e teóricos de diferentes áreas científicas, sendo esta, parte integrante de teorias emergentes e estudos empíricos nos domínios da personalidade (e.g. Cappeliez & O'Rourke, 2002), saúde mental no idoso (e.g. Latorre et al., 2012), auto desenvolvimento, gerontologia narrativa, entre outras áreas (e.g. Robinaugh & McNally, 2010).

A perspetiva da reminiscência tem-se tornado cada vez mais popular, principalmente na promoção da saúde mental de pessoas mais velhas (e.g. Bohlmeijer, Roemar, Cuijpers & Smit, 2007; Werterhof, Bohlmeijer & Webster, 2010). Há acerca de 30/40 anos atrás, no entanto, este era um conceito mais associado à senilidade no idoso, existindo o preconceito de que este comportamento seria o causador ou influenciava o surgimento de demência. Falar acerca do passado, era assim um comportamento ativamente desencorajado nos lares e centros de dia, constituindo assim, a alteração desta forma de abordar a reminiscência um ato marcante quer a nível social, quer a nível da prestação de cuidados de saúde física e psicológica (Coleman, 2005). Atualmente, este processo é investigado em múltiplas disciplinas, quer de uma perspetiva mais teórica a uma mais aplicada, incluindo áreas como a enfermagem, a terapia ocupacional, o serviço social, a educação, a teologia, a gerontologia (e.g. Latorre et al., 2012; Serrano et al., 2006) e diversas áreas da psicologia como a evolutiva, a de personalidade, a cognitiva ou a social (Coleman, 2005).

Robert Butler (1963) cit in Webster, Bohlmeijer & Westerhof, 2010, foi o pioneiro, tendo-se centrado na importância da reminiscência e da revisão da vida como um processo psicológico que melhora a adaptação com êxito dos idosos às diferentes etapas do ciclo de vida. Butler destacou este conceito a partir da observação clínica, nos domínios da psiquiatria e da gerontologia, de um aumento da reminiscência nos idosos, conceptualizando assim este conceito como um processo natural de revisão da vida de uma forma espontânea, que se caracteriza pelo progressivo retorno, de forma consciente, de experiências passadas e em particular o ressurgimento de conflitos não resolvidos. Butler hipotetizou ainda, que este processo era causado pelo facto de se aproximar o final do ciclo de vida ou morte e a incapacidade de manter um sentido pessoal de invulnerabilidade. Ainda que tenha reconhecido que as pessoas de todas as idades levam a cabo o ato de rever o seu passado esporadicamente e que qualquer crise pode precipitar este mesmo processo, Butler salientou que o processo de revisão da vida é mais intenso e observado com maior frequência nos idosos (Butler, 1974).

Atualmente considera-se que esta hipótese de conceptualização é limitada e não sustentada, uma vez que já estão a ser desenvolvidas investigações com crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos (e.g. Kulkofsky, 2011; Reese & Brown, 2000; Schroder, Kartner, Keller & Chaudhary, 2012). Posteriormente, Butler (1963) cit in Webster et al. (2010) conceptualizou que a reminiscência é um processo de intervenção terapêutica através do qual, a recordação ou memórias autobiográficas, podem ajudar os idosos na tarefa de clarificar, aprofundar e encontrar um sentido para o que foi obtido ao longo das suas vidas. (Butler, 1974). Ou seja, a reminiscência utilizada pelos idosos, desempenha um papel particular na teoria do desenvolvimento laborada por Erick Erickson, uma vez que a última tarefa psicossocial deste ciclo, refere que para alcançar a integridade, é necessário que o sujeito aceite o seu próprio ciclo de vida como algo imutável, que teve de ocorrer da forma que ocorreu. O processo de revisão da vida pode aplicar-se como ferramenta de intervenção terapêutica, em problemas psicológicos como: a autoestima, a depressão, a ansiedade, e outras perturbações, ainda que os resultados obtidos nos estudos sejam divergentes (Pinquart & Forstmeir, 2012).

Quanto à relação entre reminiscência e saúde mental, a investigação indica que alguns dos usos da reminiscência (e.g. apoiar a procura de coerência e significado na vida do sujeito) são promotores da saúde, nomeadamente ao nível da autoestima e satisfação com a vida (Bohlmeijer et al., 2007). Por outro lado, a investigação também sugere que outros tipos de reminiscência tais como a recuperação de memórias relacionadas com oportunidades perdidas e infortúnios se encontram relacionados com resultados negativos na saúde mental, tais como uma diminuição na satisfação com a vida e sofrimento psicológico (Pinquart & Forstmeir, 2012).

## 1.1. Reminiscência e Memória Autobiográfica

Desde que Neisser's pediu aos psicólogos cognitivos que se descentrassem do estudo da memória em contexto laboratorial e passassem para o mundo real, que muitos se têm dedicado ao estudo e compreensão da memória autobiográfica, sendo esta a memória de longa duração para eventos pessoais. A partir deste momento tem surgido muita informação acerca da memória autobiográfica, existindo um conjunto de estudos que descrevem os processos neurológicos, cognitivos e sociais indispensáveis para o desenvolvimento da memória autobiográfica durante a primeira infância (e.g. Nelson & Fivush, 2004).

Ao longo do tempo, foram atribuídas distintas classificações aos vários tipos de memórias, sendo que, com base no modelo de multi-armazenamento proposto por Atkinson e Shiffrin (1968) cit in Carneiro (2008) uma das mais antigas classificações, estabelece uma divisão entre memória sensorial, memória a curto prazo e memória a longo prazo. Segundo este modelo, cada tipo de memória representa o armazenamento existente num determinado estágio do processamento da informação (Pergher & Stein, 2008). Em suma, a informação é recebida na zona de armazenamento sensorial onde se mantém durante poucos segundos ou frações de segundo após o desaparecimento do estímulo, segue para a zona de armazenamento a curto prazo, onde só permanece parte da informação durante cerca de um minuto e por fim ou é esquecida ou se processada, passa para o armazenamento a longo prazo onde pode permanecer indefinidamente (Carneiro, 2008; Pergher & Stein, 2008).

Uma vez que se verificou lacunas neste modelo na explicação da manutenção temporária da informação enquanto são executadas operações mentais, Baddeley e Hitch (1974) cit in Carneiro (2008) propuseram o modelo de memória de trabalho. De acordo com este, a informação é temporariamente mantida durante a execução de determinadas operações mentais, podendo ser classificada, organizada e relacionada com outra informação que já se encontra retida na memória (Pergher & Stein, 2008).

Quanto à memória a longo prazo, esta não é um sistema unitário, sendo que Tulving (1972) cit in Pergher & Stein (2008) propõe pela primeira vez a distinção de dois sistemas, a memória semântica (que representa o armazenamento do conhecimento geral acerca do mundo e que se relaciona com o significado das palavras e conceitos) e a memória episódica ou autobiográfica (que se refere ao armazenamento de acontecimentos pessoais ocorridos num lugar e num tempo particulares). Posteriormente, Tulving inclui ainda, um tipo de memória adicional designada de procedimental e que envolve a aquisição de conhecimento que não é acedido de uma forma consciente, incluindo a aprendizagem de hábitos, competências, priming e algumas formas condicionamento clássico (Carneiro, 2008; Pergher & Stein, 2008).

As memórias autobiográficas são recuperações específicas de acontecimentos experienciados pessoalmente (Cala & Mata, 2010). Segundo o modelo de Conway e Pleydell-Pearce (2000), as memórias autobiográficas são construções mentais transitórias, que resultam de um conhecimento de base subjacente e que têm três níveis de representação do

conhecimento autobiográfico: os períodos de vida (nível mais elevado e que representa longos períodos de tempo); os acontecimentos gerais (encontram-se num nível intermédio e referem-se a acontecimentos repetitivos ou únicos, mais abstratos que concretos, que resumem experiências) e conhecimento de acontecimentos específicos (referem-se a aspetos concretos e específicos de um acontecimento único).

Os modelos teóricos explicativos da Memória Autobiográfica tendem a concordar, que esta se organiza de uma forma hierárquica (ver figura 1) composta por níveis mais específicos e outros mais genéricos. No nível mais específico encontram-se as memórias de acontecimentos que possuem uma localização temporal e espacial definidas, cuja duração é inferior a um dia, sendo que como exemplo podemos considerar: o dia da bênção de finalistas, o primeiro dia de aulas ou o dia do casamento. No nível mais genérico, estão as recordações de períodos da vida ou memórias estendidas e as recordações de categorias de eventos ou memórias categóricas. Respetivamente, as primeiras possuem um início e final definidos, porém com uma duração superior a um dia, tal como as festas do primeiro ano de faculdade, ou as reuniões do primeiro ano de estágio, dado possuírem um início e fim definidos (primeiro ano). As segundas referem-se a um conjunto de eventos temporalmente indefinidos como por exemplo, quando vou às compras ou às aulas (sem referência a um acontecimento específico e sem informação referente ao período em que tal eventos ocorreram) (Pergher & Stein, 2008).

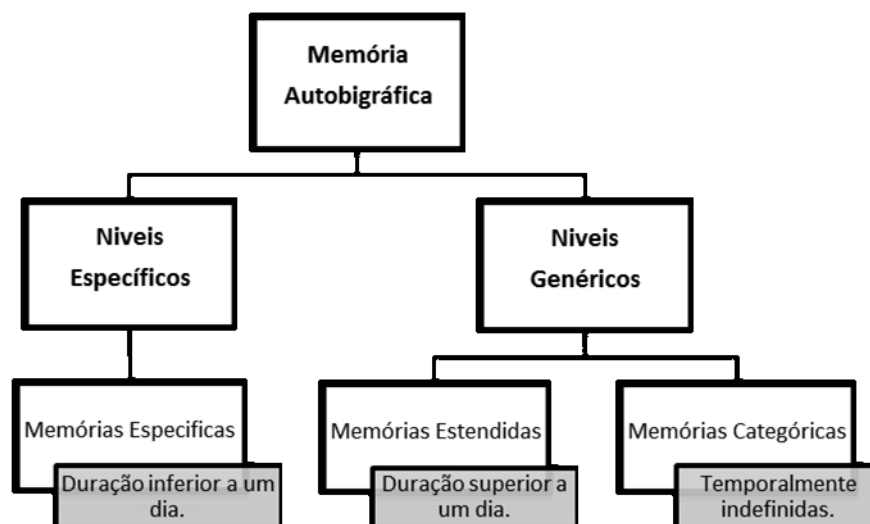


Figura 1. Distribuição hierárquica da Memória Autobiográfica (adaptado de Pergher & Stein, 2008).

Uma importante característica das memórias autobiográficas é o facto de se tornarem cada vez mais dependentes da linguagem com o desenvolvimento. Seguindo a linha de Rubin (1986, cit in Reese & Brown, 2000) as memórias pessoalmente relevantes são frequentemente apresentadas verbalmente, através de relatos do passado com e para outras pessoas. Estes relatos do passado podem não refletir exatamente a representação do evento original. Uma segunda característica da memória autobiográfica é que esta é predominantemente social (Nelson, 1993). Apesar de nós, enquanto adultos, nos empenharmos numa certa quantidade de reminiscência privada, amplamente recordamos o passado, para preencher funções sociais, tais como informar outros de como nós somos, através do relato do que já experienciámos, ou construir laços de proximidade com outros através da discussão ou partilha de experiências (Reese & Brown, 2000).

Os teóricos que se dedicam ao estudo do desenvolvimento da memória autobiográfica proliferaram. Da investigação realizada acerca dos pré-requisitos para que uma memória seja considerada autobiográfica, a mais proeminente foram a teoria da autoconsciência (Buckner & Fivush, 1998). A teoria da autoconsciência define como pré-requisitos da memória autobiográfica, o surgimento do auto reconhecimento ao espelho no segundo ano de vida ou o reconhecimento do passado do próprio, no quarto ano de vida. Já outros investigadores referem que a verdadeira memória autobiográfica não pode ser desenvolvida, até que a criança comece a avaliar a distinção entre recordar e saber algo acerca de determinado acontecimento no final da primeira infância (Reese & Brown, 2000). Um segundo grupo de teóricos incluiu no desenvolvimento da memória autobiográfica, uma gama mais ampla de potenciais influências, assim num estudo clássico realizado por Baddeley (1988) cit in Addis & Tippett (2004), este salienta que a memória autobiográfica é o repositório de informação acerca do auto conceito, sugerindo que a perda de acesso à identidade biográfica (e.g. através de lesões cerebrais ou acesso limitado a estímulos familiares, como pode ocorrer em cuidados prolongados negligentes) pode resultar no surgimento de dificuldades em manter um auto conceito preciso (Addis & Tippett, 2004).

Ainda relativamente às investigações (Rathbone, Moulin & Conway, 2008) no campo da memória, os dados obtidos sugerem que a estruturação da personalidade é influenciada pela construção das histórias de vida baseadas nas memórias autobiográficas, que se relacionam intimamente com os objetivos de vida dos sujeitos, as suas emoções e os significados pessoais que este atribui a cada acontecimento (Rathbone et al., 2008). O sentido de identidade do sujeito depende assim, da sua capacidade de recordar a sua história de vida (memórias definidoras do self) (Rathbone et al., 2008).

Em suma, uma vez que de modo sucinto o processo de reminiscência consiste na recuperação de memórias autobiográficas, é necessário compreender de que forma acedemos às nossas memórias de acontecimentos pessoais passados assim como compreender de que modo esta informação é codificada.

## 1.2. Perspetiva do Ciclo Vital e Reminiscência

Para que seja possível estabelecer um modelo que contemple os parâmetros teóricos gerais inerentes ao processo de reminiscência, segundo Webster et al. (2010), deverá ter-se em conta a perspetiva evolutiva do ciclo vital, que se baseia num conjunto de pressupostos acerca do desenvolvimento, especificamente: que o crescimento decorre durante toda a vida; é multicausal (as condições biopsicossociais influenciam de forma interativa o desenvolvimento); é multidirecional (os diferentes comportamentos podem alterar a direção, velocidade e frequência em diversos momentos); é compreendido de forma multidisciplinar; baseia-se no conceito de plasticidade (a noção de capacidade de reserva); é o resultado dos ganhos e perdas que o sujeito tem ao longo da vida; e estrutura-se de forma hierárquica, em contextos mutuamente interativos, estando determinado por aspetos tanto individuais como históricos e culturais.

Webster (1994) argumentou assim que o processo de reminiscência, tal como referem os primeiros pressupostos da perspetiva do ciclo vital, ocorre em todas as fases do ciclo de vida e é multicausal, ou seja, as motivações psicológicas intrínsecas interatuam com os aspetos sociais em que a personalidade se desenvolve. Já os comportamentos associados ao processo de reminiscência podem alterar-se quanto à frequência e duração em função das situações vividas, o que é compatível com a terceira preposição (Webster & McCall, 1999). O quarto princípio é constatado a partir das múltiplas disciplinas que têm investigado a reminiscência, tal como já foi referido. Por último, a investigação clínica focada na demência, é consistente com os, quinto e sexto princípios, demonstrando inclusive que durante as últimas etapas do processo de demência, podem surgir episódios lúcidos de recordações significativas, ainda que sejam breves. Por último, os processos de reminiscência variam consoante os contextos culturais e históricos em que o sujeito se insere, tal como referido no sétimo princípio (e.g. Keller & Geer, 2011; Kulkofsky, Wang & Koh, 2009; Schroder et al., 2013; Schroder, Kartner, Keller & Chaudhary, 2012; Tõugu, Tullviste, Schroder, 2011).

Segundo os resultados obtidos no estudo realizado por Bluck & Alea (2009) que utilizou a “Future Time Perspective Scale”, os adultos mais jovens e os idosos demonstraram ambas variações no uso funcional das memórias autobiográficas, o que sugere que as funções da memória autobiográfica estão intimamente relacionadas com as tarefas desenvolvimentais das diferentes fases do desenvolvimento.

Ainda relativamente à distribuição das memórias autobiográficas ao longo do ciclo de vida os investigadores identificaram um fenómeno, consistentemente reiterado por dados obtidos em diversas investigações (e.g. Dickson, Pellemer & Bruehl, 2011; Haque & Hasking, 2010; Thomsen, Pillemer & Ivcevic, 2011), denominado de reminiscência bump e que se refere à recuperação aprimorada e desproporcional de memórias de acontecimentos que ocorreram entre os 15 e 30 anos, numa fase posterior do desenvolvimento (Gluck & Bluck, 2009). Este bump é especialmente pronunciado para memórias acerca de acontecimentos

personais vividos e importantes, sendo que ocorre relativamente a memórias positivas, mas não a negativas (Cappeliez, 2008; Janssen, Rubin & Jacques, 2011).

### **1.3. Modelo Heurístico da Reminiscência**

Os seres humanos têm a capacidade ou necessidade, de recuperar, elaborar e difundir narrativas acerca de si mesmos (Haden & Ornstein, 2009). Estas memórias autobiográficas recuperadas e narradas são estimuladas por determinados fatores, que neste modelo serão denominados de fatores precipitantes. Assim que estas memórias tenham sido ativadas os sujeitos trabalham com as mesmas a um nível privado ou público - modalidades de reminiscência. As recordações não ocorrem no vazio, estando por isso imersas em diversos contextos sociais (terceira categoria do modelo). Estas recordações uma vez localizadas e induzidas são filtradas através de uma série de diferenças individuais que têm o poder de modular características importantes. Assim, o processo de reminiscência tem um propósito além da simples recuperação, permitindo também aos sujeitos alcançar determinados objetivos psicossociais. Por último, recuperar o nosso próprio passado de uma forma específica (dependendo da função que tem para cada pessoa) produz um resultado, tal como o reforço do sentido de mestria-sabedoria ou da sua autoestima. Na linha do referido por Butler (1963) e do, posteriormente desenvolvido pela investigação, a reminiscência relaciona de uma forma dinâmica e recíproca o sujeito com o outro, tal como ilustra a figura 2 (Webster et al., 2010).

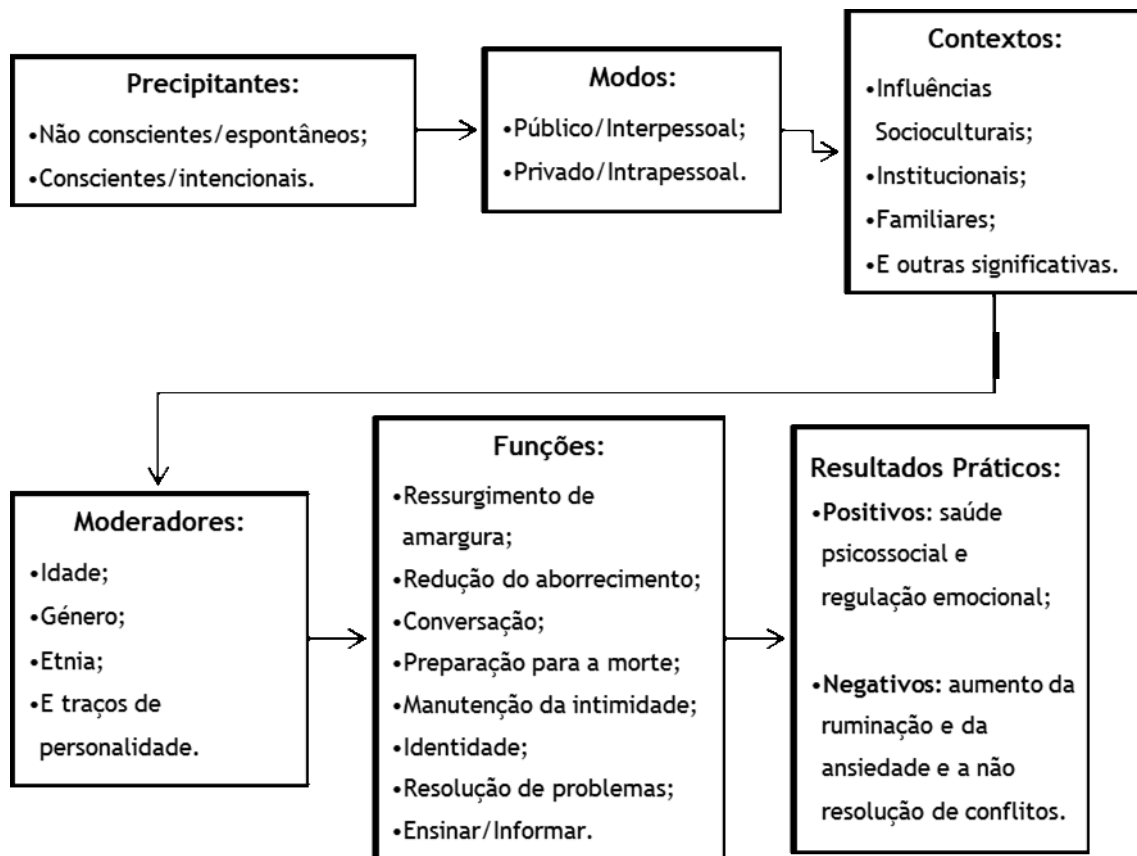


Figura 2. Modelo heurístico dos componentes da reminiscência (adaptado de Webster, Bohlmeijer & Westerhof, 2010)

### 1.3.1. Estímulos para a Reminiscência

É possível estimular memórias autobiográficas a partir de qualquer um dos sentidos (o tato, a visão, a audição, o olfato e o odor). Os processos internos, como por exemplo, as emoções ou os sonhos, podem gerar recuperações autobiográficas de forma específica (Cappeliez, 2008). Estas reminiscências não conscientes ou espontâneas partilham certas características gerais, sendo geralmente mais passivas, com um objetivo mais indefinido e executam-se com menos esforço. Rubin & Berntsen (2009) referiram também que as recordações involuntárias ou espontâneas são recordações autobiográficas mais específicas, menos recordadas e mais positivas que as recordações autobiográficas intencionais.

Por outro lado os profissionais que utilizam as terapias da reminiscência fornecem de forma explícita alguns estímulos à memória para ativar a sua recuperação (Pinquart & Forstmeir, 2012). Pode-se pedir diretamente ao sujeito que compartilhe ou narre perante outros, um acontecimento passado, história pessoal ou intencionalmente o sujeito pode dedicar-se a refletir sobre as experiências passadas com um objetivo específico, como por exemplo a recordação de um sucesso ocorrido (Rubin & Berntsen, 2009). Este grupo de fatores



conscientes ou intencionais parecem incluir processos de procura mais ativos, que implicam um maior e deliberado esforço. O ato de recordar é um meio para um fim, e não um fim em si mesmo. Por exemplo, a recuperação com sucesso de uma memória sobre uma discussão prévia com um amigo, ajuda a preparar o sujeito para futuras interações com este, sendo que o objetivo nesta situação não será somente recordar o conteúdo de episódios específicos, mas utilizar esta informação como parte de uma presente, passada ou futura estratégia de *coping* (Rubin & Berntsen, 2009).

### **1.3.2. Modalidades de Reminiscência**

Quanto às modalidades de reminiscência, podemos distinguir entre o estilo interpessoal, em que os sujeitos compartilham com os outros as suas memórias recorrendo à narrativa, e o estilo intrapessoal em que os sujeitos podem refletir de uma forma privada acerca dos episódios ou acontecimentos recuperados (Elford et al., 2005). As investigações realizadas com os veteranos de guerra demonstram como as experiências terroríficas vividas na guerra continuam a ser impossíveis de narrar de um modo interpessoal anos depois da sua ocorrência (Pereira & Monteiro-Ferreira, 2003). Os eventos privados e intrapessoais predominam na idade mais jovem, enquanto as funções interpessoais e o ato de recordar publicamente vão progressivamente tendo mais relevância a partir da idade da adultez (Webster & McCall, 1999).

## **1.4. Fatores relacionados com a Reminiscência**

### **1.4.1. Influências socioculturais e Reminiscência**

O processo de reminiscência não se produz no vazio. As nossas memórias quando ativadas são contextualizadas sob determinados parâmetros. Com a criação de mitos, lendas e contos populares, a cultura estabelece os parâmetros que geram e modulam as narrativas, desenvolvidas e aprovadas socialmente (e.g. Schroder et al., 2012; Tõugu et al., 2011; Kulkofsky et al., 2009; Schroder et al., 2013). Tõugu et al. (2011) assinalaram que as diferenças culturais permitem diversos graus de inovação na construção de uma identidade narrativa, no entanto são os contextos culturais que delimitam o que pode ou não ser contado. Numa investigação, Merriam (1993) examinou cerca de 300 adultos idosos a partir de um estudo centenário realizado na Georgia e centrado nas funções da reminiscência. Comparativamente aos sujeitos de raça caucasiana, os sujeitos africanos obtiveram uma maior pontuação, demonstrando diferenças estatisticamente significativas, em determinadas funções da reminiscência, tais como compreenderem-se a si próprios e ensinar aspetos da sua vida passada. Kulkofsky et al. (2009) encontraram resultados similares entre o tipo de

reminiscência utilizado por mães Americanas e Europeias e as mães Chinesas, sendo que as primeiras pontuaram mais em funções sociais (conversaço e manutençao da intimidade) e na de resoluçao de problemas.

Tambem os aspetos institucionais de uma cultura, como contextos religiosos e geopolíticos, podem ter grande influênciã nos processos de memória e nas recordaçoes recuperadas, através da possível sansao que estes promoverao face ao que irã ser narrado, como exemplo, Halbertal & Koren (2006) cit in Webster et al., (2010) ilustram como as narrativas contraditórias do judaísmo ortodoxo e tambem sobre gays/lésbicas, colocaram em perigo a formaçao da identidade destes grupos e as narrativas canônicas vinculadas a certos costumes e moralidade, o que influencia a determinaçao do tipo de recordaçoes que são consideradas oportunas. Blankenship, Molinari & Kunik (1996) demonstraram como determinadas funções da RFS, como por exemplo o ressurgimento da amargura e a reduçao do tédio, surgiam de forma significativamente maior no grupo de pacientes institucionalizados quando comparados ao grupo de moradores comunitários, o qual ilustra a importânciã do contexto, institucional vs ambiente comunitário, no uso da reminiscência.

Estudos recentes acerca das histórias de vida que incluem eventos/acontecimentos traumáticos históricos e culturais que influenciaram geraçoes, como por exemplo a segunda guerra mundial e o colapso do império soviético, ilustram como tais acontecimentos interferem com o normal desenvolvimento do processo de identidade, assim como com os potenciais resultados que tais experiênciãs podem causar na capacidade de avaliar e comunicar novas ideias, percepçoes, conhecimentos e valores (Pereira & Monteiro-Ferreira, 2003).

#### **1.4.2. Família e Reminiscência**

As dinâmicas familiares, o *status* e o poder que cada membro da família detém, assim como a influênciã de regras implícitas, determinam a forma como determinadas memórias serão relatadas. Bohanek, Marín & Fivush (2008) constataram que a expressao emocional e a explicaçao de memórias familiares por parte das mães contribuem para o desenvolvimento de uma autoestima positiva e um bom ajuste psicológico nos pré-adolescentes. Outros fatores, tais como as características das pessoas que escutam, os objetivos e habilidades do narrador, interagem entre si, contribuindo para os resultados do processo de reminiscência (Webster et al., 2010).

#### **1.4.3. Moderadores e Reminiscência**

Existem um conjunto de variáveis que podem influenciar o processo de reminiscência, mais concretamente o seu surgimento, desenvolvimento e o resultado. Trata-se de diferenças individuais que são referentes a variáveis que se alteram de forma lenta e previsível (como a

idade), que são mais estáveis (como a personalidade) ou fixas como por exemplo o gênero e a etnia.

#### **1.4.3.1. Idade**

Estudos realizados acerca da reminiscência durante o período da infância demonstraram como esta nas crianças mais pequenas (usualmente com 3 anos de idade) está relacionada com uma série de variáveis como o desenvolvimento, as competências linguísticas, o sentido de identidade, a capacidade narrativa, as competências da memória autobiográfica, o desenvolvimento socio emocional, entre outros (e.g. Bergen & Salmon, 2010; Fivush, 2007; Fivush, Haden & Reese, 2006; Kulkofsky, 2009; Leyva, Reese, Grolnick & Price, 2012; Morrison & Conway, 2010; Reese & Brown, 2000; Reese et al., 2010; Schroder et al, 2012). Outros estudos centraram-se no papel da reminiscência na formação da identidade dos adolescentes (e.g. Reese & White, 2010), tendo constatado que a reminiscência, nesta fase, está essencialmente relacionada com memórias acerca da percepção que os adolescentes têm da relação com os seus pais, e da relação que os seus pais tinham enquanto casal.

Os jovens adultos e os idosos diferem na frequência com que recordam acontecimentos autobiográficos e nos objetivos com que o fazem (Webster & McCall, 1999). As reminiscências dos idosos são utilizadas, principalmente, com a função de ensinar, manter a intimidade e de se prepararem para a morte. Contrariamente, os adultos jovens, tendem a recuperar acontecimentos autobiográficos relacionados com o reavivamento de momentos amargos, com a função de resolver problemas e manter a identidade (Nelson, 1993). A inclusão de grupos de sujeitos com idades distintas, é uma forma importante de estudar as funções da reminiscência. Compreendendo as diferenças e semelhanças da reminiscência em diferentes idades e, particularmente, como é que constructos relacionados variam em conjunto, ou não, permite uma melhor compreensão da função (Bluck & Alea, 2009).

#### **1.4.3.2. Personalidade**

Webster (1994) na investigação que realizou com a RFS concluiu que indivíduos que são mais extrovertidos apresentam maior probabilidade de recorrer ao processo de reminiscência para manter a interação social e a amizade.

#### **1.4.4.3. Género**

Os esquemas relacionados com o género contêm informação, não somente sobre as atribuições e os pensamentos atuais acerca do Self, mas também sobre o que o sujeito recupera do seu passado pessoal. Por exemplo, a investigação sugere que as mulheres utilizam o processo de reminiscência de um modo mais vivido/nítido e com maior frequência. Assim como relatam recorrer à reminiscência por motivos mais sociais, como por exemplo, a

utilização da reminiscência para se ter algo para conversar, para recordar um ente querido que tenha falecido ou para aumentar a intimidade com alguém significativo (e.g. Cala & Mata, 2010; Ros & Latorre, 2010; Scholkind, Schopped & Scheiderer, 2012). Os sujeitos de sexo masculino, por outro lado, preferem envolver-se no processo de reminiscência para recordar acontecimentos em que estes tenham sido bem-sucedidos ou por causas políticas (Buckner & Fivush, 1998).

Nas suas memórias de infância e experiências passadas recentes, os sujeitos adultos do sexo feminino, tipicamente focam-se nas suas narrativas acerca das relações de afinidade que mantêm. Estas tendencialmente conversam assim mais frequentemente acerca dos seus papéis nos relacionamentos, da importância que as outras pessoas têm nas suas vidas e as lutas que experienciam quando a sua intimidade é ameaçada ou negada. O conteúdo das primeiras memórias das mulheres focam-se tipicamente em temáticas como a rivalidade entre irmãos, as experiências com os amigos de infância ou serem incompreendidas pelos pais (Buckner & Fivush, 1998; Fivush, 2007). Contrariamente, as memórias autobiográficas dos sujeitos do sexo masculino, focam-se essencialmente no desempenho e mestria na realização de determinadas tarefas, assim como, memórias das pessoas que os influenciaram positivamente no alcance do sucesso. Além disto, os homens aparentam recordar-se melhor das experiências em que alcançam objetivos, realizam desejos ou que de alguma outra forma ficaram auto satisfeitos (Buckner & Fivush, 1998; Fivush, 2007).

Enquanto a inclusão de outras pessoas nas suas descrições acerca do passado é característico das narrativas femininas, as memórias passadas relatadas pelos homens têm uma notável falta de detalhes acerca da inclusão de outras pessoas. Neste sentido, as memórias masculinas de experiências pessoais, têm sido geralmente caracterizadas como diferenciadas, independentes, enquanto as narrativas femininas são tipicamente rotuladas como relacionais ou dependentes (Buckner & Fivush, 1998; Fivush, 2007).

Nem todos os estudos revelam diferenças de género, porém, quando estas surgem, normalmente as mulheres obtêm pontuações mais elevadas nas variáveis que são objeto de medição. Assim os estudos realizados encontraram uma tendência ligeiramente significativa nas mulheres para relatarem um maior número de eventos importantes das suas vidas e estas pontuaram também mais alto na Escala das Funções da Reminiscência (RFS) em fatores como a identidade, a resolução de problemas, a conversação, e a manutenção da intimidade e obtiveram pontuações inferiores em fatores como o reavivamento ou ressurgimento de amargura (Webster & McCall, 1999). Posteriormente Webster, (2002) cit in Webster et al., (2010) não encontrou diferenças de género na aplicação da RFS, o que pode ser explicado pelas diferenças metodológicas dos estudos e pelo facto dos efeitos de género se poderem encontrar atenuados ou encobertos por outras variáveis mais poderosas incluídas nos estudos, como a idade ou características de personalidade (e.g. Cappeliez & O'Rourke, 2002).

## 1.5. Terapia da Reminiscência

O campo de atuação das intervenções psicoterapêuticas recorrendo à reminiscência é, atualmente, muito amplo estando este processo também presente num conjunto de outros tipos de terapia. Assim, quando os idosos e respetivas famílias relatam histórias pessoais passadas, com o intuito de permitir aos terapeutas trabalharem na resolução das dificuldades atuais, que surgem devido à ocorrência de um evento traumático no passado, estão a incorrer na utilização da reminiscência como meio de obtenção de informação para que a terapia se desenvolva. Assim, ainda que a reminiscência seja um processo comum e frequente a todos os seres humanos, sem orientação e delimitação de objetivos específicos, por si só, não constitui uma forma de terapia. Tal salienta a necessidade de se proceder à operacionalização deste tipo de terapia e respetiva avaliação dos seus benefícios (e.g. Afonso, 2011; Afonso & Bueno, 2010). Os múltiplos protocolos de intervenção que nestas últimas décadas têm surgido, apresentam características comuns e amplas, podendo ser aplicados em grupo ou individualmente e recorrendo quer a métodos orais, quer escritos (e.g. Elford et al., 2005).

Devido aos recentes avanços sobre as funções da reminiscência, pode observar-se com maior clareza, como é que os resultados específicos da terapia da reminiscência dependem do tipo de memórias e da forma como são recuperadas. Assim, dependendo dos objetivos da intervenção psicoterapêutica e das técnicas utilizadas, aceder a determinadas memórias pessoais poderá encorajar a autoaceitação e aceder a memórias de outros poderá estimular a alteração do Self (Bohlmeijer et al., 2008).

Por vezes os sujeitos tendem a apresentar uma reminiscência marcadamente ruminativa (e.g. sujeitos com sintomatologia depressiva), recuperando sistematicamente os mesmos episódios passados negativos. Recorrendo à terapia da reminiscência, poder-se-á estimular a recuperação de memórias diferentes e num registo de reminiscência diferente do que, geralmente, o sujeito recupera, o que facilitará o seu ajustamento psicológico (Pinquart & Forstmeier, 2012). No entanto, esta é uma tarefa exigente, tal como Butler verificou em 1963, tendo maior probabilidade de ocorrer quando alguém já está atualmente insatisfeito com a sua própria vida, ou procura o crescimento pessoal. Para a maioria das pessoas, alterar o seu estilo preponderante de reminiscência e/ou conteúdos é um processo que exige profundas alterações e reestruturações (Webster et al., 2010).

Coleman (1999) e Habermas & Bluck (2000) salientaram a importância da coerência como sendo uma característica essencial para que a história de vida do sujeito seja integradora e satisfatória. É assim possível trabalhar com os sujeitos no sentido destes conseguirem re-historiar/re-contar as suas histórias, com o propósito de transformarem as suas experiências negativas em oportunidades de desenvolvimento, e aquisição de novas perspetivas.

O projeto “*Making memories matter*” da *European Reminiscence Network*, coordenado por Pam Schweitzer é um bom exemplo de uma iniciativa que, através da atividade turística, promove o encontro de pessoas idosas oriundas de diferentes países da Europa e o seu

envolvimento na comunicação e partilha das suas heranças culturais (Coleman, 2005). Fade & Gibson (2004) cit in Coleman (2005) no artigo que publicaram, citam exemplos de iniciativas com base na terapia da reminiscência, que se desenvolveram nas suas cidades no norte da Irlanda e que constituíram formas eficazes de combater o conflito e promover a inclusão social, quer em comunidades católicas quer em protestantes. Em suma a reminiscência refere-se assim, essencialmente, ao ato de recuperar, integrar informação, procurar e comunicar significados.

## 1.6. Perspetiva Funcional reminiscência

Quando analisamos a reminiscência de uma perspetiva funcional, surge a necessidade de operacionalizar o conceito de função, podendo este assumir diversos significados, sendo um deles o facto de um determinado comportamento (neste caso a reminiscência) poder ser ou não adaptativo. Ou seja, o comportamento permite ou não ao organismo desenvolver e reproduzir-se no seu ambiente. Tal adaptabilidade não requer uma perceção consciente dos benefícios que tal comportamento produz, sugerindo isto que, muitos sujeitos poderão recorrer ao processo de reminiscência sem que tenham consciência dos benefícios de tal (e.g. Bluck, Alea, Habermas & Rubin, 2005; Kulkofsky, Wang & Koh, 2009). O termo função pode também, referir-se aos motivos porque determinado comportamento é empregue na vida diária (Bluck & Alea, 2011).

Partindo desta operacionalização do conceito de função, atualmente quando os investigadores recorrem a uma abordagem funcional do processo de recordar, partem do princípio que a memória autobiográfica é adaptativa e útil, uma vez que face aos resultados obtidos nas investigações se conclui que os sujeitos dependem desta para alcançarem uma variedade de objetivos sociais, práticos e psicodinâmicos (e.g. Bluck & Alea, 2011; Nelson, 1993). Compreender a memória autobiográfica duma perspetiva funcional, pode também fornecer um conjunto de novos conhecimentos que estão subjacentes a este processo (e.g. Bluck et al., 2005; Olivares, 2012).

Os estudos realizados com o propósito de analisar as funções da reminiscência têm-se focado, maioritariamente, na análise deste fenómeno nos adultos (e.g. Bluck et al. 2005; Bohlmeijer et al., 2007; Cappeliez & O'Rourke, 2001; Webster, 1993, 1997; Werterhof et al., 2010) e centram-se na compreensão do motivo que os leva a pensarem acerca dos eventos que ocorreram nas suas vidas ou a partilharem estas experiências com outros adultos (Coleman, 2005).

Seguindo esta perspetiva funcional Wong & Watt (1991), recorrendo a metodologias qualitativas e a uma amostra com uma população idosa, identificaram seis tipos de reminiscência: a integrativa, a instrumental, a narrativa, a transmissiva, a de evasão e a obsessiva. Os autores referiram que somente os dois primeiros tipos se relacionavam com medidas de envelhecimento com êxito.

Paralelamente surge uma outra categorização, o modelo das três funções da reminiscência que podem ser resumidas em três amplas categorias: a de Self ou função Psicodinâmica, a Diretiva e a Social ou função Comunicativa (Bluck & Alea, 2011; Bluck et al. 2005; Olivares, 2012). A função de auto conceito ou Self refere que a reminiscência pode servir o propósito de desenvolver, manter e expressar um auto conceito durador. O auto aperfeiçoamento também tem sido considerado como uma função de Self, pelo que os sujeitos utilizam a reminiscência como um meio para aumentar a sua autoestima (Wilson & Ross, 2003). A função diretiva envolve o uso da reminiscência como um meio de instrução, resolução de problemas e planeamento de comportamentos futuros (Bluck et al. 2005; Bluck & Alea, 2011). A regulação de emoções pode, também, constituir uma função diretiva. Por fim, a função social envolve a utilização da reminiscência como um meio de estabelecimento e manutenção da intimidade, incluindo objetivos de comunicação, tais como ter tema de conversa, entreter o outro ou falar sobre o passado com o único propósito de partilhar (Alea & Bluck, 2003; Bluck et al., 2005; Nelson, 1993).

Posteriormente, com o desenvolvimento da *Reminiscence Function Scale*, surge uma nova categorização das funções da reminiscência, tendo estas sido desenvolvidas e pré estabelecidas com base nas funções da memória autobiográfica já teorizadas, assim como recorrendo a uma abordagem “bottom-up” em que os participantes responderam a um conjunto de questões de resposta aberta acerca dos motivos que os levavam a recorrer ao processo de reminiscência (Webster, 1993).

As oito funções da reminiscência que a RFS identifica são as seguintes: ressurgimento de amargura (ressurgimento e ruminação de memórias sobre circunstâncias de vida difíceis, as oportunidades perdidas e infortúnios); redução do aborrecimento (as memórias são utilizadas para preencher uma falta de estimulação ou de interesse); conversação (comunicação pessoal de memórias como uma forma de dever e compromisso social); preparação para a morte (memórias que auxiliam o sujeito a lidar com os pensamentos da própria vida, quando esta se aproxima de um fim); identidade (utilização de memórias pessoais na procura de coerência, valor e significado para a própria vida e consolidação do self); manutenção da intimidade (afeição às memórias íntimas das relações sociais que já não fazem parte das nossas vidas); solução de problemas (articulação com o passado para identificar situações anteriores e aplicar técnicas de coping aos desafios atuais); e função ensinar/informar (partilhar memórias para transmitir uma lição de vida e compartilhar ideologias pessoais) (Webster, 1993; 1997).

Este mapeamento de oito funções acaba por incluir as taxonomias previamente descritas, como as três amplas categorias operacionalizadas pela TALE e as categorias qualitativas de Wong y Watt (1991). Além disto, a conceptualização de valências mais positivas e mais negativas das funções da reminiscência é apoiada por investigadores que demonstram existirem valores estatisticamente significativos que relacionam as oito funções com os índices globais de saúde mental (Werterhof et al., 2010).

Um outro motivo que corrobora a necessidade de se desenvolver um modelo que seja mais representativo e inclua uma maior diversidade de funções, advém da análise dos resultados obtidos nos estudos que investigaram a existência de diferenças nos distintos grupos etários. Recorrendo ao modelo das três funções, Bluck & Alea (2009) concluíram que os jovens adultos obtinham pontuações mais elevadas quer nas funções de continuidade do Self, quer nas de orientação comportamental (ou diretivas), quando comparados com adultos mais velhos, não se verificando neste estudo diferenças entre estes dois grupos etários na função de vínculo social (Bluck & Alea, 2009). Assim, tais resultados levariam a concluir que os adultos mais velhos geralmente relatam uma menor frequência em todas as funções da reminiscência.

No entanto, numa outra análise recorrendo ao modelo das oito funções, Webster & McCall (1999), concluíram que os jovens adultos pontuavam mais nas funções da reminiscência identidade, resolução de problemas, redução do aborrecimento e ressurgimento da amargura que os adultos mais velhos, enquanto as pontuações obtidas nas funções de conversação e manutenção da intimidade não variavam entre estes grupos etários. Já as funções preparação para a morte e ensinar/informar, os adultos mais velhos pontuaram mais que os jovens adultos, sugerindo assim que consoante a idade do sujeito este pensará ou falará acerca do seu passado com distintos objetivos.

## 1.7. Instrumentos de Avaliação

Devido ao grande interesse que o tema da reminiscência tem gerado nas distintas áreas, os investigadores têm-se preocupado com a medição dos diferentes aspetos deste constructo de forma válida e confiável (Coleman, 2005; Webster 1993). Tentativas anteriores para medir determinadas facetas da reminiscência incluíram, quer abordagens qualitativas (e.g. Wong & Watt, 1991) quer quantitativas (e.g. Bluck & Alea, 2011; Bluck et al. 2005; Webster, 1993; 1997).

Quanto aos métodos quantitativos para avaliação da reminiscência individual, surge a escala “*Thinking about Life Experiences*” (TALE) desenvolvida por Bluck et al. (2005) e que operacionaliza o modelo das três funções. Esta mede a frequência com que os sujeitos utilizam estas funções. Usando uma abordagem “top-down”, em que a teoria guia o desenvolvimento dos itens constituintes da escala (Bluck et al. 2005; Rasmussen & Berntsen, 2009) geraram 28 itens que consideraram ser representativos das três funções, pedindo aos sujeitos que indicassem também a frequência com que executavam o descrito em cada item. Na versão revista da TALE (TALE-R; Bluck & Alea, 2011), a função do Self foi designada de “Continuidade do Self”, a função diretiva foi reduzida para incluir somente itens relacionados com a orientação comportamental (tendo sido removidos os itens referentes ao foco no self e de regulação emocional) e a função social foi denominada de “Vínculo Social” e incluía a



construção de novos relacionamentos, ao passo que os itens relacionados com a empatia ou ajudar outros, foram removidos.

No entanto como desvantagem do uso desta escala, surge o fato de quando comparada com a RFS, as três funções medidas pela TALE se focarem somente no uso das memórias autobiográficas que são intrínsecas e emocionalmente positivas, enquanto os fatores que compõe a RFS se distribuem ao longo de dimensões negativas e positivas. Em suma, há motivos para considerar que quando recordamos memórias passadas, o fazemos de forma ampla, incluindo quer valências positivas, quer negativas, no entanto, esta amplitude não é totalmente avaliada pela TALE (Harris, Rasmussen & Berntsen, 2013).

A “Future Time Perspective Scale” (FTPS) (Carstensen & Lang, 1996 cit in Bluck & Alea, 2009) é outra medida que avalia a frequência com que os sujeitos pensam e falam acerca do passado para direcionar determinados comportamentos. A FTPS é uma escala de 10 itens, com uma boa validade de constructo, que avalia a extensão em que os indivíduos veem o futuro como indeterminado/amplo (e.g.: Espera-me no futuro muitas oportunidades). A FTPS utiliza uma escala tipo Likert que varia de 1 (falso) a 7 (totalmente verdade), que indicam a extensão em que cada um dos itens corresponde ou não à realidade do respondente. O Alpha de Cronbach desta escala é de 0,89.

### 1.7.1. Reminiscence Function Scale

Segundo a revisão da literatura efetuada, a medida de reminiscência mais utilizada é a *Reminiscence Function Scale* (RFS, Webster, 1993, 1997, 2003; Webster & McCall, 1999), sendo que, desde a sua introdução em 1993, a RFS rapidamente foi difundida e utilizada em múltiplas investigações (e.g. Cappeliez & O'Rourke, 2002; Robitaille, Cappeliez, Coulombe, & Webster, 2010; Webster, 1998). Além de se tratar de uma escala facilmente aplicável, esta apresenta boa consistência psicométrica e bons índices de fiabilidade e validade, assim como uma consistente estrutura fatorial (Coleman, 2005; Robitaille et al., 2010). Os respondentes a esta escala indicam a frequência com que utilizam determinadas funções da reminiscência, podendo variar a resposta entre Nunca a Muito Frequentemente.

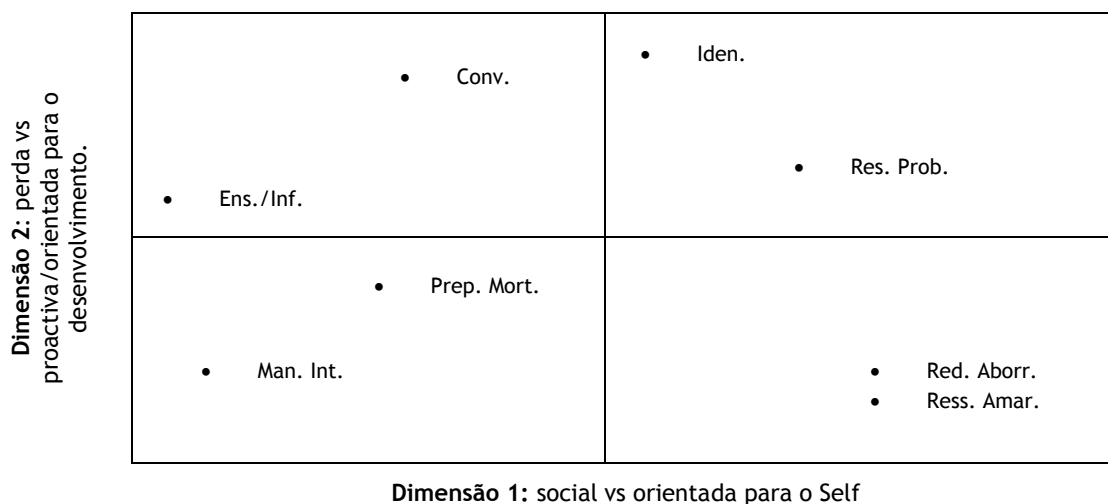
O estudo inicial foi realizado recorrendo a uma amostra composta por 289 homens e 421 mulheres cujas idades variavam entre os 17 e os 91 anos, apresentando uma média de 46 anos. O autor realizou uma análise fatorial, em principais componentes, recorrendo à rotação varimax, o que lhe permitiu manter 43 itens do conjunto inicial de 54, distribuídos por sete funções da reminiscência definidas teoricamente, com base na revisão literária realizada pelo autor. Foram obtidos níveis adequados de consistência interna para as sete funções, variando de 0,79 até 0,89 (Webster, 1993).

A validade fatorial desta escala foi posteriormente replicada com uma amostra de 157 homens e 241 mulheres cujas idades variavam entre os 17 e os 45 anos com uma média de 23 anos (Webster, 1997). Emergiram oito fatores recorrendo ao mesmo método estatístico

utilizado no estudo original, tendo-se mantido os mesmos fatores do estudo original, à exceção da função identidade e resolução de problemas que neste estudo surgiram divididas em duas funções distintas. A consistência interna e as correlações entre os fatores permaneceram similares ao estudo original, variando entre 0.74 e 0.86.

Webster (2003) efetua nova reanálise dos dados, combinando quatro estudos pré existentes tendo-se obtido uma amostra de 985 participantes. Reproduziu-se a estrutura fatorial de oito categorias da RFS, recorrendo a uma análise fatorial confirmatória, onde se obteve um Alpha de Cronbach que variou de 0.79 a 0.87 para cada uma das funções. Outros estudos (e.g. Cappeliez & O'Rourke, 2002; Webster, 1998) realizados posteriormente, também encontraram, para cada uma das oito subescalas resultados que apoiam a validade de constructo. A validade convergente, ou seja, as correlações previstas com a escala "Talking About Life Experiences" (TALE), também foram definidas e descritas (e.g. Bluck et al., 2005).

Webster (2003) realiza uma outra análise fatorial sugerindo que as oito funções podem ser distribuídas em duas grandes dimensões: social vs orientada para o Self e reativa/orientada para a perda vs proactiva/orientada para o desenvolvimento. Como resultado obtém-se uma tabela de dupla entrada, onde as funções se encaixam dentro dos quatro quadrantes: assim, tal como se observa na figura 3, as funções resolução de problemas e identidade situam-se no quadrante do autodesenvolvimento, as funções conversação e ensinar/informar situam-se no quadrante do desenvolvimento social, as funções de redução do aborrecimento e de ressurgimento da amargura situam-se no quadrante da perda do self e as funções de manutenção da intimidade e preparação para a morte situam-se no quadrante da perda social, tal como demonstra a figura 3 (Webster, 2003).



**Figura 3.** Modelo circunflexo das funções da reminiscência de Webster (2003). Ens./Inf.=Ensinar/Informar, Conv.=Conversação, Iden.=Identidade, Res.Prob.=Resolução de Problemas, Red. Aborr.=Redução do aborrecimento, Ress.Amar.=Ressurgimento da amargura, Prep.Mort.=Preparação para a morte, Mant.Int=Manutenção da Intimidade.

Com base na comparação dos resultados obtidos por Webster & McCall (1999) e Bluck & Alea (2009) nos estudos realizados, pode-se considerar que quando comparada com a TALE a RFS apresenta um maior nível de sensibilidade, uma vez que identifica variações associadas à idade dos sujeitos.

Encontrou-se ainda um outro estudo que analisou a validade de uma versão da escala RFS traduzida para outra língua (traduzida para francês, Mezred, Petigenet, Fort, Blaison & Gana, 2006). Tal corrobora a necessidade de se investigar a validade fatorial desta escala, principalmente quando se pretende traduzi-la e adapta-la para uma nova língua, sendo tal justificado também por algumas limitações que o estudo original e as replicações do mesmo realizadas por Webster (1997 & 2003) apresentam, uma vez que número de oito fatores foi definido à priori, sem que outros modelos fossem tidos em conta.

### **1.7.2. Resultados obtidos em estudos**

Resultados obtidos recorrendo ao uso da FTPS concluem que aqueles que veem o futuro como mais indeterminado e amplo (e.g. adultos jovens; Carstensen et al., 1999 cit in Bluck & Alea, 2009) apresentarão maior probabilidade de investir em objetivos futuros e, como tal, recorrerão com maior frequência às memórias autobiográficas com o propósito de resolverem problemas e orientarem comportamentos futuros.

Recorrendo à RFS e de acordo com a pesquisa realizada, foram encontradas investigações que demonstram correlações, tal como expectável empiricamente, entre os fatores da RFS e os traços de personalidade (e.g. Cappeliez & O'Rourke, 2002; Mezred et al. 2006), sendo que outros estudos ainda utilizaram esta medida para analisar a relação entre as funções da reminiscência e as estratégias de adaptação psicológica à vida em momentos tardios.

Cully et al. (2001) concluíram recorrendo à RFS, que os traços de personalidade e o nível de ansiedade dos participantes se correlacionava com as funções ressurgimento de amargura, redução do tédio e preparação para a morte, enquanto a depressão se associou à função de ressurgimento de amargura. Já Cappeliez, O'Rourke & Chaudhury (2005) investigaram a relação entre as funções da reminiscência, a satisfação com a vida e o sofrimento psicológico, tendo concluído que as funções de redução do aborrecimento e o ressurgimento de amargura, se relacionavam com uma baixa satisfação com a vida, enquanto a função preparação para a morte se relacionava com uma maior satisfação com a vida. Os resultados obtidos, com base na pesquisa realizada, relativamente às funções avaliadas pela RFS de ressurgimento da amargura e redução do aborrecimento são os mais consistentes, relacionando-se de forma negativa com a saúde mental.

As funções de conversação e ensinar/informar, tendem segundo a informação recolhida, a não estar relacionadas com a saúde mental apesar desta última se correlacionar positivamente, ainda que de forma débil, com o constructo felicidade (Webster, 1998) (Webster et al., 2010).

## 2. Reminiscência Conjunta

O processo de recordar acontecimentos autobiográficos é uma atividade social, que todo o ser humano executa mesmo que por vezes de forma intencional ou não e que inclui atividades como, o relatar detalhes do que ocorreu durante o dia à hora de jantar, rir ao recordar histórias partilhadas por familiares e amigos ou até pais relatarem aos filhos episódios que estes experienciaram quando eram mais pequenos. Em suma, todos os seres humanos falam acerca dos acontecimentos das suas próprias vidas, uma vez que é o conjunto de experiências passadas que vivenciámos, que define parte do que somos atualmente (Bergen & Salmon, 2010; Fivush, 2007).

O mais intrigante no estudo deste processo, talvez seja o fato de ser através da partilha destas histórias com o outro, que estas memórias adquirem um significado especial para o Self (Reese & Brown, 2000), permitindo-nos através do processo de reminiscência, reinterpretar e reavaliar as experiências de vida passadas, compreendendo-as também, emocionalmente, o que permite criar um novo significado para determinados acontecimentos. Além disto, a reminiscência permite ao sujeito compreender quem é, e que lugar ocupa na sua família nuclear, na família alargada, no seu grupo de pares, no seu meio laboral, na sua cidade e num contexto mais macrossocial, o mundo (Bluck & Alea, 2009).

Uma grande parte da teoria e da investigação na área da psicologia do desenvolvimento tem-se focado nas interações entre o cuidador e a criança, concluindo que este é um mecanismo fundamental no desenvolvimento desta (e.g. Bergen & Salmon, 2010; Kulkofsky, 2009; Leyva et al., 2012; Reese et al. 2010; Wareham & Salmon, 2006). Estas conversas acerca de acontecimentos passados são designadas de reminiscência conjunta, tendo este processo sido, nas últimas décadas, considerado, um importante mecanismo que estimula e promove competências de recordação de experiências pessoais passadas na criança (Nelson & Fivush, 2004; Reese & Brown, 2000). Através da prática da reminiscência conjunta as crianças aprendem que recordar experiências passadas é valorizado e aprendem ainda como o fazer com o outro (Fivush & Vasudeva, 2002).

Os anos pré escolares são um período particularmente importante no desenvolvimento de conversação que induz o processo de recuperação. As crianças mais novas, em anos pré escolares, podem reter memórias precisas de eventos específicos (Reese & Brown, 2000). Antes dos três anos de idade, no entanto, a maior parte das crianças ainda está sujeita às restrições linguísticas de transmitir estas memórias para o outro, estando, por isso, substancialmente dependente do questionamento do adulto para a recuperação destas. Mesmo após a criança iniciar uma conversa acerca de memórias passadas de forma autónoma, esta ainda está em processo de aprendizagem acerca da estrutura destas conversas relacionadas com o processo de recordar (Reese & Brown, 2000; Wareham & Salmon, 2006).

Quando as crianças começam a empenhar na conversação com intuito de recordar, estas demonstram um grande interesse em discutir eventos rotineiros ou variações destes. Fivas & Amon (1990) cit in Reese & Brown (2000) analisaram o processo de recuperação de

características distintivas e típicas de determinados eventos em crianças entre os 2 anos e meio e os 4 anos e concluíram que aos dois anos e meio os relatos das crianças eram compostos por uma quantidade equitativa de informação distintiva e informação típica. Já com quatro anos de idade, as crianças relataram, significativamente, menos informação típica e mais informação distintiva para os mesmos eventos. Tal permite concluir que as crianças codificam uma grande quantidade de informação acerca dos eventos à medida que estes ocorrem mas optam, consoante as suas idades vão aumentando, por cada vez mais se focarem e relatarem informação distintiva. Poderá ainda supor-se que as crianças à medida que se vão desenvolvendo vão compreendendo que a informação de um determinado acontecimento que é distintiva é mais narrável (Wareham & Salmon, 2006). Paralelamente, as crianças estão também a aprender os motivos para utilizarem o processo de reminiscência, ou seja, em suma estas estão a aprender, o porque de recordar, bem como o que e como recordar (Kulkofsky, 2011; Leyva et al, 2012; Reese et al, 2010).

Menig- Person (1975) demonstrou que as crianças com 3 anos e meio davam informação mais específica acerca de eventos recentes a pessoas que não tivessem qualquer tipo de conhecimento acerca destes, comparativamente à informação que davam a ouvintes já informados. Assim, pressupõe-se que a partir dos 3 anos de idade, as crianças possuem competências cognitivas e comunicativas suficientes para que consigam utilizar e compreender o processo de reminiscência (Scholking, Schoppel & Scheiderer, 2012), ainda que segundo Snow (1990) cit in Reese & Brown (2000) não consigam compreender as diferentes funções que este processo pode cumprir, atribuindo o propósito de todas as conversações a funções informativas (ou seja, limitam-se a revelar o que aconteceu no evento ou acontecimento).

O processo de reminiscência inicia-se assim, muito precocemente no ciclo de desenvolvimento, tal como esquematizado na tabela 1. Assim, considera-se que a criança começa a falar por volta dos 16-18 meses, o que lhe permite começar a participar em conversas acerca do passado, ainda que nesta fase inicial faça poucas e fugazes referências a acontecimentos passados. Nesta fase, estas estão aptas a responder às questões colocadas pelos seus pais acerca de eventos passados, com confirmações e respostas simples. Já entre os 3 e os 5 anos de idade, as crianças estão aptas a participarem em conversações mais detalhadas acerca do passado, no entanto ainda se encontram dependentes dos adultos, uma vez que são estes que fornecem a maioria da estrutura e conteúdo destas conversações. No final do período pré-escolar as crianças estão aptas a fornecer um relato relativamente coerente de um evento passado experienciado por elas próprias (Fivush, 2007; Nelson & Fivush, 2004).

**Tabela1.** Esquemática do desenvolvimento de competências, na criança para participar no processo de reminiscência.

Idade	Competências na criança
18-20 meses	Começam a relatar acontecimentos passados recentes.
20-36 meses	Começam a dar respostas simples às questões parentais.
3-5 anos	Participam no processo de reminiscência, guiado parentalmente.
5-6 anos	Utilizam narrativas individuais.

Tem-se assistido a um crescente reconhecimento do facto da reminiscência conjunta ter importantes implicações no desenvolvimento socio emocional das crianças (Fivush et al., 2006; Wareham & Salmon, 2006). A frequência, o estilo e o conteúdo da reminiscência conjunta têm sido relacionados com diversos resultados obtidos em estudos cujos participantes são crianças, tais como: a existência de uma vinculação segura (e.g. Fivush & Vasudeva, 2002), o auto conceito (e.g. Wang, 2006), o auto conhecimento das emoções (e.g. Bergen & Salmon, 2010), e em comportamentos de internalização e externalização dos problemas pela criança (e.g. Fivush et al., 2006; Wareham & Salmon, 2006). Estas relações que têm sido analisadas e estabelecidas entre a reminiscência conjunta e os resultados obtidos pelas crianças noutras áreas, sugerem que esta é funcional, adaptativa e útil, podendo ser, por isso, utilizada para alcançar objetivos diários específicos de socialização (Kulkofsky, 2011).

## 2.1. Amnésia Infantil

As memórias autobiográficas são vitais para que se gere um sentido de continuidade do Self e de identidade (Reese et al., 2010). Até ao momento, todos os adultos com um processo de desenvolvimento normativo experienciam amnésia infantil em relação aos primeiros anos das suas vidas (Joslyn & Oakes, 2005; Morris, Baker-Ward & Bauer, 2010). Segundo James (1890) cit in Reese et al., 2010, as primeiras memórias dos sujeitos, não são, de modo algum, registos contínuos de experiências pessoais. Ao invés, estas memórias da primeira infância são discretamente espaçadas no tempo, por vezes com lacunas de anos, não meses entre as memórias (Morrison & Conway, 2010).

A investigação realizada com uma amostra de sujeitos composta por crianças mais velhas e adolescentes revela que existe uma progressão relativamente estável no que concerne à idade, quanto à existência de amnésia infantil. Assim, perto do final da primeira

infância, as crianças podem recordar alguns acontecimentos que ocorreram quando estas tinham uma idade próxima dos dois anos. No entanto, os adolescentes vão, progressivamente recuperando menos eventos da primeira infância (Fivush & Schwarzmüller, 1998) apresentando como idade média para o surgimento das primeiras memórias os 3 anos (Peterson, Grant & Boland, 2005). É, também, no início do período da adolescência que a consciência do significado que os acontecimentos de vida têm para o desenvolvimento da identidade é demonstrada pela primeira vez (Habermas & de Silveira, 2008; McLean, Breen & Fournier, 2010). Tanto a quantidade como a qualidade das nossas primeiras memórias são importantes dimensões a ter em conta no desenvolvimento da memória autobiográfica.

Sendo descrita como o fato dos adultos raramente conseguirem recordar memórias de eventos que ocorreram durante a primeira infância, a amnésia infantil constitui para investigadores e teóricos uma grande área de interesse (Morris, Baker-Ward & Bauer, 2010; Morrison & Conway, 2010; Reese et al., 2010). As metodologias iniciais do estudo deste fenómeno centravam-se na tentativa de compreensão do motivo que fazia com que os sujeitos adultos experienciassem amnésia infantil. Contrariamente, outros investigadores, defendem uma posição “funcional”, tal como Nelson (1993), sugerindo que determinando processo deve ser abordado numa perspetiva de compreensão do porque é que os seres humanos desenvolvem memórias autobiográficas. Ou seja, em vez do investigador se focar no que provoca este fenómeno, este deve primeiramente tentar compreender, porque é que recordamos eventos da nossa infância ou que funções servem as memórias autobiográficas no dia-a-dia para que seja necessário um sistema de memórias autobiográficas? Respondendo a esta questão, obter-se-á indiretamente, caso não cumpra nenhuma função específica, a explicação para a presença deste período descrito como amnésia infantil (Kulkofsky, 2011; Kulkofsky & Koh, 2009).

Os resultados obtidos nos estudos realizados sugerem que um dos fatores responsáveis pela existência desta fase dever-se-á ao facto de, grande parte das memórias relativas a conversas que decorreram durante a primeira infância, serem acerca de experiências partilhadas entre a criança e o cuidador. Somente em anos posteriores, nos anos pré escolares, é que as crianças começam a vivenciar experiências que podem relatar aos cuidadores. Poder-se-á, assim, supor que estas terão um maior interesse pessoal em ensaiar verbalmente memórias, com o surgimento da necessidade de relatar determinado acontecimento. É interessante neste sentido comprovar que as crianças começam a relatar acontecimentos passados por volta dos 3 anos (Habermas & de Silveira, 2008; Peterson, Grant & Boland, 2005) o que coincide com o início das memórias autobiográficas que são recuperadas na idade adulta (Morrison & Conway, 2010).

Este período da primeira infância é no entanto compreendido por alguns teóricos e investigadores como o paradoxo da amnésia infantil uma vez que as crianças mais novas demonstram boa memória para as suas experiências pessoais durante este período. As crianças começam a referir-se às experiências passadas nos seus discursos por volta dos 18 meses, apesar destas referências verbais precoces acerca do passado serem limitadas a



acontecimentos comuns ou que tenham sido experienciados há pouco tempo (Fivush & Schwarzmuller, 1998; Habermas & de Silveira, 2008).

Com 2 anos de idade, as crianças já conseguem participar nas conversas com os seus pais, com informação proveniente das suas memórias acerca de acontecimentos que ocorreram nos últimos meses e por volta dos dois anos e meio já iniciam conversações com base na informação que retiveram na sua memória (McLean et al., 2010). Com cerca de três anos e meio, as crianças já conseguem relatar de forma relativamente coerente um acontecimento passado, a ouvintes que não tenham informação acerca deste. Ainda que as crianças mais novas não recuperem experiências pessoais com grande detalhe, o que estas recordam em circunstâncias normativas, é preciso (Morrison & Conway, 2010). Estas estão assim aptas a recordar pelo menos algumas das suas experiências mais precoces, próximo do período de tempo em que esses acontecimentos ocorreram, no entanto, como adultos, pelo que já foi descrito esta capacidade vai sendo progressivamente perdida (Peterson, Grant & Boland, 2005).

## **2.2. Suporte Parental para a Autonomia**

O suporte parental para a autonomia foi identificado como uma variável adicional importante que prevê a capacidade da criança recordar memórias autobiográficas subsequentes (e.g. Cleveland, Reese & Grolnick, 2007; Levy et al., 2012). O conceito de suporte para a autonomia foi desenvolvido através da teoria da autonomia ou autodeterminação e baseia-se na ideia de que quando os cuidadores exercem controlo sobre o pensamento ou comportamento dos seus filhos estas reduzem o sentido de autonomia dos mesmos e a motivação intrínseca que estes apresentam (Grolnick, Gurland, DeCoureey & Jacob, 2002).

Relacionando o suporte parental para a autonomia com a reminiscência conjunta, um estilo de reminiscência que favoreça a autonomia é caracterizado por cuidadores que encorajam a participação dos seus filhos incentivando-os a comprometerem-se nas tarefas que têm de realizar. Contrariamente, um baixo suporte para a autonomia é caracterizado pelo controlo materno, não valorizando as contribuições da criança (Cleveland et al., 2007). As mães que favorecem a autonomia incentivam mais as suas crianças a avaliar as experiências que vivenciam e focam-se mais em eventos específicos durante as conversações com os seus filhos, com o objetivo de estimular a manutenção da intimidade entre ambos (Grolnick et al., 2002; Levy et al., 2012)

### 2.3. Grau de Elaboração e Reminiscência

Reese, Haden & Fivush (1993), num estudo longitudinal realizado com crianças de idades compreendidas entre os 40 e os 70 meses, concluíram que o estilo de reminiscência das mães cujas crianças tinham 40 meses facilitava a capacidade da criança, de posteriormente, partilhar conversações, memorizadas aos 58 meses. Especificamente, mães que forneceram, numa fase precoce do desenvolvimento da criança, uma grande quantidade de nova informação (ou elaborações, acerca de acontecimentos passados), têm filhos que relataram mais informações específicas acerca de diferentes eventos numa fase posterior do seu desenvolvimento. Entre os 58 e os 70 meses, o estilo de reminiscência das mães e as memórias relatadas pelas crianças tornam-se mais bidirecionais, uma vez que a criança já não se encontra tão dependente do questionamento do cuidador para desenvolver o processo de reminiscência e inclui de forma autónoma nova informação nas conversações (Reese et al., 2010). A socialização relacionada com o processo de recuperar informação autobiográfica, não aparenta, no entanto, manter-se quanto ao conteúdo destas memórias. Assim, ao envolverem-se em conversas subsequentes acerca de um mesmo evento, em períodos de tempo distintos, a criança não tende a repetir a informação primária que foi previamente cedida pelos seus pais. Mais do que incorporar o conteúdo exato das memórias, as crianças aparentam recuperar o tipo de informação considerado importante pelo adulto (Bergen & Salmon, 2010).

O estilo de reminiscência que a criança utilizará é mais estimulado pelo estilo elaborativo das mães que pelas habilidades da memória verbal precoce (Reese et al., 1993). Por outro lado, se as crianças são mais proficientes no relato de acontecimentos passados numa idade mais precoce (competências iniciais), isto influenciará e modelará o estilo de reminiscência materno (Reese & Brown, 2000).

Em suma, o estilo de reminiscência materno relaciona-se com o que a criança relata, o que sugere a necessidade de rever alguns pressupostos do desenvolvimento do processo de reminiscência na infância, incluindo uma perspetiva mais bidirecional, que incorpore quer as influências que os pais geram na criança, quer as que a criança gera nos pais (Reese & Brown, 2000). A autoconsciência inicial da criança contribui, assim, para a quantidade de acontecimentos memorizados durante a primeira infância, o que influencia o seu processo de reminiscência (Reese et al., 2010). Crianças que, por exemplo, adquirem o auto reconhecimento no espelho mais precocemente, apresentam um desenvolvimento mais acentuado no processo de reminiscência quando avaliados no ano seguinte (Howe & Courage, 1993). No entanto, estudos mais recentes concluem que o impacto a longo prazo da autoconsciência na memória autobiográfica e no processo de reminiscência na criança dependem principalmente do estilo de reminiscência da mãe. Assim, crianças com uma autoconsciência precoce, somente beneficiam de um desenvolvimento mais célere no uso da reminiscência de modo independente, quando as suas mães adotam um estilo de reminiscência altamente elaborativo (Reese & Newcombe, 2007).

É a partir dos 58 meses que a criança começa a internalizar o estilo de reminiscência materno e presumivelmente o valor que o processo de reminiscência tem (Reese et al., 1993). O estilo de reminiscência que as mães utilizam com os seus filhos numa idade precoce assume assim um papel de especial importância para o desenvolvimento da memória autobiográfica, quer no momento de formação destas memórias (fase precoce) (Fivush, 2007) quer mais tardiamente, quando estas memórias são recuperadas na adolescência (Reese et al., 2010).

Pais que falam com os seus filhos de um modo mais elaborativo acerca de acontecimentos passados, recorrendo ao uso de questões de resposta aberta, contendo informações distintivas acerca destes eventos e recorrendo frequentemente a confirmações das repostas dadas pelas crianças, têm usualmente crianças com uma memória autobiográfica mais detalhada no final do período da infância (Fivush et al., 2006). Seguindo estes pressupostos, a idade da memória mais precoce relatada pelos adolescentes está correlacionada com o fornecimento, por parte das mães, de nova informação, ou informação distintiva, em oposição ao fornecimento de informação repetida, em conversações que ocorreram no passado durante o período da primeira infância (Jack, McDonald, Reese & Hayne, 2009). Estes resultados permitem aos teóricos assumir que além das influências biológicas, linguísticas, cognitivas e socioemocionais que contribuem para o desenvolvimento do processo de reminiscência, também a interação social exerce grande influência (Reese et al., 2010).

Quando as mães apresentam um determinado estilo elaborativo estas generalizam o mesmo às conversas acerca de diferentes tipos de acontecimentos passados (e.g. viagens a museus ou a jardins, férias, acontecimentos de vida diários) e tendem, também, a ser consistentes ao longo de diversos anos, quer com a mesma criança (Reese, Haden & Fivush, 1993), quer com crianças distintas, como por exemplo, entre irmãos (Haden, 1998).

A revisão da literatura sugere, também que as mães tendem a ser mais elaborativas com as raparigas, com crianças que tenham melhores competências linguísticas, que sejam temperamentalmente mais persistentes e sociáveis e que tenham estabelecido com a cuidadora uma vinculação segura (Fivush, 2007). Os resultados sobre a reminiscência entre os pais e os filhos indicam que os pais também variam no grau de elaboração, tal como as mães, e que tanto os pais como as mães são mais elaborativos com as filhas do que com os filhos, especialmente no que concerne às emoções (Adams, Kuebli, Boyle & Fivush, 1995; Kuebli & Fivush, 1992).

Estudos longitudinais, em que as crianças e os seus pais foram monitorizados durante vários anos têm demonstrado, corroborando o supracitado, que as crianças apresentam diferenças na capacidade de recordar acontecimentos de forma independente, especificamente quando as suas mães utilizaram durante o período da infância um elevado estilo elaborativo, contrariamente às que recorrem a um baixo estilo elaborativo (e. g. Haden, Ornstein, Rudek & Cameron, 2009).

É importante salientar que mães que são altamente elaborativas durante o processo de reminiscência, não são simplesmente mais conversadoras, não falam mais durante os períodos

de tempos livres, às refeições, ou durante outras atividades com a criança, o que indica que a reminiscência é um contexto conversacional único em que as mães podem tentar alcançar objetivos específicos com os seus filhos (Fivush, 2007).

Seguindo esta perspetiva, a investigação demonstrou ainda, que as crianças que têm mães mais elaborativas, apresentam maior frequência no uso da reminiscência individual ao longo do tempo (Fivush, 2007). Ainda assim, mães que falem mais não têm necessariamente filhos que falam mais também, no entanto, mães que utilizem um estilo de reminiscência mais elaborativo terão filhos que aprendem estas capacidades narrativas específicas, e estas, por sua vez, estão relacionadas com as habilidades mais gerais de linguagem da criança (Reese & Brown, 2000; Reese et al., 1993).

Nos últimos anos do período pré-escolar as crianças, cujas mães são mais elaborativas, fornecem narrativas mais detalhadas e coerentes das suas experiências pessoais quer em conversações com as suas mães, quer com adultos que não lhes sejam familiares (Reese & Brown, 2000; Reese et al. 1993). Em suma, mães altamente elaborativas ajudam os seus filhos não somente a compreender o que ocorreu durante determinado acontecimento, mas a compreender os seus sentimentos acerca do que ocorreu e a avaliar o acontecimento da perspetiva da criança. Além disto, ajudam os seus filhos a construir conexões entre as experiências passadas e a compreensão do presente, realizando ligações explícitas entre o Self passado e o Self presente (Reese & Brown, 2000; Reese et al., 1993).

## **2.4. Conteúdo da Reminiscência Conjunta**

Adicionalmente à estrutura, estilo e elaboração da reminiscência, o conteúdo da mesma é, também, muito diverso. Um tipo de conteúdo no qual os investigadores se têm focado é o conteúdo avaliativo, sendo que este fornece um contexto e significado às descrições dos eventos passados e inclui referências emocionais (como por exemplo, “tu estás triste”), bem como referências à experiência subjetiva ou opinião acerca do acontecimento (por exemplo, “qual foi a tua parte preferida?”). Adicionalmente, a inclusão de conteúdos sociais e conversas didáticas, através das quais as mães se focam no ensino de comportamentos e lições de moral, também demonstraram ser aspetos importantes do conteúdo da reminiscência que varia entre as mães (Fivush, Brotman, Buckener & Goodman, 2000; Wang, 2006).

Fivush e os seus colaboradores (2000) examinaram o conteúdo das conversas entre mães e filhas acerca de eventos com teor emocional elevado e concluíram que nestas conversações, as mães aparentavam regular as emoções das suas crianças fornecendo soluções e um feedback avaliativo. No entanto, foram observadas variações no tipo de emoções consoante o género e contexto cultural o que sugere que o processo de reminiscência pode ter um significado diferente consoante os contextos.

As mães muito elaborativas, também incluem mais informação, ou maior conteúdo, de carácter emocional durante o processo de reminiscência, sendo que esta informação se foca, não somente no que aconteceu, mas no que o evento significa. São os pensamentos e sentimentos acerca de determinado acontecimento que faz com que este seja significativo a nível pessoal para os sujeitos (Bergen & Salmon, 2010)

## 2.5. Vinculação e Reminiscência Conjunta

A vinculação é um processo central no desenvolvimento psicológico que se reporta à ligação emocional entre a mãe e a criança (Bowlby, 1969 cit in Webster, 1998). As crianças que recebem uma maior responsividade e uma prestação de cuidados com maior sensibilidade acabam por acreditar que o mundo é um lugar mais seguro, que os outros são confiáveis e que eles próprios são merecedores de cuidado (Bowlby, 1969 cit in Webster, 1998). A vinculação precoce baseia-se nas experiências sensoriais da criança, mas com o desenvolvimento, estas desenvolvem esquemas que fornecem representações do Self, dos outros e do mundo. Um relacionamento com um vínculo mais seguro permite à criança sentir-se segura para explorar o mundo, sabendo que tem um porto seguro para onde voltar, em períodos de stress (Kulkofsky, 2011; Wareham & Salmon, 2006).

Segundo os resultados obtidos nos estudos que se focaram na relação entre os constructos vinculação e reminiscência (e.g. Laible, 2004; Newcombe & Reese, 2004), foi possível concluir que existem consequências a longo prazo para o desenvolvimento das memórias autobiográficas nas crianças, quando as mães, regularmente, se empenham no processo de reminiscência conjunta com o propósito de criar um vínculo seguro, comparativamente aquelas que o fazem com intuito de ensinar as suas crianças. Por outras palavras, o conteúdo e função da reminiscência conjunta varia consoante as mães tenham estabelecido uma vinculação segura ou insegura, tendo-se demonstrado que crianças que apresentam vínculos inseguros têm mães com menor propensão de se empenharem em conversações que promovam o vínculo entre cuidador-criança (Laible, 2004).

Tendencialmente as mães utilizam uma reminiscência mais elaborativa com as crianças com quem estabeleceram um vínculo seguro, que quando comparadas com outras crianças que tenham estabelecido um vínculo inseguro, apresentam maior probabilidade de internalizar os aspetos emocionais do estilo de reminiscência das mães (Newcombe & Reese, 2004).

O contexto da reminiscência permite quer às mães, quer às crianças, explorar o que aconteceu, e o que significou para ambas, assim díades com vínculos mais seguros serão mais capazes de discutir, negociar e elaborar acerca do que ocorreu e especialmente falar acerca do conteúdo emocional das experiências passadas (Laible, 2004).

A investigação tem consistentemente demonstrado que o contexto da reminiscência é altamente preditivo do desenvolvimento emocional da criança, comparativamente a qualquer outro contexto inter-relacional, tal como a leitura de um livro, ou uma conversa acerca dos conflitos emocionais que estão a decorrer no momento (Laible, 2004; Reese & Farrant, 2003 cit in Wareham & Salmon, 2006). Assim em suma, mães que tenham estabelecido com os seus filhos uma vinculação segura, serão mais elaborativas na processo de reminiscência conjunta, apresentam uma melhor capacidade de adequar as suas respostas às necessidades dos seus filhos e mais estes participam de forma mais ativa nestas conversações acerca de memórias passadas (Laible, 2004; Newcombe & Reese, 2004; Reese & Farrant, 2003 cit in Wareham & Salmon, 2006).

## **2.6. Diferenças de género na Reminiscência Conjunta**

Uma das áreas em que as diferenças de género na reminiscência são menos ambíguas e os resultados obtidos são mais consistentes é no período da infância. Ainda que as crianças, assim que as competências linguísticas o permitam, comecem a recordar memórias autobiográficas socialmente, para desenvolver e melhorar esta capacidade, estas necessitam do auxílio dos seus cuidadores que atuam como “andaimes” no processo de recuperação, provocando a modelagem de como tal ocorre e reforçando as memórias de uma forma mais estruturada (Newcombe & Reese, 2004).

No entanto, os cuidadores, principalmente as mães, envolvem os seus filhos e filhas de forma diferente no processo de reminiscência conjunta, sendo que, as raparigas, comparativamente aos rapazes, são incentivadas e recompensadas pelo processamento de recordações, ou seja, sempre que relatam memórias acerca de acontecimentos pessoais passados importantes recorrendo a detalhes e pormenores, são recompensadas (Webster et al., 2010).

Quer os pais, quer as mães, falam mais globalmente acerca das emoções quando utilizam a reminiscência com as filhas, mencionando mais palavras específicas relacionadas com as emoções, como por exemplo, falam acerca de estarem tristes, chateados, aborrecidos com as raparigas e com os rapazes só recorrem ao vocábulo tristeza. Os cuidadores apresentam também maior probabilidade de falar acerca de possíveis resoluções para emoções negativas com as filhas do que com os filhos, especificamente, os pais também colocam as experiências emocionais num contexto mais social com as filhas do que com os filhos (Buckner & Fivush, 1998; Fivush & Schwarzmueller, 1998; Fivush & Bluck, 2009).

Ainda que não haja diferenças na forma como as meninas e os meninos relatam as suas experiências numa fase precoce do ciclo de desenvolvimento (anos pré escolares), no final deste período, as meninas começam a utilizar narrativas mais longas, mais detalhadas e emocionalmente mais ricas que os rapazes (Kuebli & Fivush, 1998), e estas diferenças de

gênero mantém-se relativamente estáveis ao longo do desenvolvimento. Como adultos, as mulheres apresentam narrativas autobiográficas mais longas, vividas, emotivas e racionalmente orientadas comparativamente aos homens, sugerindo assim, que o estilo de reminiscência parental contribui para que existam diferenças de gênero na compreensão do Self (Buckner & Fivush, 1998).

As raparigas parecem deter uma melhor compreensão emocional na infância que os rapazes (e.g. Adams et al. 1995; Kuebli & Fivush, 1992). Ou seja, as meninas estão mais aptas a rotular e identificar as emoções dos outros e as suas próprias emoções, comparativamente aos rapazes numa idade mais precoce do desenvolvimento. As meninas apresentam ainda mais empatia e estão mais aptas, a regular emoções negativas que os rapazes (Fivush, 2007). Enquanto adultos, as mulheres relatam com maior frequência e de um modo mais intenso as experiências emocionais, apreciando-as e avaliando-as mais, comparativamente aos homens (Fivush, 2006). É também possível, que o fato das raparigas aprenderem, através do processo de reminiscência conjunta parental utilizado na primeira infância, a focar-se mais e, conseqüentemente, a ruminar e despender mais tempo a pensar em emoções como a tristeza, quando comparadas com os rapazes, faça com que inadvertidamente estas desenvolvam um estilo de reminiscência mais ruminativo e depressivo (Adams et al. 1995; Kuebli & Fivush, 1992).

## **2.7. Diferenças culturais na Reminiscência Conjunta**

Há atualmente um crescente corpo de investigação que se dedicou ao estudo das diferenças culturais na reminiscência entre cuidador e criança (e.g. Schroder et al, 2013; Kulkofsky et al., 2009; Tōugu et al, 2011). Como as narrativas pessoais se relacionam com o modo como atribuímos sentido a nós próprios e ao mundo, o modo como a cultura conceptualiza o Self desempenhará um papel crítico no conteúdo e estrutura da reminiscência entre cuidador-criança (Schroder et al, 2013). Várias investigações (Kulkofsky et al., 2009; Schroder et al, 2013; Schroder et al, 2012; Tōugu et al, 2011) têm-se assim dedicado à análise das variações observadas nos diversos componentes constituintes da reminiscência consoante os contextos culturais em que os sujeitos se inserem, dado a importância que este fator assume no processo de reminiscência individual.

Os investigadores extrapolaram o contexto individual de estudo da reminiscência e avaliaram se tais relações se mantinham no contexto da reminiscência conjunta, tendo identificado variações nesta entre mães europeias, asiáticas e chinesas. Assim, as mães europeias e americanas apresentavam uma maior probabilidade de utilizar um estilo de reminiscência mais elaborativa, incentivando mais as suas crianças a avaliarem as suas experiências e a focarem-se mais na criança relativamente ao outro, comparativamente às mães asiáticas. Por outro lado, as mães asiáticas e chinesas apresentam maior probabilidade

de se focarem em conversações mais didáticas e no ensinamento de lições de moral (Wang, 2001; Wang, 2006).

No contexto ocidental, a reminiscência conjunta concluiu-se ser mais elaborativa e emocional, o que serve o propósito de ajudar a construir e manter o relacionamento entre o cuidador e a criança ao desenvolver um sentido de união. Já no contexto oriental verificou-se existir uma reminiscência pouco elaborativa que se foca mais na mãe (cuidadora) e no fornecimento por parte desta das “respostas corretas”, tal permite servir o propósito da manutenção da hierarquia social e ensinamento de lições (Fivush, 2007; Wang, 2006).

As mães americanas e europeias incluem nas suas reminiscências conjuntas, um conteúdo mais avaliativo comparativamente às mães asiáticas, enquanto estas últimas se empenham mais em conversas didáticas (Wang & Koh, 2009). Além disto, Kulkofsky & Koh (2009) demonstraram que as mães europeias e americanas relatavam que usavam o processo de reminiscência conjunta com propósitos de promover a vinculação contrariamente às mães chinesas. Os resultados obtidos neste estudo acrescentam ainda que quando as mães recorrem à reminiscência com o propósito de estimular a união/vínculo, o fazem incitando as suas crianças a avaliar mais as suas experiências e a focarem-se mais nos eventos específicos, enquanto mães que utilizam a reminiscência com o propósito de ensinar uma lição recorrem a conversações mais didáticas.

## 2.8. Funções da Reminiscência Conjunta

O quadro teórico que emerge da literatura acerca da reminiscência no adulto tem sido empregue e considerado útil para compreender o processo de reminiscência entre o cuidador e a criança. Como tal, Wang (2001) sugeriu que a reminiscência conjunta poderá ser utilizada com o propósito de auxiliar a construção e manutenção do relacionamento entre o cuidador e a criança, bem como entre a criança e outros, como por exemplo, os seus pares ou irmãos, sendo que tal parece refletir a função social que este constructo assume. Além disto, os cuidadores poderão, ainda, recorrer à reminiscência conjunta, como um meio para socializar e ensinar à criança quais as expectativas que estes teriam acerca dos seus comportamentos, o que aparenta refletir a existência de uma função diretiva. Por fim, a reminiscência conjunta poderá também ser utilizada, segundo este autor, como um meio para construir um sentido de Self que fosse culturalmente apropriado (Wang, 2001).

Assim, ainda que aparentemente, a reminiscência conjunta possa cumprir as três funções mais amplas, social, diretiva e de self, mensuráveis pela TALE, foi necessário que se realizassem mais investigações no contexto específico da reminiscência conjunta entre cuidador-criança. Tal relacionou-se com o facto da reminiscência conjunta poder ser motivada por objetivos distintos da reminiscência individual realizada pelo adulto (Kulkofsky, 2011).



A reminiscência conjunta é, por definição, uma atividade social e como tal, deve refletir objetivos sociais implícitos e explícitos por parte do cuidador num maior grau comparativamente à reminiscência individual, que consideravelmente se foca em aspetos privados da reminiscência (Kulkofsky & Koh, 2009). A notoriedade que as funções sociais podem desempenhar no processo de reminiscência conjunta, tem sido empiricamente descrito, tendo os teóricos concluído que a função primária da reminiscência, no ciclo de desenvolvimento se foca em objetivos sociais (Nelson, 1993; Nelson & Fivush, 2004).

Os cuidadores podem utilizar o contexto da reminiscência conjunta como um contexto educacional para diversos componentes do desenvolvimento infantil (e.g. Bergen & Salmon, 2010; Leyva et al., 2012; Reese et al, 2010). A reminiscência conjunta auxilia no desenvolvimento de um sentido de self na criança, enquanto constrói uma história social partilhada entre a criança e o cuidador o que contribui para um vínculo mais seguro (Fivush & Vasudeva, 2002).

A reminiscência conjunta apresenta também uma função de regulação emocional, ao auxiliar a criança a avaliar os aspetos emocionais das suas experiências (Bergen & Salmon, 2010). Com base no suprarreferido, a reminiscência conjunta representa uma gama mais ampla de funções que as delineadas na literatura relativa à reminiscência no adulto, especificamente as três amplas categorias já descritas.

Assim, Kulkofsky & Koh (2009) com o objetivo de construírem uma escala que mensurasse as funções da reminiscência conjunta, a *Caregiver Reminiscence Scale* (CRS), partiram de uma análise teórica e empírica da literatura acerca das funções da reminiscência individual e atentos às peculiaridades do contexto da reminiscência conjunta, definiram um conjunto de sete funções definidas na tabela 2, a partir das quais derivaram 40 itens que compõe a CRS. As funções identificadas demonstraram que a reminiscência conjunta sobrepõe as funções da reminiscência no adulto e inclui um conjunto de componentes únicos (Kulkofsky & Koh, 2009).

**Tabela 2.** Funções da reminiscência conjunta e respetiva descrição das mesmas (adaptado de Kulkofsky & Koh, 2009).

<b>Funções</b>	<b>Descrição das Funções</b>
<b>Função conversacional</b>	Falar acerca do passado como um meio para promover a conversação com a criança
<b>Função de manutenção do relacionamento</b>	Falar acerca do passado como um meio para construir e fortalecer relacionamentos entre a criança e outros;
<b>Função de ensino/resolução de problemas</b>	Falar acerca do passado para resolver problemas do quotidiano;
<b>Função de controlo comportamental</b>	Falar acerca do passado a fim de dar lições ou controlar os comportamentos da criança;
<b>Função de regulação emocional</b>	Falar acerca do passado como um meio para promover emoções positivas ou para auxiliar a criança a compreender as suas próprias emoções;
<b>Função de Self</b>	Falar acerca do passado como um meio de auxiliar a criança a construir um sentido de si própria;
<b>Função de habilidades de memória</b>	Falar acerca do passado a fim de ensinar à criança como recordar

Aquando da aplicação desta pré-escala, Kulkofsky e Koh (2009) pediram a 46 pais com crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos, que além de preencherem a escala, fornecessem funções adicionais acerca dos motivos que os levavam a empenharem-se em conversações acerca do passado com os seus filhos. Com base nesta informação e na análise fatorial exploratória posteriormente realizada, sugeriram uma extensão das funções que foram conceptualizadas teoricamente. Especificamente emergiram novas funções que combinam objetivos desenvolvimentais durante o período da primeira infância, como por exemplo a Emotividade Positiva, e ampliaram a função, competências da memória denominando-a de competências cognitivas.

A função Emotividade Positiva foca-se primariamente no vínculo entre cuidador e criança e na construção positiva do autoconceito da criança, existindo evidências teóricas e empíricas de que estes dois aspetos podem ser considerados como uma função unitária. Recorrendo à perspetiva da teoria da vinculação, existe um conjunto de conceções acerca de nós próprios que estão intimamente relacionadas com as conceções que os nossos cuidadores têm acerca deles mesmos, de tal modo que uma história de interações positiva e de apoio emocional entre cuidador-criança irá subseqüentemente resultar na visualização por parte da criança como sendo digna e valiosa (Bowlby, 1973 cit in Kulkofsky, 2011).

Kulkofsky e Koh (2009) concluíram que os cuidadores relatam que utilizam frequentemente, o processo de reminiscência com as crianças, e que o fazem por diversos motivos. Relativamente à frequência com que cada função é empregue, a mais utilizada é a

emotividade positiva que inclui o vínculo entre cuidador e criança, o que fornece alguma evidência para a perspectiva de que as funções sociais são importantes, particularmente na primeira infância (e.g. Nelson, 1993; Nelson & Fivush, 2004). Tal como referido por estes autores, estas funções aparentam estar interligadas com a construção de um sentido positivo de self e a redução das experiências emocionais negativas. A função menos frequentemente utilizada da reminiscência conjunta foi a de relacionamento com os pares, tendo os autores (Kulkofsky & Koh, 2009) considerado que esta função é a que melhor demonstra a influência que as tendências desenvolvimentais têm sobre as funções da reminiscência, dado a sua frequência aumentar consoante aumenta a idade da criança, tornando-se assim mais frequente no período da infância e da adolescência onde as relações de pares se tornam mais centrais (Eccles, 1999; Reese, Jack & White, 2010).

Apesar de existir uma quantidade significativa de teorizações em relação à funcionalidade da reminiscência entre cuidador e criança, foram encontrados poucas investigações, no âmbito desta pesquisa, sobre a relação entre as funções da reminiscência individual dos cuidadores e as funções da reminiscência conjunta (e.g. Kulkofsky, 2011; Kulkofsky & Koh, 2009).

Os resultados obtidos neste estudo (Kulkofsky & Koh, 2009) sugerem que os comportamentos dos cuidadores durante o processo de reminiscência conjunta aparentam ser modelados pelos comportamentos de reminiscência individual. Os cuidadores que relataram utilizar com maior frequência a função diretiva na reminiscência individual, também o faziam com a função diretiva, na reminiscência conjunta. Adicionalmente, ambas as funções da CRS que envolvem aspetos do autodesenvolvimento (emotividade positiva e o self individual em relação a outros) foram preditas pelos relatos dos cuidadores que usam a reminiscência para construir e desenvolver os seus próprios Self's (Kulkofsky & Koh, 2009). Observou-se ainda que a frequência relatada do uso da reminiscência conjunta estava positivamente associada com a frequência com que os adultos usam o processo de reminiscência nas suas próprias vidas (Kulkofsky & Koh, 2009).

A reminiscência pode assim, ser um processo adaptativo, sem que seja controlada de forma consciente, assim construir uma identidade e promover a continuidade do Self ou promover a ligação entre os elementos de um grupo, podem constituir funções fundamentais da reminiscência conjunta, do ponto de vista da adaptabilidade, enquanto poderão não ser necessariamente referidas como as mais frequentes do ponto de vista do cuidador. O facto de nenhuma das funções ser raramente referida neste estudo, poderá sugerir que os cuidadores estavam conscientes da utilidade da reminiscência conjunta (Kulkofsky & Koh, 2009; Kulkofsky, 2011).



## **PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO**



## 3. Metodologia do estudo

### 3.1. Enquadramento e objetivos de investigação

A reminiscência é um processo comum a todos os seres humanos e presente em todas as fases de desenvolvimento, que implica a recuperação de memórias acerca de acontecimentos passados que os sujeitos tenham vivenciado (Webster & McCall, 1999). Recuperar acontecimentos autobiográficos, pode ser um processo espontâneo, desencadeado por sons, cheiros, imagens ou outros estímulos, ou deliberado, quando este é induzido com determinados propósitos (Pinquart & Forstmeir, 2012). Este processo pode ainda envolver quer a recuperação de episódios felizes, quer a recordação de episódios que gerem sentimentos negativos podendo ser realizado de forma privada ou social, ou seja, realizado com outros (Bohlmeijer, Westerhof & Jong, 2008). Em suma, a reminiscência individual é um processo fundamental para todos os seres humanos que pode assumir diferentes funções.

Dentro do contexto social, surge o processo de reminiscência conjunta entre cuidador-criança, considerado um modo de interação privilegiado entre pais e filhos, e que se centra nas conversas acerca do passado que o cuidador e a criança têm quer acerca de acontecimentos que ambos tenham partilhado, quer relativamente a acontecimentos que só tenham sido vivenciados pela criança (Kulkofsky & Koh, 2009). Segundo a revisão de bibliografia efetuada no âmbito desta dissertação, pode-se considerar que a reminiscência conjunta é um contexto privilegiado que desempenha um papel significativo no desenvolvimento de aspetos cognitivos, sociais e emocionais na criança (e.g Fivush, Marin, McWilliams & Bohanek, 2009; Reese, Leyva, Sparks & Grolnick, 2010; Wareham & Salmon, 2006).

O presente estudo assume como principal objetivo analisar e avaliar se as funções da reminiscência individual e as funções da reminiscência conjunta (entre cuidador-criança) se relacionam.

Para que tal objetivo seja cumprido é necessário proceder-se à tradução e adaptação da *Reminiscence Functions Scale* (RFS), desenvolvida por Webster (1993), que tem como objetivo avaliar as diferentes funções da reminiscência. Assim, os principais objetivos deste estudo são:

1. Adaptar a escala RFS para a população portuguesa;
2. Descrever as funções da reminiscência individual dos cuidadores;
3. Averiguar se existem diferenças na utilização das funções da reminiscência individual entre géneros;
4. Averiguar se existem diferenças na reminiscência individual em função das habilitações literárias;
5. Comparar a utilização das funções da reminiscência individual entre grupos etários distintos;
6. Descrever a utilização das funções da reminiscência conjunta;

7. Averiguar se existem diferenças na utilização das funções da reminiscência conjunta consoante o género dos cuidadores;
8. Averiguar se existem diferenças na reminiscência conjunta em função das habilitações literárias do cuidador;
9. Analisar se existem diferenças nas funções da reminiscência conjunta consoante o género da criança;
10. Comparar a utilização das funções da reminiscência conjunta entre os grupos pré e escolar;
11. Analisar a relação entre as funções da reminiscência conjunta e as funções da reminiscência individual.

## **3.2. Método**

### **3.2.1. Desenho da investigação**

Com base na revisão da literatura efetuada e nos objetivos propostos, optou-se pela realização de um estudo quantitativo, uma vez que se pretende recolher dados observáveis e quantificáveis recorrendo a instrumentos padronizados. Trata-se de um estudo transversal uma vez que envolve a análise dos resultados obtidos a partir de uma amostra de sujeitos, num único momento temporal (Guimarães & Cabral, 1998).

Este estudo é ainda descritivo (Guimarães & Cabral, 1998), uma vez que permite documentar os fenómenos de interesse especificando as principais características, comparativo (Martins, 2011), pois compara duas ou mais variáveis com o intuito de encontrar semelhanças ou diferenças entre estas e correlacional (Guimarães & Cabral, 1998) pois avalia a relação entre duas dimensões, categorias ou variáveis.

### **3.2.2. Participantes**

A amostra deste estudo é composta por 329 cuidadores (pais), dos quais 62 (18.8%) são do género masculino e 267 (81.2%) do género feminino. A idade média destes participantes é de 38 anos (DP=5.42), varia entre um mínimo de 23 anos e um máximo de 57 anos e apresenta um valor para a mediana de 38 e para a moda de 40. Relativamente ao estado civil, 16 (4.9%) dos participantes são solteiros, 260 (79%) casados, 26 (7.9%) vivem em união de fato, 25 (7.6%) são divorciados e 2 (0.6%) são viúvos.

Quanto às habilitações literárias mais de metade dos participantes não tem uma formação académica superior, sendo que, especificamente 17 (5.2%) têm o 6º ano de escolaridade, 45 (13.7%) o 9º ano e 144 (43.8%) o 12º ano, não tendo sido contabilizado nenhum participante com o 4º ano de escolaridade. Dos participantes com uma formação



superior, existem 36 (10.9%) com o bacharelato, 80 (24.3%) licenciados e os restantes com o mestrado (4; 1.2%) ou com o doutoramento (3; 0.9%).

Recorrendo à Classificação Portuguesa das Profissões de 2010 elaborada pelo Instituto Nacional de Estatística (INS, 2011), conclui-se que compõe esta amostra, 8 (2.4%) representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos, 61 (18.5%) especialistas das atividades intelectuais e científicas, 37 (11.2%) participantes com profissões de nível intermédio, 33 (10%) administrativos, 52 (15.8%) trabalhadores de serviços pessoais, de proteção, de segurança e vendedores, 15 (4.6%) trabalhadores qualificados da indústria ou construção e artífices, 8 (2.4%) operadores de instalações e trabalhadores de montagem, 26 (7.9%) trabalhadores não qualificados e 1 (0.3%) agricultor. Adicionalmente, 77 (23.4%) dos participantes inquiridos referiram estar atualmente desempregados e 11 (3.3%) apesar de empregados, não especificaram a sua área de ocupação profissional.

Relativamente ao agregado familiar, ou seja o número de pessoas que habitam na mesma casa que os participantes deste estudo, conclui-se em média ser composto por 4 pessoas (DP=0.81), variando entre um mínimo de 2 pessoas e um máximo de 7 e com uma moda e mediana de valor 4, sendo que, para uma melhor compreensão desta e das supra-descritas características sociodemográficas, deverá observar-se a tabela 3. A partir da análise qualitativa das respostas dadas pelos inquiridos, conclui-se ainda que este agregado é composto na maioria pela família nuclear (cuidadores/pais e crianças) e por vezes pela presença dos avós.

**Tabela 3.** Caracterização da amostra, dados sociodemográficos (N= 329).

<b>Características Sociodemográficas</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Papel que o participante assume</b>		
Pai (Masculino)	62	18,8
Mãe (Feminino)	267	81,2
<b>Idade</b>		
23-38	188	57,1
39-60	141	42,9
<b>Estado civil</b>		
Solteiro (a)	16	4,9
Casado (a)	260	79
União de fato	26	7,9
Divorciado (a)	25	7,6
Viúvo (a)	2	0,6

**Tabela 3.** Caracterização da amostra, dados sociodemográficos (N= 329).

Características Sociodemográficas	n	%
<b>Habilitações Literárias</b>		
6.º Ano	17	5,2
9.º Ano	45	13,7
12.º Ano	144	43,8
Bacharelato	36	10,9
Licenciatura	80	24,3
Mestrado	4	1,2
Doutoramento	3	0,9
<b>Ocupação Profissional</b>		
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	8	2,4
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	61	18,5
Técnicos e profissões de nível intermédio	37	11,2
Pessoal administrativo	33	10,0
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	52	15,8
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1	0,3
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	15	4,6
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	8	2,4
Trabalhadores não qualificados	26	7,9
Desempregado	77	23,4
Empregado, mas não especificou	11	3,3
<b>Agregado Familiar (nº de pessoas)</b>		
2	20	6,1
3	107	32,5
4	167	50,8
5	28	8,5
6	6	1,8
7	1	0,3

Dado ter sido requerido aos participantes que se focassem na ou numa das crianças que têm ao seu cuidado para responderem a um dos instrumentos (CRS), caracteriza-se também esta amostra que relativamente a esse aspeto. Assim, 155 (47%) dos respondentes centraram-se em crianças do sexo feminino e 174 (53%) do sexo masculino, com uma média de idades de 6 anos (DP=2.07) variando entre um mínimo de 3 anos e um máximo 10 anos (idades limite previamente estabelecidas). O valor da mediana é 6 e a moda 5, sendo que para uma melhor

compreensão deverá observar-se o gráfico da figura 4 onde para cada valor da idade é indicado o número de crianças e a percentagem correspondente.

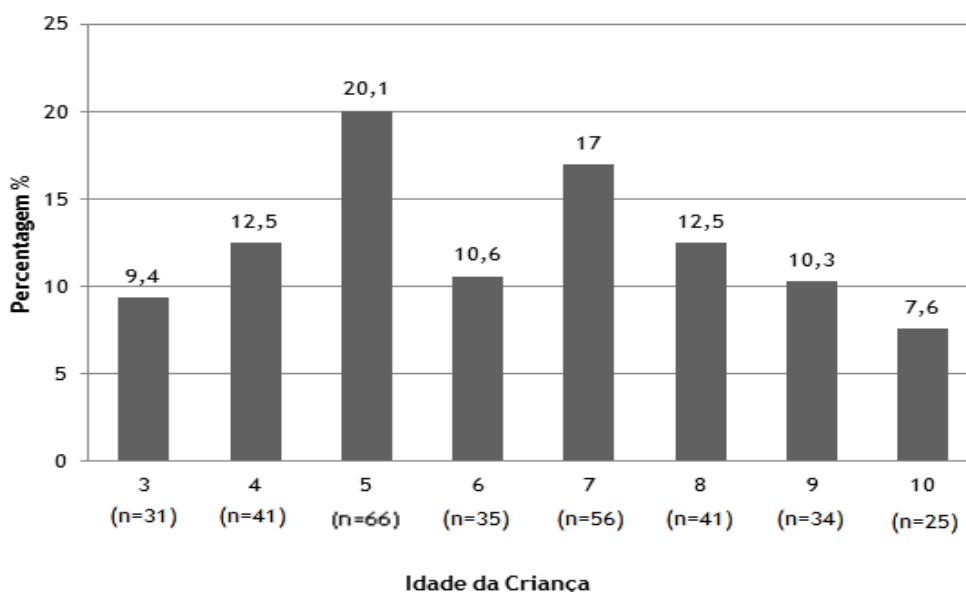


Figura 4. Frequência absoluta (n) e percentagem (%) de crianças para cada uma das idades descritas (N = 329)

### 3.2.3. Instrumentos

Para a realização deste estudo, os participantes responderam aos seguintes instrumentos: questionário socio-demográfico, a *Caregiver-child Reminiscence Scale* (Kulkofsky & Koh, 2009) e *Reminiscence Functions Scale* (Webster, 1993).

#### Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi concebido com intuito de avaliar um conjunto de características determinadas com base na revisão da literatura. Assim, recorrendo a questões de resposta direta e de múltipla escolha, aos participantes questionou-se, que papel assumem (ou seja, pai, mãe ou outro), idade, habilitações literárias, estado civil, profissão (especificando se está empregado ou desempregado), número de filhos e respetivas idades e composição do agregado familiar (ver anexo 1).

#### Escala da Reminiscência Cuidador- Criança (CRS)

A CRS é um questionário aplicado a cuidadores (pais), construído por Kulkofsky e Koh (2009). Os itens desta escala, apesar de se basearem nas funções da reminiscência relatadas na literatura, incluem também itens sobre as características únicas da

Reminiscência Conjunta. Assim, esta escala é constituída por 40 itens que refletem as sete categorias descritas por Kulkofsky, Wang e Koh (2008): Conversação, Manutenção Relacionamento, Ensino/Resolução de Problemas, Controlo Comportamental, Self, Regulação Emocional e Competências de Memória. Os itens constituintes da escala foram dispostos de forma aleatória (Kulkofsky & Koh, 2009).

A CRS em adaptação à população portuguesa (Guerra, 2013 em preparação) foi aplicada a uma amostra de 329 cuidadores (pais), tendo sido encontradas novas categorias, relativamente à escala original, denominadas: Identidade, Ensino e Transmissão de Estratégias de Coping (composta por 15 itens), Desenvolvimento e Relações Familiares (composta por 10 itens), Regulação emocional e vínculo cuidador criança (composta por 6 itens), Conversação (composta 5 por itens) e Compreensão e Promoção de Competências na Criança (composta por 4 itens). Para a definição desta nova estrutura fatorial, a autora recorreu ao método análise fatorial exploratória em componentes principais com rotação varimax, tendo encontrado para cada um dos fatores uma consistência interna que variou entre 0.85 e 0.96.

Para responderem à CRS, os pais ou cuidadores são inicialmente esclarecidos sobre o que é a reminiscência conjunta, sendo-lhes dada a seguinte informação: “Concentre-se nas conversas que tem com o seu filho(a), acerca de eventos passados que este tenha experienciado. Estas conversas são definidas como “conversas sobre o passado” e podem incluir eventos que você e o seu filho(a) tenham experienciado em conjunto, bem como acontecimentos que o seu filho(a) tenha experienciado mas você não”. Antes de prosseguirem com o preenchimento da escala, os pais são questionados se têm ou não este tipo de conversas. Caso a resposta seja negativa, não continuam a responder à escala, caso seja afirmativa, estes são convidados a avaliar, numa escala de 7 pontos, em que 1 corresponde a “muito raramente” e 7 a “muito frequentemente” com que frequência se envolvem no processo de reminiscência conjunta com os seus filhos (Kulkofsky, 2010). Após estas duas questões gerais, os pais respondem a cada um dos 40 itens que avaliam as funções de reminiscência conjunta, recorrendo também a uma classificação tipo Likert, cujas respostas poderão variar de 1 (nunca) a 7 (muito frequentemente).

### **Escala das Funções da Reminiscência (RFS)**

A RFS foi construída por Webster (1993) e, posteriormente sujeita a diferentes estudos psicométricos, apresentando regularmente bons índices de fiabilidade e validade, assim como uma estrutura fatorial consistente (Webster, 1993, 1997, 2003 & Webster & Gould, 2007). Com base na informação teórica e empírica recolhida relativamente às funções da reminiscência e a informação recolhida através de um mecanismo “bottom-up” (conjunto de questões de resposta aberta em que os participantes referiram quais os motivos que os faziam recorrer ao processo de

reminiscência) foram definidas oito funções, tendo o autor elaborado um conjunto de 54 itens representativos das mesmas. Posteriormente foi desenvolvido um estudo inicial com uma amostra composta por 710 sujeitos, 289 do género masculino e 421 do género feminino, cujas idades variavam entre os 17 e os 91 anos ( $M = 46$ ). Recorrendo ao método análise fatorial confirmatória dos componentes principais com rotação varimax, o autor manteve 43 itens dos 54 inicialmente propostos e confirmou a existência das oito funções que denominou de: ressurgimento de amargura (composta por 5 itens), redução do aborrecimento (composta por 6 itens), conversação (composta por 5 itens), preparação para a morte (composta por 6 itens), identidade (composta por 6 itens), manutenção da intimidade (composta por 4 itens), resolução de problemas (composta por 6 itens) e ensinar/informar (composta por 5 itens) (Webster, 1993). Os níveis de consistência interna encontrados para cada um dos fatores variaram entre 0.79 e 0.89 (Webster, 1993).

Na administração desta escala, são dadas as seguintes instruções: “Durante diferentes épocas das suas vidas, a maioria das pessoas pensam acerca do seu passado. Recordar os tempos passados pode ser algo espontâneo ou deliberado, privado ou realizado com outros e pode envolver recordações de episódios felizes ou tristes. O processo de recordar memórias do nosso passado denomina-se reminiscência, uma atividade em que se envolvem adultos de todas as idades. Este questionário centra-se nas funções da reminiscência. Ou seja, que propósito a reminiscência cumpre ou que objetivos podem ser alcançados através da recordação do passado.” Posteriormente é pedido aos participantes que respondam a cada um dos 43 itens que avaliam as funções de reminiscência, recorrendo a uma classificação tipo Likert, cujas respostas poderão variar de 1 (nunca) a 7 (muito frequentemente) (Webster, 1993).

### 3.2.4. Procedimentos

A conceção deste estudo iniciou-se pela execução de uma pesquisa bibliográfica acerca de informação científica relacionada com os constructos que se pretendem estudar. Com base na informação recolhida, elaborou-se um referencial teórico orientador a partir do qual se conceberam os objetivos desta investigação e em simultâneo foram pesquisados instrumentos que mensurassem as dimensões a investigar.

Com base nas características e objetivos do estudo, selecionaram-se como instrumentos a utilizar a *Caregiver-child Reminiscence Scale* (Kulkofsky & Koh, 2009) e a *Reminiscence Functions Scale* (Webster, 1993), procedendo-se posteriormente ao contacto via email com os autores, que autorizaram o uso das escalas. Como parte integrante do protocolo que seria entregue aos participantes elaborou-se um questionário sociodemográfico, estando as questões que o compõe relacionadas com os resultados prévios obtidos noutras investigações.

Uma vez que a RFS não se encontrava traduzida para português, procedeu-se ao cumprimento do primeiro objetivo, ou seja, a adaptação desta escala para a população portuguesa. Para tal procedeu-se inicialmente à sua tradução (trabalho realizado por duas investigadoras e supervisionado pela orientadora deste estudo) e respetivo processo de retroversão, para o qual se recorreu a um professor luso-americano que vive atualmente e há cerca de 15 anos nos EUA. Após o processo de retroversão, realizou-se nova tradução, tendo-se comparado os resultados obtidos e realizado os reajustes necessários na escala.

Após este processo, realizou-se um pré-teste com os instrumentos a utilizar neste estudo com 8 sujeitos com características semelhantes aos participantes do estudo. Foi solicitado aos inquiridos no pré-teste que relatassem os aspetos menos perceptíveis e pontos fortes do protocolo. Na sequência da realização do pré-teste, os protocolos foram analisados em relação à redação dos itens, estrutura gramatical, erros de linguagem e adequação dos itens/questões. Consequentemente reuniu-se e debateu-se a informação recolhida, modificaram-se os aspetos necessários e concluiu-se a versão final da RFS e do questionário sociodemográfico.

Iniciou-se posteriormente a aplicação dos protocolos, sendo que num primeiro momento se contactaram presencialmente os estabelecimentos de ensino do pré-escolar e escolar, sensibilizando-os para os objetivos da investigação e procedimentos inerentes à aplicação dos questionários. Após o consentimento cedido pelas diretoras das instituições o processo de recolha foi realizado por duas investigadoras, tendo uma ficado responsável pela recolha de dados de cuidadores com crianças em idade pré-escolar residentes na Covilhã, especificamente do colégio Fundação Imaculada Conceição, Agrupamento de escolas “A Lã e a Neve” e infantário “Bolinha de Neve”. A segunda foi responsável pela recolha de dados com cuidadores de crianças em idade escolar residentes no concelho da Figueira da Foz, concretamente no Centro Escolar São Julião e nas Escolas E. B. 1 das Abadias e de Maiorca.

Ainda relativamente à recolha de dados, salienta-se que os protocolos foram entregues nas instituições, onde a investigadora presencialmente sensibilizou as educadoras, auxiliares e professoras, acerca da importância da participação no estudo, caso estes aceitassem colaborar no estudo livremente. Aos participantes era fornecida uma breve explicação acerca do estudo e era facultado o contacto da investigadora, para esclarecimento de dúvidas e para, posteriormente, poderem ter conhecimento dos resultados. Os protocolos deveriam ser devolvidos, o mais brevemente possível, às responsáveis de cada sala sendo posteriormente recolhidos pela investigadora.

Todas as questões éticas e deontológicas foram asseguradas (ver anexo 2), tendo sido claramente pedido às instituições que não utilizassem qualquer forma de identificação nos protocolos a fim de garantir a confidencialidade e anonimato dos participantes e sendo garantido a informação e liberdade de participação. Os dados recolhidos foram utilizados para fins estatísticos deste estudo, tendo-se observado a necessidade, numa fase final, de anular cerca de 30 questionários por apresentarem irregularidades no seu preenchimento. Dos cerca de 480 protocolos entregues foram devolvidos 329.

Na fase final, construiu-se a base de dados e relativamente a algumas variáveis foram criadas novas categorias. A idade dos cuidadores foi organizada em dois grupos em função do cálculo da mediana (38), tendo-se obtido um primeiro grupo de participantes com idades que variam entre os 23 (mínimo) e os 38 (mediana) e um segundo com idades que variam entre os 39 e os 57 (máximo) anos. Quanto ao nível de escolaridade estabeleceram-se três grupos: o primeiro composto pelo 4.º, 6.º e 9.º ano, o segundo pelo 12.º ano, e o terceiro composto pelos participantes com uma formação académica superior (Bacharelato, Licenciatura, Mestrado e Doutoramento). Relativamente à profissão, dada a grande heterogeneidade de respostas apresentadas, reorganizou-se os dados obtidos e definiram-se dois grupos, empregados ou desempregados. As idades das crianças foram também organizadas em dois grupos: o pré-escolar (dos 3 aos 6 anos) e o escolar (dos 7 aos 10 anos).

### 3.2.5. Análise de dados

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizada a versão 21.00 do programa informático *SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences)* for Windows. Todos os procedimentos estatísticos realizados foram selecionados de acordo com os objetivos definidos e com o tipo de variáveis em causa. Após a construção da base de dados e respetiva identificação das escalas ou níveis de medida das variáveis, procedeu-se à caracterização da amostra (N = 329), através de análises estatísticas descritivas básicas como o cálculo da média, da mediana, da moda, do desvio-padrão e da pontuação máxima e mínima.

Procedeu-se posteriormente ao cálculo da consistência interna dos resultados obtidos nas escalas e subescalas através do *Alpha de Cronbach*. Este é uma das medidas mais utilizadas para verificação da consistência interna de um grupo de variáveis (itens), constituindo uma medida associada à fiabilidade interna do instrumento (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Quanto mais elevadas forem as covariâncias (ou correlações entre os itens), maior é a homogeneidade dos itens e maior é a consistência com que medem a mesma dimensão ou constructo teórico (Reis, 2009). O *Alpha de Cronbach* varia entre 0 e 1, sendo que quanto mais elevadas forem as correlações entre os itens, maior a consistência interna da escala. Um *Alpha de Cronbach* superior a 0.90 é considerado muito bom, entre 0.80 e 0.90 é considerado bom, entre 0.70 e 0.80 é classificado como razoável, entre 0.60 e 0.70 fraco e entre 0.50 e 0.60 considerado mau, sendo que aos investigadores é recomendado que sejam cautelosos nas conclusões que retiram quando o *Alpha* de uma escala se situa neste intervalo. Um *Alpha* inferior a 0.5 é considerado inadmissível (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Quanto aos procedimentos estatísticos necessários para se proceder à adaptação da escala RFS, iniciou-se pela análise da sensibilidade tendo-se calculado o valor de medidas de Assimetria ( $Sk$ ) e Curtose ( $Ku$ ) com o propósito de avaliar se a escala detém uma boa capacidade para discriminar os sujeitos (Pestana & Gageiro, 2008). Não se tendo verificado a necessidade de se excluir nenhum item, calculou-se o  $KMO$  (Kaiser-Meyer-Olkin). Este é um

procedimento estatístico que permite aferir a qualidade das correlações entre as variáveis de forma a prosseguir com a análise fatorial. Varia entre zero e um e compara as correlações de ordem zero com as correlações parciais observadas entre as variáveis (Maroco, 2007). Kaiser adjetivou os valores do KMO como: variando entre 1-0.9, análise fatorial muito boa, entre 0.8-0.9, análise fatorial boa, entre 0.7-0.8, análise fatorial média, 0.6-0.7 análise fatorial razoável, 0.5-0.6, análise fatorial má e menor que 0.5 a análise fatorial é inaceitável. Os valores de KMO encontrados permitiram avançar com a análise fatorial (Pestana & Gageiro, 2008).

A análise fatorial é uma técnica de análise exploratória de dados que tem por objetivo descobrir e examinar a estrutura de um conjunto de variáveis interrelacionadas de modo a construir uma escala de medida para fatores (intrínsecos) (Maroco & Bispo, 2003). Se duas variáveis estão correlacionadas, essa associação resulta da partilha de uma característica comum não diretamente observável, assim o objetivo primordial deste processo é atribuir um *score* (quantificação) a constructos ou fatores que não são diretamente observáveis (Martins, 2011). Para dividir o conjunto inicial de itens em dimensões, com o maior grau de independência possível utilizou-se a rotação Varimax em componentes principais, sendo que este método de extração dos fatores designado por componentes principais, que o SPSS utiliza por defeito, obtém pelo critério de Kaiser, um número de fatores igual ao número de valores próprios maiores que um (Maroco, 2007).

À medida que as dimensões das amostras aumentam, a distribuição da média amostral tende para a distribuição normal (independentemente do tipo de variável em estudo). Esta regra denomina-se de teorema do limite central (Guimarães & Cabral, 1998). Assim, tendo em conta que a amostra é superior a 100 sujeitos ( $N=329$ ), foi assumido, de acordo com este teorema, que a distribuição da amostra é normal. Esta assunção permite a utilização de testes paramétricos neste estudo e como tal, com base nos objetivos definidos utilizou-se, o teste *t-Student* que permite testar se as médias de duas populações são ou não significativamente diferentes (Martins, 2011). Existem diversas variações deste teste, nomeadamente para amostras independentes e amostras emparelhadas e com variâncias populacionais conhecidas ou não (Reis, 2009). A estatística do teste *t-Student* e o valor crítico deste só são válidos para comparar médias de duas populações (Pestana & Gageiro, 2008).

Já quando se pretende calcular diferenças entre mais de duas populações de onde foram extraídas amostras aleatórias e independentes (e.g.: neste estudo os três grupos gerados com base nas habilitações literárias) recorre-se a uma metodologia proposta por Sir Ronald Fisher e genericamente designada por Análise de Variância (abreviadamente ANOVA do inglês Analysis of Variance) (Pestana & Gageiro, 2008).

Foi ainda utilizado o Coeficiente de Correlação de Pearson, para determinar o grau de correlação linear entre as diferentes funções da Reminiscência Conjunta avaliada pela CRS e da Reminiscência Individual avaliada pela FRS, sendo que de forma pormenorizada, se considera segundo Poeschl (2006) que quando  $r = 1$ , a correlação é perfeita positiva, quando  $0,8 \leq r < 1$  a correlação é forte positiva, quando  $0,4 \leq r < 0,8$  a correlação é moderada



positiva, quando  $0,1 \leq r < 0,4$  a correlação é fraca positiva, quando  $0 < r < 0,1$  a correlação é ínfima positiva e quando  $r = 0$  é nula. Por outro lado, quando  $r = -1$ , é uma correlação perfeita negativa, quando  $-1 < r \leq -0,8$  é uma correlação forte negativa, quando  $-0,8 < r \leq -0,4$  a correlação é moderada negativa, quando  $-0,4 < r \leq -0,1$  a correlação é fraca negativa e quando se encontra entre  $-0,1 < r < 0$  a correlação é ínfima negativa (Poeschl, 2006).

Para a análise estatística das informações recolhidas foi estabelecido como nível de significância  $p \leq 0,05$ , na medida em que se considera o nível 5% como sendo o máximo aceitável para estabelecer que é estatisticamente significativo (Pestana & Gageiro, 2008; Maroco, 2007).

## 4. Resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados faseadamente, iniciando-se pela descrição dos dados obtidos na adaptação da *Reminiscence Funtions Scale* para a população portuguesa e de seguida os resultados diferenciais alcançados a partir dos objetivos propostos.

### 4.1. Adaptação da *Reminiscence Funtions Scale* para a população portuguesa

**Sensibilidade:** A sensibilidade dos itens foi avaliada pelas mediadas de Assimetria (Sk) e Curtose (Ku). Os resultados obtidos remetem para um instrumento com boa capacidade para discriminar os sujeitos, tal como descrito na tabela 4. Ainda que os valores de Curtose obtidos para os itens 2, 29 e 33 apresentem um valor absoluto superior a 3, optou-se por não eliminar os itens dado a sua exclusão não aumentar o *Alpha de Cronbach* global (tabela 5).

Tabela 4. Mediana, Mínimo, Máximo e Medidas de Assimetria (Sk) e Curtose (Ku) com respetivos rácios críticos ( $Sk/SE_{sk}$ ;  $Ku/SE_{ku}$ ) para os itens 43 itens da RFS versão portuguesa (N= 329)

Item	Me	Sk	$Sk/SE_{sk}$	Ku	$Ku/SE_{ku}$	Min.	Max
1	4.00	-.067	-.499	-.641	-2.391	1	6
2	1.00	2.026	15.073	4.205	15.688	1	5
3	2.00	.628	4.670	-.204	-.759	1	6
4	3.00	.043	.319	-.770	-2.874	1	6
5	4.00	-.075	-.559	-1.033	-3.854	1	6
6	2.00	.665	4.945	-.153	-.571	1	6
7	3.00	.361	2.688	-.526	-1.963	1	6
8	4.00	.050	.372	-.469	-1.750	1	6
9	2.00	1.144	8.509	.646	2.409	1	6
10	3.00	.545	4.052	-.179	-.669	1	6
11	2.00	1.033	7.684	.981	3.658	1	6
12	3.00	.406	3.021	-.269	-1.005	1	6
13	2.00	1.329	9.887	1.244	4.639	1	6
14	3.00	.386	2.875	-.828	-3.089	1	6
15	2.00	.815	6.065	.198	.737	1	6
16	2.00	1.247	9.277	1.177	4.391	1	6
17	2.00	1.168	8.685	1.437	5.359	1	6
18	3.00	.042	.314	-.453	-1.691	1	6
19	2.00	1.269	9.438	1.204	4.493	1	6

Tabela 4. Mediana, Mínimo, Máximo e Medidas de Assimetria (Sk) e Curtose (Ku) com respectivos rácios críticos ( $Sk/SE_{sk}$ ;  $Ku/SE_{ku}$ ) para os itens 43 itens da RFS versão portuguesa (N= 329)

Item	Me	Sk	$Sk/SE_{sk}$	Ku	$Ku/SE_{ku}$	Min.	Max
20	4.00	-.120	-.894	-.361	-1.346	1	6
21	1.00	1.562	11.619	1.951	7.280	1	5
22	3.00	.555	4.132	-.073	-.272	1	6
23	4.00	-.093	-.694	-.662	-2.470	1	6
24	3.00	-.052	-.385	-.634	-2.365	1	6
25	3.00	.124	.926	-.945	-3.524	1	6
26	3.00	.181	1.345	-.615	-2.293	1	6
27	3.00	.375	2.789	-.356	-1.327	1	6
28	3.00	.375	2.788	-.355	-1.324	1	6
29	1.00	2.442	18.168	6.664	24.860	1	5
30	2.00	.755	5.614	-.085	-.318	1	6
31	3.00	.271	2.014	-.529	-1.973	1	6
32	3.00	.312	2.320	-.522	-1.948	1	6
33	1.00	1.858	13.818	3.526	13.152	1	6
34	2.00	.617	4.587	-.072	-.269	1	6
35	1.00	1.434	10.670	1.625	6.063	1	6
36	3.00	.306	2.273	-.262	-.976	1	6
37	2.00	.984	7.323	.467	1.742	1	6
38	1.00	1.561	11.614	1.963	7.323	1	5
39	3.00	.300	2.232	-.205	-.766	1	6
40	2.00	1.345	10.003	1.683	6.278	1	6
41	3.00	.379	2.820	-.591	-2.205	1	6
42	4.00	.066	.494	-.693	-2.586	1	6
43	2.00	1.399	10.407	1.627	6.070	1	6

**Fiabilidade:** a consistência interna é avaliada através do *Alpha de Cronbach*, tendo a escala apresentado um valor de 0,955 o que corresponde a uma classificação qualitativa de excelente, segundo Maroco & Garcia-Marques (2006). Analisando os valores obtidos pelos itens de alpha quando o item é eliminado, conclui-se que não é necessário a exclusão de nenhum, dado não se obter o aumento do valor de alfa global. Especificamente, quanto aos itens 2, 29 e 33, o valor de alfa para a sua exclusão é respetivamente, 0,955; 0,955 e 0,954. Ainda a partir da análise destes valores pode-se determinar que todos os itens têm variâncias muito semelhantes.

**Validade Fatorial:** Com o intuito de validar a adequação da amostra para a utilização do método análise fatorial exploratória dos principais componentes, calculou-se a medida Kaiser-

Meyer-Olkin (KMO), que apresentou um valor superior a 0,5 (KMO = 0,935). A estrutura fatorial foi obtida recorrendo-se uma análise fatorial exploratória, em componentes principais, com rotação varimax tendo-se obtido um conjunto de 7 fatores (ver anexo 3), contrariamente ao estabelecido na escala original de Webster (1993).

**Tabela 5.** Pesos fatoriais obtidos na análise fatorial exploratória, consistência interna (Alpha de Cronbach), Eigenvalue, Variância Explicada e Correlação entre fatores da RFS (calculado pelo coeficiente de correlação de Pearson) (N= 329).

Itens	Fatores						
	Identidade /Resolução de problemas	Red. do aborrecim./ Ressurg. da amargura	Conversação	Preparação para a morte	Manutenção da Intimidade	Planear o futuro e bem-estar	Ensinar/Informar
8	0.622						
10	0.558						
12	0.577						
18	0.640						
24	0.519						
26	0.607						
31	0.627						
32	0.751						
36	0.756						
39	0.739						
42	0.524						
11		0.495					
13		0.723					
15		0.517					
16		0.574					
17		0.634					
19		0.569					
21		0.428					
40		0.769					
43		0.738					
6			0.506				
7			0.497				
22			0.527				
27			0.471				
28			0.727				
30			0.493				

Tabela 5. Pesos fatoriais obtidos na análise fatorial exploratória, consistência interna (Alpha de Cronbach), Eigenvalue, Variância Explicada e Correlação entre fatores da RFS (calculado pelo coeficiente de correlação de Pearson) (N= 329).

Itens	Fatores						
	Identidade /Resolução de problemas	Red. do aborrecim./ Ressurg. da amargura	Conversaço	Preparaço para a morte	Manutenço da Intimidade	Planear o futuro e bem-estar	Ensinar/Informar
34			0.671				
37			0.546				
2				0.563			
29				0.715			
33				0.801			
35				0.656			
38				0.681			
5					0.812		
14					0.770		
25					0.878		
41					0.505		
3						0.520	
4						0.639	
9						0.491	
1							0.763
20							0.612
23							0.755
Alpha de Cronbach	0.912	0.888	0.863	0.856	0.861	0.660	0.774
Eigenvalue	15.297	3.565	2.256	1.704	1.626	1.442	1.175
Vari, Explicada (%)	35.57	8.29	5.25	3.96	3.78	3.35	2.73
Identidade /Resoluço de problemas	1	0.611***	0.668***	0.472***	0.560***	0.596***	0.564***
Reduço do aborrecimento/ Ressurgimento da amargura		1	0.643***	0.621***	0.497***	0.622***	0.306***
Conversaço			1	0.589***	0.464***	0.608***	0.542***
Preparaço para a morte				1	0.373***	0.572***	0.267***
Manutenço da Intimidade					1	0.457***	0.304***
Planear o futuro e bem-estar						1	0.348***
Ensinar/Informar							1

Nota: \*p <0.05; \*\*p <0.01; \*\*\*p <0.001

O primeiro fator explica 35.57% da variância dos resultados, satura em 11 itens e designa-se por Identidade/Resolução de Problemas uma vez que inclui itens como por exemplo, “Porque me ajuda a compreender em que é que mudei e em que é que me mantive na mesma”, “Para me lembrar que tenho as competências necessárias para lidar com os problemas atuais”, “Porque me dá um sentido de identidade pessoal” ou “Para analisar como é que as minhas capacidades me ajudam a resolver um problema atual”, entre outros. Este fator apresenta um Alpha de 0.912, qualitativamente classificado como muito bom. Os valores obtidos relativamente à relação entre este e os restantes fatores, calculado pelo coeficiente de correlação de Pearson, são estatisticamente significativos e qualitativamente podem classificar-se como correlações moderadas positivas (ver tabela 5).

O segundo fator explica 8.29% da variância dos resultados, satura em 9 itens e é denominado por Redução do aborrecimento/Ressurgimento da amargura, uma vez que inclui itens como “Para manter vivas memórias dolorosas”, “Para reavivar memórias amargas”, “Por não ter outra estimulação mental melhor”, entre outros. Este fator apresenta um Alpha de 0.888, qualitativamente classificado como bom. Os valores obtidos quanto à correlação entre este e os restantes fatores são estatisticamente significativos e variam qualitativamente entre correlações moderadas positivas e correlações fracas positivas com os fatores Manutenção da Intimidade e Ensinar/Informar (ver tabela 5).

O terceiro fator explica 2.26% da variância dos resultados, é composto por 8 itens e é classificado de Conversação uma vez que inclui itens como “Para estimular a conversação”, “Para criar laços entre os velhos e os novos amigos”, “Para reduzir as diferenças entre gerações”, entre outros. Este fator apresenta um Alpha de 0.863, qualitativamente classificado como bom e uma relação, avaliado pelo coeficiente de correlação de Pearson, com os restantes fatores moderada positiva e fraca positiva com o fator Manutenção da intimidade, sendo todos os valores encontrados estatisticamente significativos (ver tabela 5).

O quarto fator explica 1.704% da variância dos resultados, satura em 5 itens e designa-se por Preparação para a morte dado incluir itens como “Porque me ajuda a preparar para a minha morte”, “Porque depois de terminar o processo de reminiscência tenho menos medo da morte”, “Porque me ajuda a lidar com os pensamentos acerca da minha mortalidade” entre outros. Este fator apresenta um Alpha de 0.856, qualitativamente classificado como bom. Os valores obtidos relativamente à correlação entre este e os restantes fatores são estatisticamente significativos e qualitativamente podem classificar-se como correlações moderadas positivas (ver tabela 5)

O quinto fator explica 1.626% da variância dos resultados, é composto por 4 itens e classifica-se como Manutenção da Intimidade uma vez que inclui os seguintes itens: “Para recordar alguém que tenha falecido”, “Para recordar pessoas de quem fui próximo, mas que já não fazem parte da minha vida”, “Por lealdade, para manter viva a memória de alguém próximo que tenha falecido” e “Para manter viva a memória de um ente querido falecido”. Este fator apresenta um Alpha de 0.861, qualitativamente classificado como bom e uma

relação com os restantes fatores, avaliado pelo coeficiente de correlação de Pearson, moderada positiva e fraca positiva com o fator Ensinar/Informar (ver tabela 5).

O sexto fator explica 1.442% da variância dos resultados, satura em 3 itens e designa-se por Planear o futuro e bem-estar, dado incluir os seguintes itens “Porque me ajuda a preencher o tempo em momentos difíceis”, “Para me ajudar a planear o futuro” e “Porque me transmite paz interior à medida que me aproximo do final da minha vida”. Este fator apresenta um Alpha de 0.660, qualitativamente classificado como fraco e uma correlação com os restantes fatores moderada positiva e fraca positiva com o fator ensinar informar, sendo que todos os valores obtidos são estatisticamente significativos (ver tabela 5).

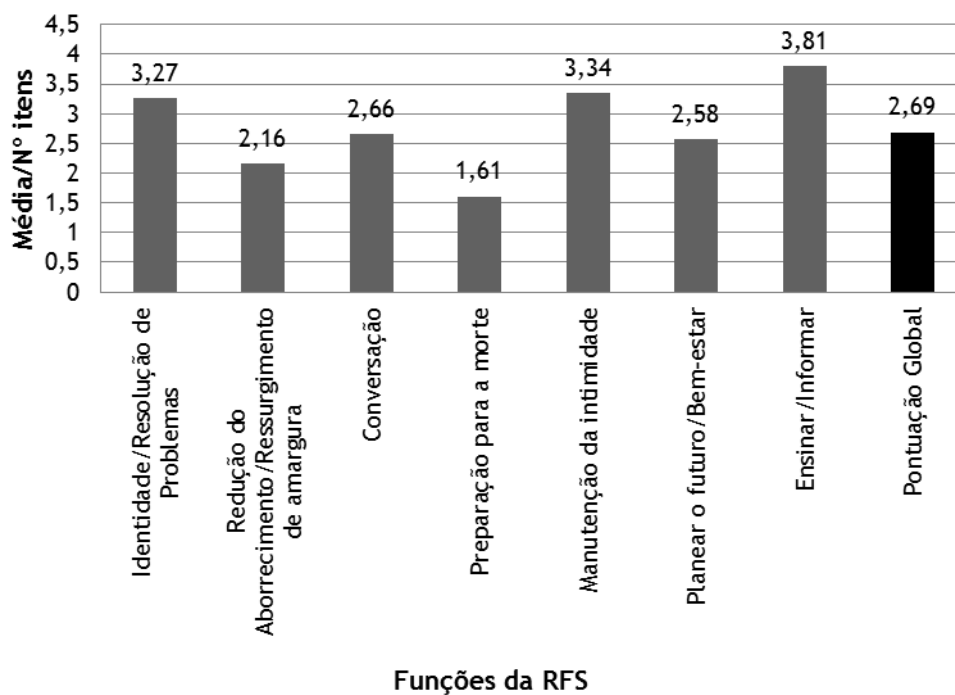
O sétimo fator explica 1.175% da variância dos resultados, satura em 3 itens e classifica-se de Ensinar/Informar, uma vez que inclui os seguintes itens: “Para ensinar aos membros mais novos da minha família como era a vida, quando era mais novo e vivia noutra época”, “Para transmitir a outras pessoas conhecimentos que tenha adquirido” e “Para transmitir aos mais jovens valores culturais”. Este fator apresenta um Alpha de 0.774, qualitativamente classificado como razoável e uma correlação, avaliado pelo coeficiente de Pearson, fraca positiva com a maioria dos fatores e moderada com os fatores Identidade/Resolução de Problemas e Conversação (ver tabela 5).

## 4.2. Resultados

Relativamente à frequência com que cada função da RFS é utilizada conclui-se, através da análise dos valores obtidos na divisão da Média pelo número de itens constituintes de cada função (ver tabela 6), que os participantes utilizam a reminiscência principalmente com o propósito de ensinar/informar ( $M= 11.42$ ;  $DP= 2.94$ ). Como mais frequentes surgem ainda as funções de manutenção da intimidade ( $M= 13.37$ ;  $DP= 4.72$ ) e desenvolvimento da identidade/resolução de problemas atuais ( $M= 35.97$ ;  $DP= 9.91$ ). Ainda de um modo decrescente, seguem-se da de maior para menor uso, as funções conversação ( $M= 21.25$ ;  $DP= 6.86$ ), Planear o futuro/Bem-estar ( $M= 7.75$ ;  $DP= 2.88$ ) e redução do aborrecimento/resolução de problemas ( $M= 19.44$ ;  $DP= 7.04$ ), sendo a função menos utilizada a de preparação para a morte ( $M= 8.04$ ;  $DP= 3.78$ ) (ver figura 5). Globalmente, e considerando que o valor máximo que pode ser obtido na última coluna da tabela 6 é 6 (ponderado teoricamente) pode-se considerar que os participantes utilizam o processo de reminiscência individual com uma frequência média que qualitativamente pode ser classificada de “Algumas vezes”, sendo o mínimo “Nunca” (que corresponde ao valor 1) e o máximo “Muito Frequentemente” (que corresponde ao valor 6).

**Tabela 6.** Média obtida em cada uma das funções da RFS e respetiva medida global, análise da frequência do uso de cada função (N= 329)

Funções da RFS	Média	DP	Média/Nº itens
Identidade/Resolução de Problemas	35.97	9.91	3.27
Redução do Aborrecimento/Ressurgimento de amargura	19.44	7.04	2.16
Conversação	21.25	6.86	2.66
Preparação para a morte	8.04	3.78	1.61
Manutenção da intimidade	13.37	4.72	3.34
Planear o futuro/Bem-estar	7.75	2.88	2.58
Ensinar/Informar	11.42	2.94	3.81
Pontuação Global	115.86	30.16	2.69



**Figura 5:** Valor da média obtida a dividir pelo número de itens constituintes de cada função da RFS (frequência relativa de cada função).

Quanto às diferenças observadas consoante o género do cuidador no uso das diferentes funções da reminiscência individual, avaliadas pela RFS, não se observam valores estatisticamente significativos. No entanto, analisando a média obtida por cada um dos



grupos (masculino e feminino), conclui-se que os participantes do sexo feminino, apresentam sempre médias superiores em cada uma das funções (ver tabela 7), à exceção da função conversação ( $t(327) = 0.134$ ;  $p = 0.893$ ), onde os participantes de sexo masculino apresentam uma média superior ( $M= 21.35$ ;  $DP= 7.358$ ) aos do sexo feminino ( $M= 21.22$ ;  $DP= 6.748$ ).

**Tabela 7.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de participantes dos géneros feminino e masculino, nas funções da RFS (calculado pelo Tstudent) (N= 329).

Funções da RFS	Género	N	M	DP	Df	t
Identidade/Resolução de Problemas	Masculino	62	34.66	9.825	327	-1.157
	Feminino	267	36.28	9.925		
Redução do Aborrecimento/Ressurgimento de amargura	Masculino	62	18.66	7.281	327	-.964
	Feminino	267	19.62	6.981		
Conversação	Masculino	62	21.35	7.358	327	.134
	Feminino	267	21.22	6.748		
Preparação para a morte	Masculino	62	7.29	2.972	327	-1.731
	Feminino	267	8.21	3.927		
Manutenção da intimidade	Masculino	62	12.39	4.263	327	-1.823
	Feminino	267	13.60	4.796		
Planear o futuro/Bem-estar	Masculino	62	7.63	2.943	327	-.360
	Feminino	267	7.78	2.870		
Ensinar/Informar	Masculino	62	11.18	3.060	327	-.720
	Feminino	267	11.48	2.910		

Nota: \* $p < 0.05$ ; \*\* $p < 0.01$ ; \*\*\* $p < 0.001$

Relativamente às diferenças existentes nas funções da reminiscência individual consoante as habilitações literárias dos participantes (tabela 8), não se observam valores estatisticamente significativos entre os três grupos descritos e as funções avaliadas pela RFS, à exceção da função Redução do Aborrecimento/Ressurgimento da amargura ( $F(2;326) = 14.096$ ;  $p = 0.000$ ). Os participantes com o 6º e 9ºanos utilizam assim, mais frequentemente

esta função ( $M= 22.15; DP= 8.448$ ) comparativamente aos restantes grupos, sendo que os inquiridos que possuem formação de nível superior a utilizam menos ( $M= 17.02; DP= 5.174$ ).

Globalmente, ainda que não se tenham obtidos valores estatisticamente significativos ( $F(2;326)= 2.849; p= 0.059$ ), por ordem decrescente de uso da reminiscência individual tendo como propósito as funções mensuradas pela RFS, temos que os participantes com o 6º e 9º ano utilizam mais este processo ( $M= 122.55; DP= 36.80$ ), seguindo-se os participantes com o 12º ano ( $M= 116.65; DP= 28.925$ ) e por último os que têm uma formação académica superior ( $M= 111.57; DP= 27.317$ ).

Neste estudo, a única função onde se observa uma inversão desta tendência é na de Ensinar/Informar, onde apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas ( $F(2;326) = 0.073; p = 0.930$ ) os participantes com uma formação académica superior parecem utilizar mais esta função ( $M= 11.50; DP= 2.824$ ) comparativamente aos restantes grupos.

**Tabela 8.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de participantes com habilitações literárias distintas, nas diferentes funções da RFS (calculado através da ANOVA) (N= 329).

Funções da RFS	Habilitações Literárias	n	M	DP	Df (B;W)	F
Identidade/Resolução de Problemas	6º e 9º anos	62	36.29	10.973	(2;326)	.211
	12º ano	144	35.57	9.380		
	Ensino Superior	123	36.28	10.022		
Redução do Aborrecimento/Ressurgimento de amargura	6º e 9º anos	62	22.15	8.448	(2;326)	14.096***
	12º ano	144	20.34	7.161		
	Ensino Superior	123	17.02	5.174		
Conversaão	6º e 9º anos	62	22.77	8.507	(2;326)	2.263
	12º ano	144	21.22	6.417		
	Ensino Superior	123	20.51	6.338		
Preparação para a morte	6º e 9º anos	62	8.47	4.307	(2;326)	2.429
	12º ano	144	8.35	3.907		
	Ensino Superior	123	7.45	3.265		
Manutenção da intimidade	6º e 9º anos	62	14.02	5.342	(2;326)	1.041
	12º ano	144	13.43	4.227		
	Ensino Superior	123	12.97	4.924		

**Tabela 8.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de participantes com habilitações literárias distintas, nas diferentes funções da RFS (calculado através da ANOVA) (N= 329).

Funções da RFS	Habilitações Literárias	n	M	DP	Df (B;W)	F
Planear o futuro/ Bem-estar	6º e 9º anos	62	8.34	3.324	(2;326)	1.661
	12º ano	144	7.66	2.743		
	Ensino Superior	123	7.55	2.779		
Ensinar/Informar	6º e 9º anos	62	11.34	3.274	(2;326)	.073
	12º ano	144	11.39	2.897		
	Ensino Superior	123	11.50	2.824		
Medida Global	6º e 9º anos	62	122.55	36.80	(2;326)	2.849
	12º ano	144	116.65	28.925		
	Ensino Superior	123	111.57	27.317		

Nota: \*p <0.05; \*\*p <0.01; \*\*\*p <0.001

Os resultados obtidos permitem concluir que existem diferenças estatisticamente significativas na comparação da utilização das funções da reminiscência individual entre os dois grupos etários definidos (23-38 e 39-60), à exceção da função ensinar informar ( $t(327) = -0.298$ ;  $p = 0.766$ ). As funções que apresentam valores estatisticamente mais significativos são a de Redução do Aborrecimento/Ressurgimento da Amargura ( $t(327) = 4.387$ ;  $p = 0.000$ ), a de Preparação para a morte ( $t(327) = 4.015$ ;  $p = 0.000$ ) e a de Planear o futuro/Bem-estar ( $t(327) = 3.683$ ;  $p = 0.000$ ), o que significa que entre os grupos de inquiridos mais novos e mais velhos existem diferenças no propósito com que estes utilizam a reminiscência individual. Assim, o grupo composto pelos participantes com idades compreendidas entre os 23 e os 38 anos utiliza mais estas três funções, obtendo respetivamente  $M=20.87$  ( $DP=7.575$ ),  $M=8.74$  ( $DP=4.248$ ) e  $M=8.24$  ( $DP=3.000$ ).

Ainda que não sejam estatisticamente tão significativos como os valores encontrados para as funções já referidas, os resultados obtidos nas restantes funções, Identidade/Resolução de Problemas ( $t(327) = 3.075$ ;  $p = 0.002$ ), Conversação ( $t(327) = 2.492$ ;  $p = 0.013$ ) e Manutenção da Intimidade ( $t(327) = 2.182$ ;  $p = 0.030$ ) permitem afirmar que existem diferenças significativas entre os dois grupos etários, tal como se observa na tabela 9, verificando-se também uma maior frequência de uso no grupo etário mais jovem comparativamente ao mais velho.

**Tabela 9.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de participantes de faixas etárias diferentes, nas funções da RFS (calculado pelo Tstudent) (N= 329).

Funções da RFS	Grupos Etários	n	M	DP	Df	t
Identidade/Resolução de Problemas	23-38	188	37.41	9.960	327	3.075**
	39-60	141	34.06	9.548		
Redução do Aborrecimento/ Ressurgimento de amargura	23-38	188	20.87	7.575	327	4.387***
	39-60	141	17.52	5.739		
Conversaço	23-38	188	22.06	6.766	327	2.492*
	39-60	141	20.17	6.849		
Preparaço para a morte	23-38	188	8.74	4.248	327	4.015***
	39-60	141	7.09	2.790		
Manutenço da intimidade	23-38	188	13.86	4.697	327	2.182*
	39-60	141	12.72	4.683		
Planear o futuro/ Bem-estar	23-38	188	8.24	3.000	327	3.683***
	39-60	141	7.09	2.576		
Ensinar/Informar	23-38	188	11.38	3.052	327	-.298
	39-60	141	11.48	2.784		

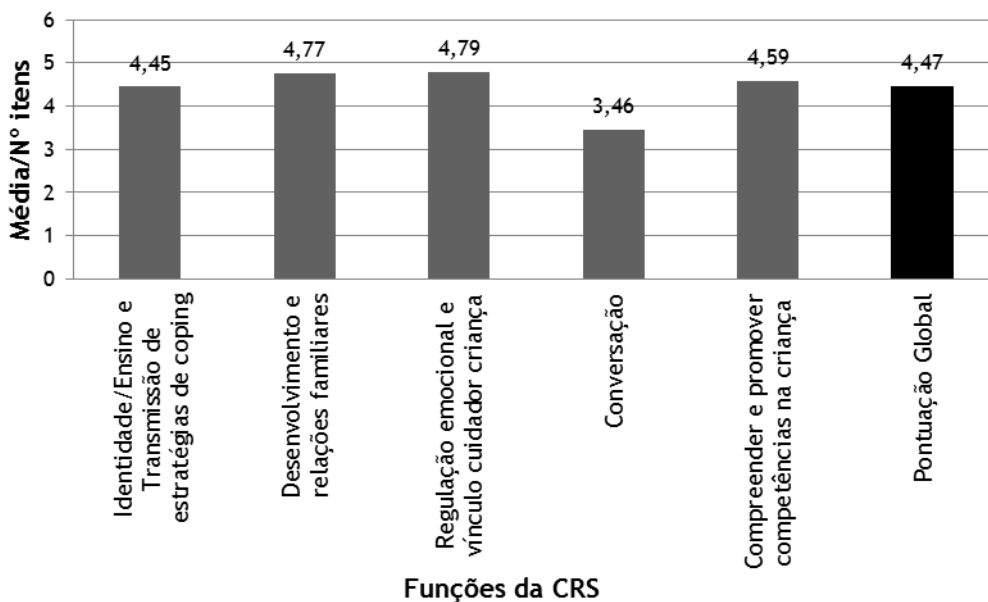
Nota: \* p <0.05; \*\*p <0.01; \*\*\*p <0.001

Relativamente aos dados obtidos na CRS, conclui-se quanto à frequência com que cada função é utilizada, medida pela divisão da Média de cada fator pelo número de itens que o constitui, a seguinte ordem decrescente de uso: a mais utilizada, a função de regulação emocional e vínculo cuidador criança (M= 28.75; DP= 7.351), seguindo-se a função referente à promoção do desenvolvimento e das relações familiares (M= 47.68; DP= 11.432) e a de compreensão e promoção de competências na criança (M= 18.36; DP= 5.017). Como menos utilizada pelos inquiridos neste estudo, surge a função Conversaço (M= 17.30; DP= 7.161) tal como representado na figura 6.

Globalmente, e considerando que o valor máximo que pode ser obtido na última coluna da tabela 10 é 7 (ponderado teoricamente) pode-se considerar que os participantes utilizam o processo de reminiscência conjunta com uma frequência que qualitativamente pode ser classificada de “Algumas vezes”, sendo o mínimo “Nunca” (que corresponde ao valor 1) e o máximo “Muito Frequentemente” (que corresponde ao valor 7).

**Tabela 10.** Média obtida em cada uma das funções da CRS e respetiva pontuação global, análise da frequência do uso de cada função (N= 313)

Funções da CRS	Média	DP	Média/Nº itens
Identidade/Ensino e Transmissão de estratégias de coping	66.76	18.012	4.45
Desenvolvimento e relações familiares	47.68	11.432	4.77
Regulação emocional e vínculo cuidador criança	28.75	7.351	4.79
Conversa	17.30	7.161	3.46
Compreensão e promoção de competências na criança	18.36	5.017	4.59
<b>Pontuação Global</b>	<b>178.84</b>	<b>43.58</b>	<b>4.47</b>



**Figura 6:** Valor da média obtida a dividir pelo número de itens constituintes de cada função da RFS (frequência relativa de cada função).

Na análise de dados realizada encontram-se valores estatisticamente significativos que reiteram a existência de diferenças entre os cuidadores do gênero masculino e feminino no uso do processo de reminiscência conjunta. Assim, observa-se que em todas as funções constituintes da escala CRS, as cuidadoras do sexo feminino pontuam mais, ou seja apresentam uma média superior, tal como se observa na tabela 11. No entanto, estas diferenças só assumem valores estatisticamente significativos nas funções de Identidade/Ensino e transmissão de estratégias de coping ( $t(311) = -2.031$ ;  $p = 0.043$ ), de Desenvolvimento e relações familiares ( $t(311) = -2.130$ ;  $p = 0.034$ ) e de Compreensão e promoção de competências na criança ( $t(311) = -2.590$ ;  $p = 0.010$ ). Nesta última função é onde se observam diferenças entre os dois grupos estatisticamente mais significativas.

**Tabela 11.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de cuidadores dos gêneros feminino e masculino, nas funções da CRS (calculado pelo teste Tstudent) (N= 313).

Funções da CRS	Gênero	N	M	DP	Df	t
Identid./Ensino e Transmissão de estratégias de coping	Masculino	60	62.53	20.293	311	-2.031*
	Feminino	253	67.76	17.320		
Desenvolvimento e relações familiares	Masculino	60	44.87	13.722	311	-2.130*
	Feminino	253	48.34	10.743		
Regulação emocional e vínculo cuidador criança	Masculino	60	27.70	8.160	311	-1.233
	Feminino	253	29.00	7.140		
Conversaço	Masculino	60	16.58	7.905	311	-.858
	Feminino	253	17.47	6.980		
Compreensão e promoção de competências na criança	Masculino	60	16.87	6.072	311	-2.590**
	Feminino	253	18.72	4.677		

Nota: \*p <0.05; \*\*p <0.01; \*\*\*p <0.001

Neste estudo obtêm-se também resultados que sugerem a existência de diferenças no uso das funções da reminiscência conjunta avaliadas pela CRS, consoante as habilitações literárias que o cuidador possui, tal como demonstrado na tabela 12. Assim, ainda que o nível de significância varie, em todas as funções, á exceção da função Compreensão e promoção de competências na criança ( $F(2;310) = 2.968$ ;  $p = 0.053$ ), se encontram diferenças estatisticamente significativas, sendo que através da comparação das médias se conclui, que

o grupo com o 6º e 9º ano é o que mais pontua e o grupo com formação superior o que menos pontua em cada função, à semelhança dos resultados encontrados na escala de avaliação da reminiscência individual, a RFS.

Especificamente é na função Conversação ( $F(2;310)= 10.577$ ;  $p= 0.000$ ) que se encontram diferenças mais significativas, seguindo-se as funções de Identidade/Ensino e transmissão de estratégias de coping ( $F(2;310)= 5.172$ ;  $p= 0.006$ ) e Desenvolvimento e relações familiares ( $F(2;310)= 5.458$ ;  $p= 0.005$ ) e por fim, a Regulação emocional e vínculo cuidador criança ( $F(2;310)= 5.932$ ;  $p= 0.003$ ).

**Tabela 12.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de cuidadores com habilitações literárias distintas, nas funções da CRS (calculado pelo teste ANOVA) (N= 313)

Funções da CRS	Habilitações Literárias	N	M	DP	Df (B;W)	F
Identidade/Ensino e Transmissão de estratégias de coping	6º e 9º anos	56	70.79	18.510		
	12º ano	138	68.57	17.343	(2;310)	5.172**
	Ensino Superior	119	62.76	17.921		
Desenvolvimento e relações familiares	6º e 9º anos	56	50.66	11.405		
	12º ano	138	48.64	10.565	(2;310)	5.458**
	Ensino Superior	119	45.15	11.983		
Regulação emocional e vínculo cuidador criança	6º e 9º anos	56	30.86	7.377		
	12º ano	138	29.33	7.267	(2;310)	5.932**
	Ensino Superior	119	27.09	7.137		
Conversação	6º e 9º anos	56	20.02	7.761		
	12º ano	138	18.02	6.953	(2;310)	10.577***
	Ensino Superior	119	15.18	6.538		
Compreensão e promoção de competências na criança	6º e 9º anos	56	18.79	5.176		
	12º ano	138	18.94	5.030	(2;310)	2.968
	Ensino Superior	119	17.49	4.841		

Nota: \* $p < 0.05$ ; \*\* $p < 0.01$ ; \*\*\* $p < 0.001$

Sendo um dos objetivos deste estudo avaliar se os cuidadores alteram o tipo de funções com que utilizam a reminiscência conjunta consoante estejam a usar este processo com crianças do sexo masculino ou do sexo feminino, realizaram-se testes de diferenças inter-grupos (especificamente o teste t-Student para amostras independentes). Os resultados obtidos, tal como descrito na tabela 13 não são estatisticamente significativos para nenhuma das funções, logo não se corrobora a existência de diferenças entre géneros. Ainda assim, analisando as médias obtidas pelos dois grupos em cada uma das funções, os dados encontrados sugerem que os cuidadores utilizam mais todas as funções com os filhos do género masculino.

Os valores que se encontram na pontuação global ( $t(310) = 1.194$ ;  $p = 0.233$ ), ainda que também não sejam estatisticamente significativos, corroboram o supra descrito, dado os rapazes apresentarem uma média de 181.66 (DP = 44.25) e as raparigas uma média de 175.75 (DP = 42.86).

**Tabela 13.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de crianças dos géneros masculino e feminino, nas funções da CRS (calculado pelo teste Tstudent) (N= 313).

Funções da CRS	Género	N	M	DP	Df	t
Identid./Ensino e Transmissão de estratégias de coping	Masculino	166	68.22	18.166	310	1.511
	Feminino	146	65.14	17.808		
Desenvolvimento e relações familiares	Masculino	166	48.07	11.671	310	.651
	Feminino	146	47.23	11.218		
Regulação emocional e vínculo cuidador criança	Masculino	166	29.32	7.172	310	1.388
	Feminino	146	28.16	7.516		
Conversa	Masculino	166	17.54	7.472	310	.632
	Feminino	146	17.03	6.831		
Compreensão e promoção de competências na criança	Masculino	166	18.51	4.948	310	.539
	Feminino	146	18.20	5.123		
Pontuação Global	Masculino	166	181.66	44.25	310	1.194
	Feminino	146	175.75	42.86		

Nota: \*p <0.05; \*\*p <0.01; \*\*\*p <0.001



Relativamente às diferenças encontradas nas funções medidas pela CRS e utilizadas pelos cuidadores, consoante o período escolar ou pré-escolar em que a criança se encontra, conclui-se à exceção da função Identidade/Ensino e Transmissão de estratégias de coping ( $t(311)= 1.612$ ;  $p= 0.108$ ), que todos os resultados obtidos foram estatisticamente significativos. Assim especificamente, as funções que apresentam maior significância são a Regulação emocional e vínculo cuidador-criança ( $t(311)= 2.690$ ;  $p= 0.008$ ) e a função Compreensão e promoção de competências na criança ( $t(311)= 2.988$ ;  $p= 0.003$ ), seguindo-se as funções de Desenvolvimento e relações familiares ( $t(311)= 2.250$ ;  $p= 0.025$ ) e Conversação ( $t(311)= 2.292$ ;  $p= 0.023$ ). Em todas as funções, o grupo pré-escolar apresenta médias superiores ao grupo escolar tal como se observa na tabela 14.

**Tabela 14.** Resultados do teste de diferenças inter grupos de crianças com idades pré-escolar e escolar, nas funções da CRS (calculado pelo teste Tstudent) (N= 313)

Funções da CRS	Grupos	n	M	DP	Df	t
Identid./Ensino e Transmissão de estratégias de coping	Pré-escolar	161	68.35	17.518	311	1.612
	Escolar	152	65.07	18.428		
Desenvolvimento e relações familiares	Pré-escolar	161	49.08	11.091	311	2.250*
	Escolar	152	46.19	11.636		
Regulação emocional e vínculo cuidador criança	Pré-escolar	161	29.83	7.241	311	2.690**
	Escolar	152	27.61	7.318		
Conversaço	Pré-escolar	161	18.19	7.301	311	2.292*
	Escolar	152	16.35	6.908		
Compreensão e promoço de competências na criança	Pré-escolar	161	19.17	5.009	311	2.988**
	Escolar	152	17.50	4.895		

Nota: \*p <0.05; \*\*p <0.01; \*\*\*p <0.001

O último objetivo deste estudo consiste na análise da relação entre cada uma das funções da RFS com as funções da CRS, sendo que globalmente para todas as correlações calculadas foram encontrados valores estatisticamente muito significativos verificando-se sempre que  $p < 0.001$ , tal como aparece na tabela 15. Especificamente, a função Identidade/Resolução de Problemas da RFS, relaciona-se de forma moderada positiva com as funções Identidade/ Ensino e Transmissão de estratégias de coping ( $r = 0.403$ ;  $p = 0.000$ ) e Desenvolvimento e relações familiares ( $r = 0.435$ ;  $p = 0.000$ ) da CRS, o que sugere que quanto maior for a utilização desta função, maior serão as utilizações das funções referidas da CRS.

Com as restantes funções da CRS, estabelece uma correlação fraca, destacando-se a função Conversação ( $r = 0.283$ ;  $p = 0.000$ ) que apesar de ser estatisticamente significativa apresenta o menor valor de correlação.

A segunda função da RFS (Redução do Aborrecimento/Ressurgimento de amargura) apresenta correlações fracas positivas com todas as funções da CRS, à exceção da correlação que estabelece com a função Conversação ( $r = 0.444$ ;  $p = 0.000$ ) considerada moderada. Assim, um maior uso desta função da RFS relaciona-se com um maior uso da função conversação na reminiscência conjunta.

A terceira função da RFS (Conversação) salienta-se por estabelecer correlações moderadas positivas, logo mais fortes, com as funções Identidade/ Ensino e Transmissão de estratégias de coping ( $r = 0.477$ ;  $p = 0.000$ ), Desenvolvimento e relações familiares ( $r = 0.508$ ;  $p = 0.000$ ), Conversação ( $r = 0.557$ ;  $p = 0.000$ ) e Compreensão e promoção de competências na criança ( $r = 0.446$ ;  $p = 0.000$ ) da CRS, o que sugere que quanto maior o uso da terceira função da RFS maior o uso das supra-descritas funções da CRS.

Quanto à quarta função da RFS (Preparação para a morte) verifica-se uma correlação fraca positiva com todas as funções da CRS, à exceção da função Conversação ( $r = 0.407$ ;  $p = 0.000$ ) com a qual estabelece uma relação moderada positiva. Por outro lado, a quinta função da RFS (Manutenção da intimidade) salienta-se por, apesar de estatisticamente significativos, apresentar os valores de correlação mais baixos com as funções da CRS, sobressaindo a função Conversação ( $r = 0.188$ ;  $p = 0.000$ ) por apresentar o menor valor obtido de todas as correlações realizadas. Ainda que apresente valores de correlações baixos, é possível concluir que uma maior utilização desta função se relacionará com um maior uso das funções da CRS.

A sexta função da RFS (Planear o futuro/Bem-estar), contrariamente correlaciona-se com todas as funções da CRS de modo moderado positivo, o que significa que um maior uso desta função, corresponde a um maior uso das funções da CRS, especificamente Identidade/Ensino e Transmissão de estratégias de coping ( $r = 0.456$ ;  $p = 0.000$ ), Desenvolvimento e relações familiares ( $r = 0.446$ ;  $p = 0.000$ ), Regulação emocional e vínculo cuidador-criança ( $r = 0.423$ ;  $p = 0.000$ ), Conversação ( $r = 0.465$ ;  $p = 0.000$ ) e Compreensão e Promoção de competências na criança ( $r = 0.410$ ;  $p = 0.000$ ).

Por fim a sétima função (Ensinar/Informar) também apresenta valores de correlação fracos positivos com as funções da CRS, tal como é descrito na tabela 15, situando-se estes coeficientes de correlação perto de um valor de 0.4, à exceção da relação com as funções Identidade/Ensino e Transmissão de estratégias de coping ( $r = 0.410$ ;  $p = 0.000$ ) e Desenvolvimento e relações familiares ( $r = 0.428$ ;  $p = 0.000$ ) com as quais estabelece uma correlação moderada positiva. Globalmente isto significa que quanto maior o uso da sétima função da RFS, maior o uso das funções da CRS, especialmente destas últimas funções referidas, uma vez que apresentam uma correlação mais forte.

**Tabela 15.** Resultados do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson entre as funções da RFS e as funções da CRS (N= 329)

Funções da RFS	Funções da CRS				
	Identidade / Ensino e Transmissão de estratégias de coping	Desenvolvimento e relações familiares	Regulação emocional e vínculo cuidador criança	Conversa	Compreensão e promoção de competências na criança
Identidade/Resolução de Problemas	.403***	.435***	.335***	.283***	.387***
Redução do Aborrecimento/ Ressurgimento de amargura	.359***	.358***	.324***	.444***	.330***
Conversa	.477***	.508***	.392***	.557***	.446***
Preparação para a morte	.346***	.339***	.304***	.407***	.307***
Manutenção da intimidade	.250***	.312***	.199***	.188***	.302***
Planear o futuro/ Bem-estar	.456***	.446***	.423***	.465***	.410***
Ensinar/Informar	.410***	.428***	.325***	.260***	.372***

Nota: \*p <0.05; \*\*p <0.01; \*\*\*p <0.001

## 5. Discussão dos resultados e conclusões

Este estudo centra-se em dois tipos específicos de reminiscência, a individual que consiste na recordação de acontecimentos de vida passados e a conjunta, que se reporta às conversas entre cuidador e criança acerca de acontecimentos passados, tendo-se encontrado para este último tipo de reminiscência, no âmbito deste estudo, pouco trabalho empírico. O processo de reminiscência conjunta pode integrar-se ou relacionar-se com a reminiscência individual e como tal este estudo pretende analisar a relação entre as funções com que os cuidadores utilizam o processo de reminiscência individual com as funções com estes utilizam o processo de reminiscência conjunta. Dados os objetivos do estudo e a inexistência de uma escala para avaliação das funções da reminiscência individual adaptada para a população portuguesa, procedeu-se no âmbito desta dissertação, à adaptação da Reminiscence Function Scale (Webster, 1993).

Relativamente ao processo de adaptação da RFS, de acordo com os procedimentos estatísticos realizados e respetivos resultados obtidos mantiveram-se os 43 itens da escala original (Webster, 1993), tendo-se alcançado através do método da análise fatorial exploratória, em componentes principais com rotação varimax, um conjunto de 7 fatores, tal como Webster (1993) inicialmente identificou. Ainda que o número de fatores se tenha mantido, estes sofreram uma reorganização, o que levou à renomeação de algumas das funções. Nesta investigação, os fatores Identidade e Resolução de Problemas surgem agrupados num só composto por 11 itens, o que apesar de não corresponder ao encontrado na reanálise elaborada por Webster (1997), segue a distribuição da primeira solução fatorial que Webster (1993) identificou aquando da construção da escala. Mantiveram-se todos os itens que na escala original compunham este fator, à exceção do item quatro (ver anexo 3).

Também os fatores redução do aborrecimento e ressurgimento da amargura surgem agrupados, o que acaba por ir ao encontro do modelo circunflexo proposto por Webster em 2003, que situa estes dois fatores no mesmo quadrante, denominado de perda orientada para o Self e que mensura, no espetro das funções que a RFS avalia, a componente mais negativa da reminiscência individual, sendo que tal como Cully e os seus colaboradores (2001) verificaram, as funções ressurgimento da amargura, redução do aborrecimento e preparação para a morte estavam associadas a sintomas de ansiedade e depressão. Esta função é constituída por 9 itens, sendo que comparativamente à escala original, só não foram mantidos os itens número 3 e 37.

Os itens constituintes das funções manutenção da intimidade e conversação na escala original mantiveram-se, tendo sido acrescentado a esta última, os itens 27, 30 e 37. Relativamente à função Preparação para a Morte foram mantidos todos os itens que compunham este fator à exceção do item nove, que juntamente com os itens 3 e 4, constituem uma nova função que se denominou de Planeamento do Futuro e Bem-estar, dado incluir a seguinte informação: “porque me ajuda a preencher o tempo em momentos difíceis”, “para me ajudar a planear o futuro” e “porque me transmite paz interior à medida

que me aproximo do final da minha vida”. Por fim, a função ensinar/informar que na escala original era composta por 5 itens, manteve 3 destes e excluíram-se os itens 30 e 27.

Relativamente aos dados obtidos com a aplicação da RFS para se descrever as funções com que a reminiscência é usada, os resultados indicam que os participantes quando utilizam o processo de reminiscência individual, mensurada pela RFS, o fazem principalmente e com maior frequência com o propósito de: utilizar as memórias pessoais para procurar coerência, valor e significado para a própria vida, consolidando o Self (função identidade); recordar memórias íntimas de relações sociais com pessoas que por motivos diversos já não fazem parte das suas vidas (função Manutenção da Intimidade); e para partilhar memórias com o intuito de transmitir uma lição de vida e partilhar ideologias pessoais (função ensinar/informar).

Como menos frequente surge a função de preparação para morte, cujos itens remetem para memórias que auxiliam o sujeito a lidar com os pensamentos acerca da própria vida, quando esta se aproxima de um fim. Este resultado poderá ser justificado pelo fato dos participantes deste estudo apresentarem um intervalo de idade muito jovem (Mínimo = 23; Máximo = 57; M = 38; DP = 5.42) e se encontrarem numa fase do ciclo de desenvolvimento em que estão centrados no contexto família e centrados em objetivos futuros, não atribuindo por isso tanto sentido a esta função. Segundo as investigações realizadas (e.g. Webster & McCall; Nelson, 1993) esta função surge como mais frequente em grupos de idosos, contribuindo para um envelhecimento adaptativo. Bluck & Alea (2009), observaram diferenças no tipo de funções utilizadas pelos idosos e por um grupo de jovens adultos, o que os levou a concluir que as funções da reminiscência se relacionam com as tarefas desenvolvimentais.

Quanto à existência de diferenças nas funções com que a reminiscência é usada entre pessoas do género feminino e masculino, tal como algumas das investigações realizadas anteriormente sugerem (Webster, 2002 cit in, Webster et al., 2010; Webster & McCall, 1999), não foram encontrados dados estatisticamente significativos. Este não é no entanto um aspeto consensual, uma vez que a literatura aponta algumas diferenças entre géneros na reminiscência relativamente ao conteúdo das memórias recuperadas e ao grau de elaboração das conversas acerca das experiências passadas (e.g. Buckner & Fivush, 1998; Fivush, 2007). Ainda relativamente às diferenças de género, estas poderão também estar a ser atenuadas por outras variáveis que exerçam maior influência como a idade ou os traços de personalidade (e.g. Cappeliez & O’Rourke, 2001).

Relativamente às habilitações literárias, da pesquisa realizada não foram encontrados outros estudos que abordassem este aspeto, tendo-se encontrado para a função de Redução do Aborrecimento/Ressurgimento de amargura, diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos definidos, 6º e 9º ano, 12º e ensino superior. O grupo com o 6º e 9º apresenta a maior frequência de uso desta função, contrariamente ao grupo do ensino superior que apresenta a menor frequência. Uma vez que esta, é uma função mais negativa, que usualmente surge associada à presença de sintomatologia depressiva e que Webster (2003) situou no quadrante de perda do self, pode considerar-se que uma possível explicação

para tais resultados se relacione com a insatisfação destes sujeitos face às suas atuais condições, uma vez que perante a atual situação económica do País, estes apresentam uma maior probabilidade de viverem em condições socio económicas mais desfavoráveis.

As investigações anteriores (e.g. Webster & McCall, 1999; Nelson, 1993) encontraram diferenças na frequência com que cada função da RFS é utilizada consoante a faixa etária dos sujeitos, sendo que tal foi reiterado pelos dados obtidos neste estudo, uma vez que em todas as funções, à exceção da função Ensinar/Informar, foram encontradas diferenças significativamente estatísticas. O que difere, entre os resultados obtidos neste estudo e os que foram encontrados noutras investigações, é o fato do grupo etário mais jovem (23-38) ter pontuado sempre mais em todas as funções comparativamente ao grupo etário mais velho (39-60). Inclusive nas funções de preparação para a morte e manutenção da intimidade, contrariamente aos resultados obtidos noutras investigações (e.g. Nelson, 1993; Webster & White, 2010). Tal poderá estar relacionado com o fato de apesar de terem sido definidos dois grupos etários, estes apresentarem no global uma idade muito jovem ( $M = 38$ ;  $DP = 5.42$ ), comparativamente às características das amostras utilizadas noutros estudos (e.g. Nelson, 1993; Webster & White, 2010). Quanto ao fato de não terem sido encontradas diferenças significativas para a função ensinar/informar, e uma vez que esta foi uma das funções em que os participantes mais pontuaram, poderá supor-se que este resultado se relaciona com o fato desta escala ter sido aplicada juntamente com a CRS, uma escala que se destina à mensuração da reminiscência conjunta, o que indiretamente poderá ter orientado os sujeitos para a reminiscência que ocorre num contexto mais social, intersujeitos e não tão intrínseco, justificando não se terem verificado diferenças entre os grupos dado estarem todos os participantes orientados para o mesmo objetivo.

Remetendo agora para a análise dos resultados obtidos pelos participantes na escala CRS, comparativamente aos obtidos na RFS, verifica-se para todas as funções frequências mais elevadas, surgindo como mais frequente a função de regulação emocional e vínculo cuidador criança. Este resultado poderá relacionar-se com a idade que os filhos destes cuidadores apresentam (período pré-escolar e escolar), uma vez que nesta fase do ciclo de desenvolvimento, as crianças ainda apresentam um elevado grau de dependência dos cuidadores, estando ainda muito centrados no contexto familiar e dependentes das díades que estabeleceram com os seus pais. As frequências observadas reiteram o carácter único que este tipo de interação assume na díade pai-filho, constituindo um processo único para o desenvolvimento da criança e aquisição de uma série de competências (e.g. Bergen & Salmon, 2010; Leyva et al., 2009; Wareham & Salmon, 2006; Reese et al., 2010; Kulkofsky, 2009).

A elevada frequência observada em todas as funções, apoia ainda o carácter social deste processo, assim como o fato deste poder ocorrer de forma inconsciente, sem que os pais lhe atribuam determinada intencionalidade até serem estimulados pela informação contida em cada item.

Relativamente às diferenças de género dos cuidadores e às variações encontradas nas funções mensuradas pela CRS destaca-se o fato de nas funções Compreender e promover

competências na criança e Identidade/Ensino e Transmissão de estratégias de coping, os dados obtidos serem estatisticamente significativos, tendo as mulheres apresentado valores mais elevados comparativamente aos homens. Tal é reiterado pelos resultados de algumas investigações que observaram esta tendência para as mulheres pontuarem mais nas escalas (Buckner & Fivush, 1998; Fivush, 2007). Paralelamente as análises realizadas ao conteúdo das reminiscências entre homens e mulheres concluiu que estes, apresentam memórias diferenciadas e independentes, o que poderá contribuir para explicar o fato de num contexto social como é o da reminiscência conjunta, estes apresentem menor frequência quando comparados com as mulheres.

Um dado relevante obtido neste estudo, foram os valores estatisticamente significativos encontrados para as distintas funções, à exceção da função compreensão e promoção de competências na criança, nos três grupos das distintas habilitações literárias. Especificamente para as quatro restantes funções (Identidade/Ensino e Transmissão de estratégias de coping, desenvolvimento e relações familiares, regulação emocional e vínculo cuidador criança e conversação), o grupo com menor habilitações literárias (6º e 9º anos) apresenta sempre maior frequência de uso de cada função e o grupo com formação superior apresenta sempre menores valores. Para tal ponderou-se duas hipóteses explicativas, uma que remete para o fato deste último grupo, por deter um nível de conhecimentos mais diferenciado ser mais crítico na análise dos itens relativizando mais o uso de cada função, ou por distribuírem os seus períodos de convivência de uma forma distinta, investindo mais noutras atividades ou fornecendo aos seus filhos mais estímulos distratores que diminuem o tempo que os pais dedicariam a esta forma de interação, como por exemplo verem televisão, jogar computador ou playstation, etc. O fato dos sujeitos com habilitações mais baixas apresentarem maior frequência de uso deste processo de reminiscência conjunta também se poderá dever ao fato destes terem ocupações profissionais que possivelmente promovem a rotina, o que poderá estimular o processo de reminiscência conjunta pela criação de hábitos como todos os dias perguntar ao filho, quando o vai buscar à escola, como é que o dia correu.

Sabe-se pelos resultados obtidos nas investigações realizadas, que o conteúdo das conversas que ambos os pais têm com os seus filhos, varia consoante o género das crianças (e.g. Buckner & Fivush, 1998; Fivush, 1998; Fivush et al. 2009; Adams et al., 1995; Kuebli & Fivush, 1992), no entanto esta tendência, com base nos resultados obtidos nesta investigação, não se mantém quanto à frequência de uso de cada umas das funções, estando esta variação mais associada à idade da criança e não tanto ao género da mesma.

No presente estudo, quanto às diferenças existentes entre o uso de cada uma das funções consoante a idade da criança se situe no período pré-escolar (3-6 anos) ou escolar (7-10 anos) encontram-se valores estatisticamente significativos para todas as funções à exceção da função Identidade/Ensino e Transmissão de Estratégias de coping, o que pode ser justificado pelo fato da criança, necessitar permanentemente, durante o seu ciclo de desenvolvimento que os seus pais a vão auxiliando na adaptação às diferentes fases do seu

percurso escolar, sendo que a sua identidade será algo que será construído ao longo de todo o ciclo vital (perspetiva do desenvolvimento ao longo do ciclo vital).

Quanto às restantes funções verificou-se que os cuidadores com filhos em idade pré-escolar, apresentam maior frequência no uso destas funções o que pode ser explicado pelo fato de no período pré-escolar, as crianças já não estarem tão centradas na sua família nuclear, mas sim orientadas para o seus grupos de pares, não sendo este aspeto mensurado pela escala, constituindo este aspeto uma limitação da escala. Engel (1995) cit in Reese and Brown (2000) salientou a importância da reminiscência com os pares para consolidar a amizade no ensino primário, com a descoberta da importância de construir relações íntimas com os colegas da mesma idade.

Por fim, relativamente à análise da relação entre as funções da reminiscência conjunta e as funções da reminiscência individual, salienta-se o nível de significância obtido em todas as correlações estabelecidas, verificando-se sempre  $p < 0.001$ . Tal sugere que os dados obtidos são estatisticamente muito significativos, o que aliado ao fato dos valores de correlação obtidos variarem entre moderada positiva a fraca positiva, permite concluir que existe uma relação entre as funções com que o sujeito recorre às suas memórias autobiográficas e o propósito com que utiliza este processo com os seus filhos. Estes dados ainda que não diretamente, acabam por reiterar o que outros estudos referiram de que as crianças aprendem com os pais como e porque recordar o passado, sendo que numa perspetiva cíclica, este conhecimento perpetuar-se-á ao longo das gerações vindouras. Ao nível da influência que estes resultados poderão ter na prática da psicologia, salienta-se que pais com um padrão de utilização da reminiscência individual de modo desadaptativo poderá desde cedo condicionar o desenvolvimento da criança que esteja ao seu cuidado. Estar despertos para este fenómeno, poderá tornar mais célere e conseqüentemente mais eficiente as intervenções que se possam vir a realizar com as crianças e respetivos cuidadores no sentido de alterar estes padrões.

Especificamente, pais que recorram ao processo de reminiscência individual com o intuito de desenvolverem o sentido de self, promoverão este desenvolvimento no seu filho também, tendendo a recorrer mais a esta função. Já pais que recorram ao processo de reminiscência com o intuito de planejar o futuro, recorrerão globalmente mais a todas as funções da CRS, o que é compreensível, uma vez que todas as funções da reminiscência conjunta se focam na estimulação da criança para alcançar novos objetivos ou desafios, auxiliando-o a desenvolver as suas competências.

Por outro lado, o fato da função de manutenção da intimidade, apresentar correlações tão fracas com os restantes fatores da reminiscência conjunta poderá relacionar-se com o fato do cuidador ao usar mais frequentemente esta função estar mais focado nas objetivos intrínsecos que pretende alcançar e não tanto nas necessidades ou desenvolvimento de outras competências na criança apresenta.

Em suma, ao recorrermos ao processo de reminiscência, conectamo-nos com outros e sentimo-nos bem connosco próprios, o que nos ajuda a superar emoções negativas, relativiza



os problemas atuais e ajuda-nos a consolidar o desenvolvimento de uma narrativa autobiográfica e um sentido de identidade, entre outros enumeráveis fins. Neste sentido, o presente estudo permitiu estabelecer uma relação entre as funções da reminiscência individual e da reminiscência conjunta, acrescentando evidências empíricas, para o postulado teoricamente, de que é através deste contexto único que é a reminiscência conjunta, que a criança irá adquirir e desenvolver uma série de competências, aprendendo através do processo de modelamento porque recordar e como o fazer.

Globalmente encontraram-se ainda relações entre a reminiscência individual e as variáveis, habilitações literárias e faixa etária e entre a reminiscência conjunta e as variáveis género, habilitações literárias do cuidador e idade da criança.

Como limitações deste estudo saliento a dificuldade de acesso à amostra necessária, e as características limitativas da mesma como a pouca heterogeneidade face à faixa etária e a discrepância entre o número de pais e mães. A ausência de estudos empíricos acerca do tema acabou por condicionar as conclusões obtidas, dado não existirem termos de comparação.

Como futuras linhas de investigação deverão realizar-se novas análises fatoriais à RFS, sugerindo-se que a escala seja aplicada sozinha, para que não aja uma tendência a estimular mais a avaliação do processo de reminiscência social em detrimento da reminiscência mais intrínseca. Dever-se-á por isso recorrer a amostras com características distintas da atual com o propósito de confirmar ou infirmar a composição fatorial encontrada. Poder-se-á futuramente realizar procedimentos estatísticos mais complexos, como a regressão linear, afim de compreender se as funções da reminiscência individual, prevêm o tipo de funções com que os pais utilizarão a reminiscência conjunta.

Uma outra linha de investigação poderá relacionar-se com a exploração do processo de reminiscência com irmãos mais velhos, com os pares ou com os avós e em famílias não tradicionais.



## Bibliografia

- Adams, S., Kuebli, J., Boyle, P. A. & Fivush, R. (1995). Gender Differences in Conversations About Past Emotions: A Longitudinal Investigation. *Sex Roles*, 33, 309-323
- Addis, D. R. & Tippett, LL. J. (2004). Memory of myself: Autobiographical memory and identify in Alzheimer's disease. *Memory*, 12, 56-74
- Afonso, R. M. L. B.M. (2011). *Reminiscência como técnica de intervenção psicológica em pessoas idosas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Afonso, R. & Bueno, B. (2010). Reminiscencia con distintos tipos de recuerdos autobiográficos: efectos sobre la reducción de la sintomatología depresiva en la vejez. *Psicotherma*, 22(2), 213-220
- Alea, N. & Bluck, S. (2003). Why are you telling me that? A conceptual model of social function of autobiographical memory. *Memory*, 11, 165-17
- Bergen, P. van & Salmon, K. (2010). The Association Between Parent-child Reminiscing and Children's Emotion Knowledge. *New Zealand Journal of Pshychology*, 39(1), 51-56
- Blankenship, L. M., Molinari, V. & Kunik, M. (1996). The Effect of a Life Review Group on the Reminiscence Functions of Geropsychiatric Impatiens. *Clinical Gerontologist*, 16, 3-18
- Bluck, S. & Alea, N. (2009). Thinking and Talking about the Past: Why Remember? *Applied Cognitive Psychology*, 23, 1089-1104
- Bluck, S. & Alea, N. (2011). Crafting the TALE: Construction of a measure to assess the functions of autobiographical remembering. *Memory*, 19(5), 470-486
- Bluck, S., Alea, N., Habermas, T. & Rubin, D. C. (2005). A TALE of three funtions: the self-reported uses of autobiographical memory. *Social Cognition*, 23(1), 91-117

- Bohanek, J. G., Marin, K. A. & Fivush, R. (2008). Family Narratives, Self, and Gender in Early Adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 28, 153-176
- Bohlmeijer, E. T., Roemar, M., Cuijpers, P. & Smit, F. (2007). The effects of reminiscence on psychological well-being in older adults: A meta-analysis. *Aging & Mental Health*, 11(3), 291-300
- Bohlmeijer, E. T., Westerhof, G. J. & Jong, M. E. (2008). The effects of integrative reminiscence on meaning in life: Results of a quasi-experimental study. *Aging & Mental Health*, 12(5), 639-646
- Buckner, J. P. & Fivush, R. (1998). Gender and Self in Children's Autobiographical Narratives. *Applied Cognitive Psychology*, 12, 407-429
- Butler, R. N. (1974). Successful Aging and the Role of the Life Review. *Journal of the American Geriatrics Society*, 22, 529-535
- Cala M.-J. & Mata, M. L. de la (2010). Gender, identity and autobiographical memory. *Estudios de Psicología*, 31(1), 3-20
- Cappeliez, P. (2008). An Explanation of the Reminiscence Bump in the Dreams of Older Adults in Terms of Life Goals and Identity. *Self and Identity*, 7, 25-33
- Cappeliez, P. & O'Rourke, N. (2002). Personality Traits and Existential Concerns as Predictors of the Functions of Reminiscence in Older Adults. *The Journals of Gerontology*, 57(2), 116-123
- Cappeliez, P., O'Rourke, N. & Chaudhury, H. (2005). Functions of Reminiscence and Mental Health in Later Life. *Aging & Mental Health*, 9, 295-3021
- Carneiro, M. P. (2008). Desenvolvimento da memória na criança: o que muda com a idade? *Psicologia Reflexão e Crítica*, 21(1), 51-59
- Cleveland, E. S., Reese, E. & Grolnick, W. S. (2007). Children's engagement and competence in personal recollection: Effects of Parents' reminiscing goals. *Journal of Experimental Child Psychology*, 96, 131-149

- Coleman, P. G. (1999). Creating a life story: the task of reconciliation. *The Gerontologist*, 39, 133-139
- Coleman, P. G. (2005). Uses of reminiscence: Functions and benefits. *Aging & Mental Health*, 9(4), 291-294
- Conway, M. A. (2005). Memory and the Self. *Journal of Memory and Language*, 53, 594-628
- Conway, M. A. & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical memories in the self-memory system. *Psychological Review*, 107, 261-288
- Cully, J. A., LaVoie, D. & Gfeller, J.D. (2001). Reminiscence, Personality, and Psychological Functioning in Older Adults. *The Gerontologist*, 1, 89-95
- Dickson, R. A., Pellemer, D. B. & Bruehl, E. C. (2011). The reminiscence bump for salient personal memories: Is a cultural life script required? *Memory & Cognition*, 39, 977-991
- Eccles, J. S. (1999). The development of children aged 6 to 14. *The Future of Children*, 9, 30-44
- Elford, H., Wilson, F., McKee, K. J., Chung, M. C., Bolton, G. & Goudie, F. (2005). Psychosocial benefits of solitary reminiscence writing: an exploratory study. *Aging & Mental Health*, 9(4), 305-314
- Fivush, R. (2007). Maternal Reminiscing Style and Children's Developing Understanding of Self and Emotion. *Clinical Social Work*, 35, 37-46
- Fivush, R., Brotman, M. A., Buckner, J. P. & Goodman, S. H. (2000). Gender differences in parent-child emotion narratives. *Sex Roles*, 42, 233-253
- Fivush, R., Haden, C. A & Reese, E. (2006). Elaborating on Elaborations: The role of Maternal Reminiscing Style in Cognitive and Socioemotional Development. *Child Development*, 77, 1568-1588

- Fivush, R., Marin, K., McWilliams, K. & Bohanek, J. G. (2009). Family Reminiscing Style: Parent Gender and Emotional Focus in Relation to Child Well Being. *Journal of Cognition and Development, 10*(3), 210-235
- Fivush, R. & Schwarzmuller, A. (1998). Children remember childhood: Implications for childhood amnesia. *Applied Cognitive Psychology, 12*, 455-473
- Fivush, R. & Vasudeva A. (2002). Remembering to Relate: Socioemotional Correlates of Mother-Child Reminiscing. *Journal of Cognition and Development, 3*(1), 73-90
- Gluck, J. & Bluck, S. (2009). Looking back across the life span: A life story account of the reminiscence bump. *Memory Cognition, 35*(8), 1928-1939
- Grolnick, W. S., Gurland, S. T., DeCoureey, W. & Jacob, K. (2002). Antecedents and consequences of mothers' autonomy support: An experimental investigation. *Development Psychology, 38*, 143-155
- Guerra, D. L. (em preparação). Reminiscência Conjunta e Bem-Estar Psicológico de Pais de Crianças em Idade Pré-Escolar e Escolar. Dissertação não publicada. Covilhã: Universidade da Beira Interior;
- Guimarães, R. C. & Cabral, J. A. S. (1998). *Estatística* (1ª Edição). Lisboa: McGraw-Hill;
- Habermas, T. & Bluck, S. (2000). Getting a life: the emergence of the life story in adolescence. *Psychological Bulletin, 126*, 748-769
- Habermas, T. & de Selveira, C. (2008). The development of global coherence in life narratives across adolescence: Temporal, causal, and thematic aspects. *Development Psychology, 44*, 707-721
- Haden, C. A. (1998). Reminiscing with different children: Relating maternal stylistic consistency and sibling similarity in talk about the past. *Developmental Psychology, 34*, 99-114

- Haden, C. A. & Ornstein, P. A. (2009). Research on Talking About the Past: The Past, Present, and Future. *Journal of Cognition and Development, 10*(3), 135-142
- Haden, C. A., Ornstein, P. A., Rudek, D. J. & Cameron, D. (2009). Reminiscing in the early years: Patterns of maternal elaborativeness and children's remembering. *International Journal of Behavioral Development, 33*, 118-130
- Haque, S. & Hasking, P. A. (2010). Life scripts for emotionally charged autobiographical memories: A cultural explanation of the reminiscence bump. *Memory, 18*(7), 712-729
- Howe, M. L. & Courage, M. L. (1993). On resolving the enigma of infantile amnesia. *Psychological Bulletin, 113*, 305-326
- Harris, C. B., Rasmussen, A. S. & Berntsen, D. (2013). The functions of autobiographical memory: An integrative approach. *Memory, 1-23*
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões* (Edição 2011). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística
- Janssen, S. M. J., Rubin, D. C. & Jacques, P. L. S. (2011). The temporal distribution of autobiographical memory: changes in reliving and vividness over the life span do not explain the reminiscence bump. *Memory Cognition, 39*, 1-11
- Jack, F., MacDonald, S., Reese, E. & Hayne, H. (2009). Maternal reminiscence style during early childhood predicts the age of adolescents' earliest memories. *Child Development, 80*, 496-505
- Joslyn, S. L. & Oakes, M. A. (2005). Directed forgetting of autobiographical events. *Memory & Cognition, 33*(4), 577-587
- Kuebli, J. & Fivush, R. (1998). Gender Differences in Parent-Child Conversations About Past Emotions. *Sex Roles, 27*, 683-698

- Kulkofsky, S. (2009). Does Why We Reminisce Reflect How You Behave? Linking Maternal Reminiscing Goals to Child Behavioural and Emotional Problems. *Infant and Child Development*, 19, 204-216
- Kulkofsky, S. (2011). Characteristics of functional joint reminiscence in early childhood. *Memory*, 19 (1), 45-55
- Kulkofsky, S. & Koh, J. B. K. (2009). Why they reminisce: Caregiver reports of the functions of joint reminiscence in early childhood. *Memory*, 17 (4), 458-470;
- Kulkofsky, S., Wang, Q. & Koh, J. B. K. (2009). Functions of Memory Sharing and Mother-Child Reminiscing Behaviors: Individual and Cultural Variations. *Journal of Cognition and Development*, 10(1-2), 92-114
- Laible, D. (2004). Mother-child discourse in two contexts: Links with child temperament, attachment security, and socioemotional competence. *Development Psychology*, 40, 979-992
- Latorre, J. M., Ricarte, J. J., Serrano, J. P., Ros, L., Navarro, B. & Aguilar, M. J. (2012). Performance in Autobiographical Memory of Older Adults with Depression Symptoms. *Applied Cognitive Psychology*
- Levy, D., Reese, E., Grolnick, W. & Price, C. (2012). Elaboration and Autonomy Support in Low-Income Mothers' Reminiscing: Links to Children's Autobiographical Narratives. *Journal of Cognition and Development*, 9(4), 363-389
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística: Com utilização do SPSS*. (3ª Edição). Lisboa: Edições Sílabo;
- Maroco, J. & Bispo, R. (2003). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas* (2ª Edição). Lisboa: Climepsi Editores;
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90;



- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM®SPSS®: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições;
- McLean, K. Breen, A. & Fournier, M. (2010). Constructing the self in early, middle, and late adolescent boys: Narrative identity, individuation, and well-being. *Journal of Research on Adolescence*, 20, 166-187
- Mening-Peterson, C. (1975). The modification of communicative behavior in preschool-aged children as a function of the listener's perspective. *Child Development*, 46, 1015-1018
- Merriam, S. B. (1993). The Uses of Reminiscence in Older Adulthood. *Educational Gerontology*, 19, 441-450
- Mezred, D., Petigenet, V., Fort, I., Blaison, C. & Gana, K. (2006). La reminiscence: Concept, fonctions et mesures-Adaptation française de la Reminiscence Funtions Scale. *Le Cahiers Internationaux de Pshychologie Sociale*, 71, 3-14
- Morris, G. Baker-Ward, L. & Bauer, P. (2010). What Remains of that Day: The Survival of Children's Autobiographical Memories Across Time. *Applied Cognitive Psychology*, 24, 527-544
- Morrison, C. M. & Conway, M. A. (2010). First words and first memories. *Cognition*, 116, 23-32
- Nelson, K. (1993). The psychological and Social Origins of Autobiographical Memory. *Psychological Science*, 4, 7-14
- Nelson, K. & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A social cultural development theory. *Psychological Review*, 111, 486-511
- Newcombe, R. & Reese, E. (2004). Evaluations and oreintations in mother-child narratives as a function of attachment security: A longitudinal investigation. *International Journal of Behavioural Development*, 28, 230-245

- Olivares, O. L. (2012). Meaning Making, Uncertainty Reduction, and Autobiographical Memory: A Replication and Reinterpretation of the TALE Questionnaire. *Psychology*, 3(2), 192-207
- Pasupathi, M. & Carstensen, L. L. (2003). Age and emotional experience during mutual reminiscing. *Psychology and Aging*, 18, 430-442
- Pereira, M. de G. & Monteiro-Ferreira, J. (2003). *Stress Traumático: Aspectos teóricos e intervenção*. Lisboa: Climepsi Editores
- Pergher, G. K. & Stein, L. M. (2008). Recuperando memórias autobiográficas: avaliação da versão brasileira do Teste de Memória Autobiográfica, *Psico*, 39(3), 299-307
- Pestana, M. H. & Gageiro, N. J. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS (5ª Edição)*. Lisboa: Edições Sílabo;
- Peterson, C., Grant, V. V. & Boland, L. D. (2005). Childhood amnesia in children and adolescents: Their earliest memories. *Memory*, 13, 622-637
- Pinquart, M. & Forstmeier, S. (2012). Effects of reminiscence interventions on psychosocial outcomes: A meta-analysis. *Aging & Mental Health*, 16(5), 541-558
- Poeschl, G. (2006). *Análise de dados na investigação em psicologia*. Coimbra: Almedina;
- Rasmussen, A. S. & Berntsen, D. (2009) Emotional valence and the functions of autobiographical memories: Positive and negative memories serve different functions. *Memory & Cognition*, 37(4), 477-492
- Rathbone, A. J., Moulin, C. J. A. & Conway, M. A. (2008). Self-centered memories; the reminiscence bump and the self. *Memory & Cognition*, 36(8), 1403-1414
- Reese, E. & Brown, N. (2000). Reminiscing and Recounting in the Preschool Years. *Applied Cognitive Psychology*, 14, 1-17

- Reese, E., Haden, C. A. & Fivush, R. (1993). Mother-child conversations about the past: Relationship of style and memory over time. *Cognitive Development*, 8, 403-430
- Reese, E., Jack, F. & White, N. (2010). Origins of adolescent's autobiographical memories. *Cognitive Development*, 25, 352-367
- Reese, E., Leyva, D., Sparks, A. & Grolnick, W. (2010). Maternal Elaborative Reminiscing Increases Low-Income Children's Narrative Skills Relative to Dialogic Reading. *Early Education & Development*, 21(3), 318-342
- Reese, E. & Newcombe, R. (2007). Training mothers in elaborative reminiscing enhances children's autobiographical memory and narrative. *Child Development*, 78, 1153-1170
- Reis, E. (2009). *Estatística Descritiva (7ª Edição)*. Lisboa: Edições Sílabo;
- Robinaugh, D. J. & McNally, R. J. (2010). Autobiographical memory for shame or guilt provoking events: Association with psychological symptoms. *Behaviour Research and Therapy*, 48, 646-652
- Robitaille, A., Cappeliez, P., Coulombe, D. & Webster, J. D. (2010). Factorial structure and psychometric properties of the reminiscence functions scale. *Aging & Mental Health*, 14(2), 184-192
- Ros, L & Latorre, J. M. (2010). Gender and age differences in the recall of affective autobiographical memories using the autobiographical memory test. *Personality and Individual Differences*, 49, 950-954
- Rubin, D. C. & Berntsen, D. (2009). The frequency of voluntary and involuntary autobiographical memories across the life span. *Memory & Cognition*, 37(5), 679-688
- Scholkind, M., Schoppel, K. & Scheiderer, E. (2012). Gender differences in autobiographical narratives: He shoots and scores; she evaluates and interprets. *Memory Cognition*, 40, 958-965

- Schroder, L., Kartner, J., Keller, H. & Chaudhary, N. (2012). Sticking out and fitting in: Culture-specific predictors of 3-years-olds' autobiographical memories during joint reminiscing. *Infant Behavior and Development, 35*, 627-634
- Schroder, L., Keller, H., Kartner, J. Kleis, A., Abels, M., Yovsi, R. D., Chaudhary, N., Jensen, H. & Papaligoura, Z. (2013). Early Reminiscing in Cultural Contexts: Cultural Models, Maternal Reminiscing Styles and Children's Memories. *Journal of Cognition and Development, 14*(1), 10-34
- Serrano, J. P, Latorre, J. M. & Gatz, M. (2005). Autobiographical memory in older adults with and without depressive symptoms. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 7*(1), 41-57
- Thomsen, D. K., Pillemer, D. B. & Ivcevic, Z. (2011). Live story chapters, specific memories and the reminiscence bump. *Memory, 19*(3), 267-279
- Tōugu, P., Tullviste, T., Schroder, L., Keller, H. & Geer, B. de (2011). Socialization of past event talk: Cultural differences in maternal elaborative reminiscing. *Cognitive Development, 26*, 142-154
- Wang, Q. (2001). "Did you have fun?" American and Chinese mother-child conversations about share experiences. *Cognitive Development, 16*, 639-715
- Wang, Q. (2006). Relations of maternal style and child self-concept to autobiographical memories in Chinese, Chinese Immigrant, and European American 3-year-olds. *Child Development, 77*, 1794-1809
- Wareham, P. & Salmon, K. (2006). Mother-child reminiscing about everyday experiences: Implications for psychological interventions in the preschool years. *Clinical Psychology Review, 26*, 535-554
- Webster, J. D. (1993). Construction and validation of the Reminiscence Functions Scale. *Journals of Gerontology: Psychological Sciences, 48*, 256-262

- Webster, J. D. (1994). Predictors of Reminiscence: A Lifespan Perspective. *Canadian Journal on Aging, 13*, 66-78
- Webster, J. D. (1997). The Reminiscence Functions Scale: A Replication. *International Journal of Aging and Human Development, 44*, 137-148
- Webster, J. D. (1998). Attachment Styles, Reminiscence Functions and Happiness in Young and Elderly Adults. *Journal of Aging Studies, 12*(3), 315-330
- Webster, J. D. (2003). The Reminiscence Circumplex and Autobiographical Memory Functions. *Memory, 11*, 203-215
- Webster, J. D., Bohlmeijer, E. T. & Westerhof, G. J. (2010). Mapping the Future of Reminiscence: A Conceptual Guide for Research and Practice. *Research on Aging, 32*(4), 527-564
- Webster, J. D. & McCall, M. E. (1999). Reminiscence Functions Across Adulthood: A Replication and Extension. *Journal of Adult Development, 6*(1), 73-85
- Westerhof, G., Bohlmeijer, E., Webster, J. D. (2010). Reminiscence and Mental Health: a review of recent progress in theory, research and interventions. *Ageing & Society, 30*(4), 697-721
- Wilson, A. E. & Ross, M. (2003). The identity functions of autobiographical memory: Time is on our side. *Memory, 11*, 137-149
- Wong, P. T. & Watt, L. M. (1991). What types of reminiscence are associated with successful aging? *Psychology and Aging, 6*, 272-279



**ANEXOS**





## **Anexo 1**

Questionário Sociodemográfico



## Questionário Socio Demográfico

As seguintes questões colocadas são relativas ao adulto que irá preencher os restantes questionários.

### 1. Que papel assume?

Pai

Mãe

Outro:

Qual?

\_\_\_\_\_

### 2. Que idade tem? \_\_\_\_\_

### 3. Quais as suas habilitações literárias? civil?

4<sup>a</sup> Ano

9<sup>o</sup> Ano

12<sup>o</sup> Ano

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

### 4. Qual é o seu estado

Solteiro(a)

Casado(a)

União de Facto

Divorciado(a)

Viúvo(a)

### 5. Atualmente está:

Desempregado

Empregado

### 6. Qual é a sua profissão? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### 7. Quantos filhos tem? \_\_\_\_\_

### 8. Indique as respetivas idades:

--	--	--	--	--	--

### 9. Qual é o seu agregado familiar (ou seja, quem vive em sua casa)?

\_\_\_\_\_



## **Anexo 2**

Consentimento Informado



ANTES DE MAIS MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO E TEMPO  
DESPENDIDO.

ESTES QUESTIONÁRIOS FAZEM PARTE DE UMA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A  
SER REALIZADA POR DUAS DISCENTES DO MESTRADO DE PSICOLOGIA  
CLÍNICA E DA SAÚDE, NA UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR.

A SUA CONTRIBUIÇÃO É FUNDAMENTAL, PELO QUE AGRADECEMOS DESDE JÁ  
A SUA PARTICIPAÇÃO.

NÃO EXISTEM RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS, APENAS LHE É PEDIDO QUE  
RESPONDA DA FORMA MAIS SINCERA E ESPONTÂNEA POSSÍVEL.

**TODA A INFORMAÇÃO SERÁ TRATADA COM ESTRITA  
CONFIDENCIALIDADE, SENDO APENAS UTILIZADOS PARA EFEITOS DESTA  
INVESTIGAÇÃO.**

A SUA PARTICIPAÇÃO SERIA EXTREMAMENTE VALIOSA PARA A NOSSA  
INVESTIGAÇÃO, MAS **SE DECIDIR NÃO RESPONDER, POR FAVOR DEVOLVA ESTE  
PROTOCOLO.**





## **Anexo 3**

Descrição dos itens que compõe os fatores constituintes  
da Escala das Funções da Reminiscência



## **FATOR 1 - IDENTIDADE/RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**

**Item 8.** Porque me ajuda a compreender em que é que mudei e em que é que me mantive na mesma.

**Item 10.** Para ver até que ponto o meu passado coincide com o meu trajeto de vida.

**Item 12.** Para me ajudar a resolver algumas dificuldades atuais.

**Item 18.** Para me lembrar que tenho as competências necessárias para lidar com os problemas atuais.

**Item 24.** Porque me dá um sentido de identidade pessoal.

**Item 26.** Porque recordar o meu passado me ajuda a definir quem sou eu.

**Item 31.** Para pôr em perspetiva problemas atuais.

**Item 32.** Para me tentar compreender melhor.

**Item 36.** Como uma forma de analisar a minha vida e para o meu desenvolvimento pessoal.

**Item 39.** Para analisar como é que as minhas capacidades me ajudam a resolver um problema atual.

**Item 42.** Para evitar repetir erros do passado no futuro.

## **FATOR 2 - REDUÇÃO DO ABORRECIMENTO/RESSURGIMENTO DA AMARGURA**

**Item 11.** Para passar o tempo em períodos de ócio ou períodos agitados.

**Item 13.** Para manter vivas memórias dolorosas.

**Item 15.** Para retomar oportunidades perdidas.

**Item 16.** Para diminuir o aborrecimento.

**Item 17.** Para recordar tempos passados, em que fui tratado de forma injusta por outros.

**Item 19.** Para aliviar a depressão.

**Item 21.** Por não ter outra estimulação mental melhor.

**Item 40.** Para reavivar memórias amargas

**Item 43.** Para manter presentes, na minha mente, memórias tristes do passado.

## **FATOR 3 - CONVERSAÇÃO**

**Item 6.** Porque me aproxima de novos amigos ou conhecidos.



**Item 7.** Porque promove o companheirismo e o sentido de pertença.

**Item 22.** Para criar laços entre os velhos e os novos amigos.

**Item 27.** Para reduzir as diferenças entre gerações.

**Item 28.** Para estimular a conversação.

**Item 30.** Para deixar um legado na história familiar.

**Item 34.** Para facilitar a conversação.

**Item 37.** Para fazer algo.

#### **FATOR 4 - PREPARAÇÃO PARA A MORTE**

**Item 2.** Para organizar a minha vida antes de morrer.

**Item 29.** Porque me ajuda a preparar para a minha morte.

**Item 33.** Porque depois de terminar o processo de reminiscência tenho menos medo da morte.

**Item 35.** Porque me ajuda a perceber que vivi uma vida plena e como tal posso aceitar a morte com mais tranquilidade.

**Item 38.** Porque me ajuda a lidar com os pensamentos acerca da minha mortalidade.

#### **FATOR 5 - MANUTENÇÃO DA INTIMIDADE**

**Item 5.** Para manter viva a memória de um ente querido falecido.

**Item 14.** Por lealdade, para manter viva a memória de alguém próximo que tenha falecido.

**Item 25.** Para recordar alguém que tenha falecido.

**Item 41.** Para recordar pessoas de quem fui próximo, mas que já não fazem parte da minha vida.

#### **FATOR 6 - PLANEAMENTO DO FUTURO/BEM-ESTAR**

**Item 3.** Porque me ajuda a preencher o tempo em momentos difíceis.

**Item 4.** Para me ajudar a planear o futuro.

**Item 9.** Porque me transmite paz interior à medida que me aproximo do final da minha vida.



## **FATOR 7 - ENSINAR/INFORMAR**

**Item 1.** Para ensinar aos membros mais novos da minha família como era a vida, quando era mais novo e vivia noutra época.

**Item 20.** Para transmitir a outras pessoas conhecimentos que tenha adquirido.

**Item 23.** Para transmitir aos mais jovens valores culturais.